

Ven. Servo de Deus  
LOURENÇO SCÚPOLI

# O COMBATE ESPIRITUAL E O CAMINHO DO PARAISO



TRADUÇÃO DE TITO DE ALENCAR



† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

**SOCIEDADE SÃO PAULO I.**  
SÃO PAULO RIO DE JANEIRO

**NIHIL OBSTAT**

S. Pauli, die 20 Sept. 1939.  
Fr. Batista Blenke, O. Carm.  
Censor.

**IMPRIMATUR**

Mons. Ernesto de Paula,  
Vig. Geral.  
S. Pauli, die 20 Sept. 1939.

---

**Direitos reservados  
para esta tradução portuguesa,**

---

---

# APRESENTAÇÃO

*Lourenço Scúpoli foi um dos maiores diretores de consciência do século XVI, e suas obras que hoje apresentamos em língua portuguesa, foram e ainda são, célebres monumentos da Ascética cristã.*

*E' de lamentar que até hoje em língua portuguesa, apenas uma única edição desta obra foi publicada — edição esta que é desconhecida tanto no Brasil, como em Portugal, onde ela foi publicada.*

*Deste fato proveio o quase esquecimento a que foi relegada, no Brasil e em Portugal, a obra imorredoura do grande Teatino italiano.*

*Nasceu Scúpoli em Otranto, em 1530. Foi batizado com o nome de Francisco Scúpoli, mas, ao fazer sua solene profissão religiosa, em 1571, tomou o nome de Lourenço de Otranto. E' conhecido porém, por Lourenço Scúpoli.*

*A 25 de Dezembro de 1577 foi ordenado sacerdote, em Placença, e dedicou-se ao santo mister*

*da direção das almas, em Milão, em Gênova e em Roma: Faleceu em Nápoles, em 1610:*

*Perfeito conhecedor dos segredos das almas douto nas matérias religiosas, cultor esforçado da ascética e da mística, Scúpoli levou no caminho da perfeição, com seu exemplo e seus conselhos, muitas almas dedicadas a Deus.*

*Um de seus dirigidos foi o jovem conde Francisco de Sales, moço ilustre, a quem sorriam as esperanças da vida, mas que, aos sábios conselhos de Scúpoli, desprezou as falácias terrenas e os braços de sua aristocracia, dedicando-se todo a Deus. E o santo bispo de Genebra nunca esqueceu as excelentes lições de seu antigo diretor: nos livros de São Francisco de Sales, máxime Filotéa, estão baseados nos conselhos que Scúpoli exara, em "O Combate Espiritual".*

*Possa a grande obra do Veneravel Servo de Deus, Lourenço Scúpoli, fazer bem a quantas almas, na gloriosa terra de Santa Cruz, porfiem por trilhar a senda augusta que leva aos páramos da Abnegação e do Amor de Deus.*

**O TRADUTOR**

---

AO SUPREMO ÇAPITÃO  
E GLORIOSÍSSIMÓ TRIUNFADOR  
JESÚS CRISTO  
FILHO DE MARIA

Agradaram sempre e ainda agradam a V. M. os sacrifícios e as ofertas dos mortais, quando oferecidas com coração puro e para glória vossa. Por isso dedico este pequeno tratado do « COMBATE ESPIRITUAL » à Vossa Majestade

Ouso apresentá-lo, não obstante a sua singeleza. Pois bem sabemos que só Vós sois o Sumo Senhor, e que Vos delectais nas cousas humildes e desprezais as vaidades e as pretensões do mundo. Como poderia eu, aliás, dedicá-lo a outrem que não a V. M, Rei do Céu e da Terra?

Tudo quanto este pequeno tratado ensina, é doutrina Vossa, já que fostes Vós que nos ensinastes a desconfiarmos de nós mesmos e confiarmos em Vós, combatendo e orando sem cessar.

Para o combate é preciso um destemido chefe, que dirija a batalha e fortaleça o ânimo dos soldados, que lutam com maior ardor, quando guiados por um general invencível. O combate espiritual não terá talvez a mesma necessidade?

|| **A** Vós pois, escolhemos, **Jesús Cristo**, (nós todos que estamos resolvidos a combater e vencer o inimigo), por **Nosso chefe**, Vós que vencestes o mundo e o príncipe das trevas, e que com a vossa morte e as chagas de vossa carne santíssima, vencestes a carne de todos aqueles que combateram e ainda combatem. Quando eu, **Senhor**, coordenava este «**Combate**», tinha sempre diante de mim aquela sentença: «**Non quod sufficientes simus cogitare aliquid a nobis quasi ex nobis**».

Se não podemos ter bons pensamentos, nem ser bons, sem o **Vosso auxílio**, como poderemos combater inimigos tão fortes, e evitar, sem **Vossa ajuda**, suas numerosas e terríveis insídias? **E' Vosso**, pois, este «**Combate**», porque **Vossa é a doutrina**, e **Vossos somos nós**, os clérigos regulares **Teatinos**. Todos nós, prostrados aos pés de **Vossa augustíssima Majestade**, **Vos** rogamos aceiteis a oferta, e que vos coloqueis em nossa chefia, animando-nos sempre com a **Vossa graça**, para que sempre mais generosamente possamos combater.

**Batalhando convosco**, estamos certos de que sairemos vencedores, para a glória vossa e da vossa **Mãe Santíssima**, a **Virgem Maria**.

**Humilde Servo**

**resgatado pelo Vosso Sangue,**

*Lourenço Scúpoli, G. R.*

*Non coronabitur nisi qui  
legitime certaverit.*

( II. TIm. II. 2. )

## CAPÍTULO I.

### **EM QUE CONSISTE A PERFEIÇÃO CRISTA. PARA CONQUISTÁ-LA É PRECISO COMBATER. QUATRO COUSAS NECESSÁRIAS PARA ESTE COMBATE**

Se queres, filha amantíssima em Cris-  
to, alcançar o cume da perfeição, chegar  
ao teu Deus, e te unires a Ele — em-  
preendimento mais nobre que quantos  
outros se possam imaginar — deves pri-  
meiro, conhecer em que consiste a ver-  
dadeira vida espiritual.

Muitos, sem pensar, julgam que ela  
cosiste na austeridade de vida, no casti-  
go da carne, nos cilícios, nos açoites, nas  
longas vigílias, nos jejuns, em outras pe-  
nitências e fadigas corporais.

Outras pessoas, mulheres especialmen-  
te, pensam ter chegado a grande perfei-  
ção, quando rezam muito, ouvem mui-  
tas missas e longos ofícios, frequentam as  
Igrejas e a Sagrada Comunhão.

Outros ainda, e entre eles, certamente,

muito religioso de convento, chegaram à conclusão de que a perfeição consiste na frequência ao coro, no silêncio, na solidão e na disciplina.

E assim variam as opiniões, e uns colocam a perfeição nisto e outros, naquilo.

A verdade porém, é muito outra. Tais ações são, às vezes, meios de se adquirir o espírito, e, às vezes, frutos do espírito. Não se pode porém, dizer que somente nestas cousas consista a perfeição cristã e o verdadeiro espírito.

Sem dúvida são poderosíssimo meio para o espírito, quando delas nos utilizamos com discreção. Dão força à nossa alma contra a nossa maldade e fragilidade; fortalecem-na contra os assaltos e as insídias do inimigo; alcançam-nos auxílios espirituais, tão necessários aos servos de Deus, máxime aos que principiam.

Estas práticas são também fruto do espírito, nas pessoas espirituais que castigam o corpo, por ter este, ofendido o Creador e recolhem-se longe do mundo para se dedicarem ao serviço divino e não ofenderem em nada o Senhor. Dedicam-se ao culto divino e às orações, meditam a Vida e a Paixão de Nosso Senhor, não por curiosidade e gosto sensível, mas para conhecerem sempre mais a própria maldade, a bondade e misericórdia de Deus, e para mais se inflama-

rem no amor divino e no ódio de si mesmos. Seguem com grande abnegação, e com sua cruz às costas, o Filho de Deus, frequentam os santos sacramentos, para glória de sua Divina Majestade, para mais se unirem com Deus e para adquirirem novas forças contra o inimigo.

Se, porem, põem todo o fundamento de sua virtude nas ações exteriores, estas ações, não por serem defeituosas, pois são santíssimas, mas pelo defeito de quem as usa, serão às vezes, mais que os próprios pecados, a causa de sua ruína. Pois estas almas apenas prestam atenção às suas ações, largam o coração às suas inclinações naturais e ao demônio oculto. Este, reparando já estar aquella alma fora do caminho, deixa-a continuar com delêite naqueles exercí-cios e embala-a com o pensamento das delícias do paraíso. A alma logo se persuade de já estar nos coros angélicos e possuir Deus em sua alma. Embevece-se em altas meditações, em curiosos e deleitantes pensamentos, e, quase esquecida do mundo e das creaturas, pensa estar no terceiro céu.

Está porem, enganada e longe da perfeição. Pela vida e pelos costumes destas pessoas, muito facilmente podere-mos deduzí-lo.

Querem sempre, nas cousas pequenas

e nas grandes, ser os preferidos. Querem que sua opinião e sua vontade sejam sempre respeitadas. Não reparam nos próprios defeitos e observam e criticam os defeitos dos outros. Querem que os outros façam deles excelente juízo e se comprazem nisto. Mas se tocas de leve em sua reputação, ou se falas da devoção que eles exibem, logo se alteram e muito se inquietam.

E se Deus, para levá-los ao conhecimento verdadeiro deles mesmos e à estrada da perfeição, lhes manda trabalhos e enfermidades, ou permite perseguições (que nunca veem sem a vontade divina, que, às vezes o quer e às vezes o permite, e são a pedra de toque com que ele examina a lealdade de seus servos), então se descobre a base falsa de sua devoção. Vê-se que têm o interior corrompido pela soberba, porque, nas diversas circunstancias, sejam alegres ou tristes, não se humilham perante a vontade divina, respeitando os justos e secretos juízos de Deus. Nem, a exemplo de Jesus Cristo, abaixam-se perante as criaturas, têm por amigos caros, os perseguidores e entendem que eles são instrumentos da divina bondade e meios de mortificação, de perfeição e de salvação.

Estes estão em grave perigo de cair,

porque teem o olhar interno obuscurecido. E' com este olhar que contemplam a si mesmos e suas obras externas boas, 'atribuindo-se muitos gráus de perfeição. E, ensoberbecidos, julgam os outros.

A não ser um auxílio extraordinário de Deus, nada os converterá.

Porisso, mais facilmente se converte e se dá ao bem, o pecador manifesto, que o oculto e coberto com o manto das virtudes aparentes.

Vês pois, claramente, que a vida espiritual, como declarei acima, não consiste nestas cousas.

A virtude outra cousa não é, senão o conhecimento da bondade e grandeza de Deus, e da nossa nulidade e inclinação ao mal; o amor de Deus e o ódio de nós mesmos; a sujeição, não somente a Ele, mas, por seu amor, a toda a creatura; o desapropriamento da nossa vontade e o acatamento total de suas divinas disposições; por fim querer e fazer tudo isto, para glória de Deus, para seu agrado, e porque Ele quer e merece ser amado e servido.

Esta é a lei do amor, impressa pela mão de Deus nos corações de seus servos fiéis.

Esta é a negação de nós mesmos, que Ele exige de nós. Este é o jugo suave e o onus leve.

Esta é a obediência a que o nosso divino Redentor e Mestre nos chama com sua voz e com seu exemplo.

Se aspiras a tanta perfeição, deves fazer contínua violência a ti mesma, para combateres generosamente e aniquilares todas as tuas vontades, grandes e pequenas. Para isso é necessário que, com grande prontidão de animo, te aparelhes para esta batalha, pois só é coroado o soldado valoroso.

Este combate é difícil, mais que nenhum outro, pois combatemos contra nós mesmos. Por maior porem, que seja a batalha, mais gloriosa, e mais cara a Deus, será a vitória.

Se tratares de sufocar todos os teus apetites desordenados, teus desejos e vontades, mesmo muito pequenas, maior serviço farás a Deus do que se te flagelares até o sangue, jejuares mais que os antigos eremitas e anacoretas, converteres milhares de almas, guardando vivos, voluntariamente, alguns destes apetites.

Naturalmente, o Senhor aprecia mais a conversão das almas do que a mortificação de uma pequenina vontade. Apesar disto, não deves querer nem obrar, senão aquilo que o Senhor restringidamente quer de ti. E sem dúvida Ele mais se compraz em que te canses em

mortificar as tuas paixões do que em O servires em algum trabalho, por grande e necessário que seja, guardando viva em ti, advertida e voluntariamente, alguma paixão.

Agora que ves, filha, em que consiste a perfeição cristã e como, para a conquistar é preciso empenhar uma contínua e duríssima guerra contra ti mesma, necessitas de quatro cousas como de armas seguríssimas e muito necessárias, para vencer nesta batalha espiritual.

São as seguintes:

A desconfiança de ti mesma, a confiança em Deus, o exercício e a oração.

Com a ajuda divina, algo diremos, sucintamente, sobre estes assuntos.

---

## CAPÍTULO II.

### DA DESCONFIANÇA DE NÓS MESMOS

A desconfiança de ti mesma, filha, te é necessária de tal maneira, neste combate, que, sem ela, não conseguirás a desejada vitória, nem chegarás a vencer uma só de tuas pequeninas paixões.

Guarda-o bem na mente: nós presumimos muito, de nossas próprias forças, porque somos inclinados, pela nossa natureza corrompida, a uma falsa estima de nós mesmos. Nada somos e nos queremos avaliar em muita cousa.

Este é um defeito muito difícil de ser conhecido, e desagrada muito aos olhos de Deus, que ama e quer, em nós, um leal conhecimento desta verdade certíssima: toda a graça é vidade nos advem dele, que é a fonte de todo o bem; por nós mesmos, nenhuma cousa, nem sequer um bom pensamento, podemos ter.

---

## CAPÍTULO III.

### DA CONFIANÇA EM DEUS

Como já dissemos, a desconfiança de nós mesmos, nos é muito necessária neste combate. No entretanto, ela, somente, não basta. Porque, se, além disto não pusermos toda a nossa confiança em Deus, esperando dEle, e somente dEle, os auxílios necessários e a vitória, cedo nos poremos em fuga e seremos vencidos por nossos inimigos.

De nós, devemos desconfiar muito, porque nada somos e, se lutamos somente com nossas forças, andaremos de queda em queda. Ajudados porém, pelo Senhor, alcançaremos certamente todas as grandes vitórias. Para conseguir, entretanto, sua ajuda, devemos armar o nosso coração de uma viva confiança nEle.

De quatro modos conseguiremos esta confiança em Deus.

**Primeiro:** pela oração, pedindo-a ao Senhor.

**Segundo:** contemplando e considerando, com os olhos da Fé, como o Senhor é onipotente e quão excelsa é sua infinita sabedoria. A Ele nada é difícil ou impossível. E' a bondade sem medida, e está sempre disposto — e com grande desejo de que o peçamos — a nos dar, a cada hora e a cada momento, tudo aquilo que nossa vida espiritual necessita, e a vitória total de nós mesmos.

Basta que a Ele recorramos com confiança.

Trinta anos Ele andou em busca da ovelha perdida, gritando com uma ansia de enrouquecer, através de caminhos tão difíceis e espinhosos, que aí derramou seu sangue todo e aí perdeu a vida. Agora que esta ovelhinha, docil e obediente, ou, ao menos, com vontade de obedecer (embora as vezes seja fraca a vontade), dirige-se a Ele, agora que O chama e invoca, como será possível que o Senhor não lhe volva seus olhos, não a ouça, não a carregue sobre seus ombros divinos, festejando o acontecido com seus vizinhos e com os anjos do céu?

Com grande diligência e amor, Ele procurava, nos dramas evangélicos, o pecador cego e mudo. Como será pos-

sível que abandone a ovelha perdida que grita e chama pelo seu Pastor?

De continuo, bate Deus no coração do homem, com desejos de aí entrar, de aí ceiar e derramar aí os seus dons. Quem então imaginará que o Senhor se haja de fazer de surdo e não queira entrar no coração, que, insistentemente, o convida a entrar?

O **terceiro** modo para adquirir esta santa confiança em Deus, é meditar sobre o seguinte pensamento: muitos e muitos casos conta o evangelho, que demonstram jamais ter ficado confuso quem confiara em Deus.

O **quarto** modo servirá ao mesmo tempo para conseguirmos a confiança em Deus e a desconfiança de nós mesmos. Farás da seguinte maneira:

Quando te ocorre à mente algo a fazer, alguma batalha a encetar, ou urge alguma vitória sobre ti mesma, antes de começares, medita sobre a tua fraqueza, e depois, quando já talvez visto que nada podes, pensa sobre o poder, a sabedoria e a bondade divina. Confia então, somente n'Ele e decide-te a agir e combater generosamente. Com estas armas e a oração, como já falaremos, combaterás e trabalharás.

Se assim não fizeres, não conseguirás ter confiança em Deus, Embora te

pareça que isto não acontecerá, enganas-te, pois a presunção de nós mesmos é tão subtil, que é muito difficil separá-la da desconfiança que parecemos ter de nós mesmos, e da confiança que julgamos depositar em Deus.

Para que fujas quanto possível, à presunção e vivas em uma completa desconfiança de ti mesma e com uma grande confiança em Deus, faz-se mister que a consideração de tua fraqueza preceda a da onipotência de Deus, e que ambas estas considerações antecedam sempre os nossos atos.

---

## CAPÍTULO IV.

### COMO SABER SE O HOMEM AGE COM DESCONFIANÇA DE SI E CONFIANÇA EM DEUS

E' muito facil que o servo presunçoso se engane, vãmente julgando ter-se habituado a desconfiar de si mesmo e a confiar em Deus.

E poderás notar como te enganas, pelo sentimento que nascer em tua alma, à tua primeira queda.

Se, quando caíres, te sentires inquieta, te entristeceres, ficares tentada de desespero, se te vires a braços com um sentimento de desanimo, sinal é, certíssimo, de que confiavas em ti e não em Deus.

E se tua tristeza, quando caíres, for muita, e grande fór o desespero, quer dizer que muito confiavas em ti e pouco em Deus.

Pois, quem desconfia quase totalmente de si mesmo, e confia quase inteiramente em Deus, não se espanta nem se

entristece, quando cái. Sabé que isto lhe ocorre devido à sua fraqueza e pouca confiança em Deus. E assim, mais desconfiado de si, mais e mais confia, humildemente, em Deus e odeia seus defeitos e paixões desregradas, ocasiões da queda. Sente um arrependimento sincero, mas calmo e pacífico, da ofensa de Deus e continúa sua rota, perseguindo os inimigos, com energia e resolução, até ferí-los de morte.

Desejava eu, que estes pensamentos fossem considerados especialmente por certas pessoas, dadas à vida espiritual e que, quando caem em algum defeito, não podem nem querem se acalmar e esperam ansiosamente a hora de irem ter com o padre espiritual. E isto, mais para se livrarem daquela ansia e inquietude, que nasce do amor próprio. Muito ao contrário, deviam procurar o padre espiritual para se lavarem da mancha do pecado e tomar forças contra as paixões, recebendo o Santíssimo Sacramento.

---

## CAPÍTULO V.

### **DO ERRO EM QUE MUITOS CAEM, TOMANDO A PUSILANIMIDADE COMO VIRTUDE**

Outro engano que muitos cometem, é o de crerem que aquele sentimento que se segue ao pecado, sentimento de inquietude e pusilanimidade, acompanhada de vivo desprazer, seja devido à virtude. Este sentimento nasce de uma oculta soberba e presunção, e é efeito da confiança que tinham em si mesmos e em suas próprias forças. Faziam de si alguma conta, confiavam soberanamente em si mesmos, e vendo, pela queda, que eram falhos, conturbam-se e se espantam, como se a queda lhe fosse algo inaudito, e se inquietam contemplando por terra aquele sustentáculo em que vãmente tinham colocado à sua confiança.

Ao humilde isto não acontece, porque nada presume de si e confia somente em Deus. E assim, se incorre em algu-

ma culpa, embora sinta grande arrependimento, não se inquieta, porem, nem se maravilha, porque sabe muito bem, com a luz da verdade, que o ocorrido lhe sucedeu, devido à sua própria miséria e fraqueza.

---

## CAPÍTULO VI.

### **OUTROS CONSELHOS PARA QUE NOS HABITUEMOS À DESCONFIANÇA DE NÓS MESMOS E A CON- FIANÇA EM DEUS**

Destas duas virtudes nasce quase toda a força de que necessitamos para vencermos os nossos inimigos. Dou-te então mais alguns conselhos, afim de que, com o auxílio divino, possas adquirir estas virtudes.

Deves saber, e ter disto firmíssima convicção, que jamais conseguirás cumprir a vontade divina, se teu coração não for ajudado com um especial auxílio, e a mão do Senhor não iniciar a obra, mesmo com ações boas que devas fazer, em tentações que devas vencer, em perigos de que devas fugir, em cruzes que te tenha enviado a vontade de Deus.

Nada dispensa este auxílio divino. Nem todos os dons naturais ou adquiridos, nem todas as graças gratis dadas,

nem o conhecimento de toda a Escritura, nem uma longa existência, gasta inteiramente no serviço de Deus.

Durante toda a nossa vida, portanto, todos os dias, a todas as horas e a todos os momentos, devemos-nos firmar na resolução de jamais, de modo nenhum e em pensamento algum, confiarmos em nós mesmos.

Quanto à confiança em Deus, lembra-te de que nada é mais fácil a Deus do que vencer os inimigos, sejam eles poucos ou muitos, velhos e matreiros, ou novos e fracos.

Uma alma pode estar cheia de pecados, ter todos os defeitos do mundo, ser viciosa quanto se possa imaginar. Pode ter já tentado, por todos os meios, deixar o pecado e levar vida boa, e não ter conseguido nem um pontozinho de bem, antes, mais violentamente ter caído no mal. Apesar de tudo, não deve perder a confiança em Deus, nem deixar as armas e os exercícios espirituais. Importa que, sempre mais, generosamente combata.

Pois é mister que se tenha em mente que nesta batalha espiritual, nunca perde, quem ainda combate e ainda confia em Deus. E o auxílio divino nunca fal-

ta, conquanto os combatentes sejam, pór vezes, feridos.

Combater, isto é tudo. O remédio para os ferimentos é eficaz para aqueles que, com confiança, procuram a Deus e seus auxílios. Quando menos esperam, seus inimigos estarão mortos.

---

## CAPÍTULO VII.

### COMO DEVEMOS FUGIR DA IGNORANCIA E TAMBEM DA CURIOSIDADE

Nesta batalha espiritual, não basta a confiança em Deus e a desconfiança de nós mesmos. Somente com estas duas armas, não nos venceremos a nós mesmos, mas cairemos muitas vezes. E assim, além destas duas virtudes, é necessário uma terceira cousa: o exercício.

E' preciso exercitar a inteligência e a vontade.

Quanto à inteligência, deve ela ser resguardada de duas cousas que a costumam obscurcer: a ignorancia e a curiosidade.

A ignorancia deixa a mente em trevas e impede que ela conheça a verdade, que é o objeto próprio da inteligência.

Com o exercício, devemos tornar a mente clara e lúcida, para que possa

ver e discernir bem, quanto é mister para purificar a alma das paixões desordenadas e orná-la com as santas virtudes.

De dois modos poderemos obter este resultado.

O primeiro, e o mais importante, é a oração. Peçamos ao Espírito Santo que se digne infundir suas luzes em nossos corações. E o Divino Espírito o fará, se, em verdade, procurarmos a Deus somente, e se, em todas as cousas, pusermos o juizo dos nossos padres espirituais, acima do nosso.

O segundo modo é um contínuo, profundo e leal exame de nós mesmos, para ver se somos bons ou máus, não segundo a aparência bôa ou má dos nossos atos, nem conforme o juizo dos sentidos e o critério do mundo, mas segundo o juizo do Espírito Santo.

Esta consideração feita como convem, nos fará conhecer claramente que devemos ter em nada as cousas que o mundo, cego e corrompido, ama, deseja e procura de muitos modos. Entenderemos que as honras e os prazeres da terra nada são, senão vaidades e aflições do espirito. Que as injúrias e as infamias de que o mundo nos cobre, nos enchem de verdadeira glória. Que as tribulações são nossa alegria. Que o perdão, e a caridade para com os inimigos é uma

magnanimidade e uma das cousas que mais nos semelham a Deus. Que mais vale, desprezar o mundo, que possuí-lo. todo inteiro. Que obedecer de bôa vontade às mais vís creaturas, é cousa maior e mais generosa que ter sob suas ordens, os grandes chefes. Que mais vale o humilde conhecimento de nós mesmos, que todas as ciências. E que vencer e mortificar os próprios appetites, por pequenos que sejam, merece maior louvor que expugnar fortes cidades, vencer, com as armas nas mãos, exércitos poderosos, fazer milagres e ressuscitar os mortos.

---

## CAPÍTULO VIII.

### **DO MOTIVO PORQUE NÃO DISCERNIMOS BEM NOS ASSUNTOS REFERENTES A NÓS MESMOS, E DO MODO COMO DISCERNIR BEM NESTE ASSUNTO**

O motivo porque não discernimos bem, nas cousas referentes a nós mesmos, e noutros assuntos, é porque, logo à primeira vista, tomamo-nos de simpatia ou de antipatia pela cousa. A inteligência fica, então, obscurecida e não poderá elaborar um reto conceito do objeto em questão.

Para que estejas livre deste engano, cuida, quanto podes, em ter tua vontade livre de qualquer afeto desordenado.

E quando se te propõe qualquer objeto, contempla-o com a inteligência, antes que tuas inclinações naturais te movam a desejar a cousa, porque ela cause prazer, ou a rejeitá-la, se é contrária a teus appetites.

Assim, livre do obscurecimento das

paixões, a inteligência esclarecida poderá conhecer a verdade e descobrir o mal escondido sob um falso prazer, e ver o bem, coberto às vezes com uma aparência de mal.

Mas se a vontade, logo de início, se vê inclinada a amar ou aborrecer a coisa, a mente não pode discernir bem. O afeto ofusca a lucidez da inteligência, que não estimará o objeto, pelo que de fato ele é. E apresentando, depois, o seu juízo falso, à vontade, essa se moverá, com mais violência que antes, a amar ou a odiar a coisa, contra qualquer lei ou regra da razão.

E mais e mais, com este afeto, se obscurece a inteligência. E assim obscurecida, julgará o objeto, à primeira ocasião, ainda mais amavel ou odioso.

E' de grande importancia que leves em conta esta regra. Em caso contrário, estas duas potências, a inteligência e a vontade, tão nobres e excelentes, virão infelizmente a caminhar nas trevas e no erro, e sempre em mais fortes trevas e sempre em maiores erros.

Guarda-te pois, filha, com toda a vigilancia, de qualquer afeto desordenado, seja por que coisa for. Após examinar bem o objeto, tratarás de apurar aquilo que verdadeiramente a coisa é, com a luz da inteligência, principalmente com

da graça, da oração e do juízo de teu padre espiritual.

O que deves observar muito, mais que outras cousas, são tuas obras boas. Pois nestas, justamente por serem boas e santas, há mais perigo de engano e de indiscreção de nossa parte.

Por qualquer circumstancia de tempo, de lugar ou de medida, ou por imprudência no cumprimento de alguma ordem, estas ações podiam, às vezes, te ser bem nocivas. E já é sabido que muitos periclitaram em exercícius louvaveis e santíssimos.

---

## CAPÍTULO IX.

### DE OUTRA PRECAUÇÃO QUE A INTELIGÊNCIA DEVE TOMAR, PARA TER DISCERNIMENTO CLARO

Outra cousa de que a inteligência se deve precaver, é da curiosidade. Porque se enchermos nossa inteligência de pensamentos vãos e nocivos, torná-la-emos incapaz de aprender o que é estritamente necessário para a nossa fortificação e perfeição.

Pelo que, debes fazer-te de morta para qualquer investigação das cousas terrenas, se são desnecessárias, ainda que lícitas.

Restringe sempre, quanto é possível, a tua inteligência e ama torná-la pobre.

Não procures saber das notícias e das novidades do mundo, pequenas ou grandes. Faz como se elas não existissem. E se ouves alguém contá-las, opõe-te a isto e afasta-as para longe de ti.

O desejo de compreender as cousas celestiais te torne sóbria e humilde e não

desejes outra cousa mais do que conhecer Cristo Crucificado. sua vida e sua morte, e aquilo que Ele pede.

Tudo o mais, afasta de ti, pois Deus, ama aqueles que somente procuram as cousas que sejam uteis para louvar a sua divina misericórdia e cumprir a sua vontade.

Qualquer outra novidade ou pergunta, é amor próprio, soberba e laço do demônio.

Se seguires estes conselhos, poderás escapar de muitos perigos. Porque, quando a serpente maligna vir que a vontade dos que caminham na vida espiritual, é forte e inabalavel, tentará abater a inteligência, áfim de se tornar senhor da inteligência e da vontade.

Muitas vezes, o máu espírito infunde à alma sentimentos elevados e curiosos, máxime às pessoas muito inteligentes, e que facilmente se envaidecem. E tudo, para que, entretidos no gozo e na consideração daqueles pensamentos, em que, erradamente, julgam contemplar a Deus, se esqueçam de purificar a alma e de cuidar do conhecimento próprio e da própria mortificação. Assim, colhidos nos laços da vaidade, tornam-se ídolos de sua própria inteligência.

Depois, aos poucos e sem que eles mesmos o percebam, julgarão que po-

dem prescindir do conselho e dos ensinamentos dos outros, pois já estão acostumados a recorrer ao seu ídolo: ao próprio juízo.

E' certamente uma cousa grave e muito difficil de ser remediada. Porque é muito mais perigosa a sabedoria da intelligência, do que a da vontade. Pois a soberba da vontade está sob os olhos da intelligência e esta poderá facilmente remediar o mal, um dia, obedecendo a quem tem autoridade. Mas quem tem a firme opinião de que seu parecer é melhor que o dos outros, por quem e como poderá ser curado? Como poderá submeter-se ao juízo alheio, quem julga o seu melhor do que o do próximo? Se a intelligência, que é o olho da alma, a quem cabe conhecer e curar a chaga da soberba, está enferma e cheia da mesma soberba, quem a curará? E se a luz torna-se treva e os preceitos falham, que acontecerá?

Opõe-te a tão perigosa soberba, antes que ela tome posse de ti, inteiramente. Não confies na agudez de tua intelligência. mas sujeita-te ao parecer dos outros. mais que ao teu. Enlouquece por amor de Deus e serás mais sábia do que o mesmo Salomão.

---

## CAPÍTULO X.

### **DO EXERCÍCIO DA VONTADE E DO FIM COM QUE DEVEMOS FAZER TODAS AS NOSSAS AÇÕES INTERIORES E EXTERIORES**

Outro exercício que precisas praticar e que também diz respeito à inteligência, é o de fazer com que a vontade não se torne escrava de seus desejos, mas em tudo se conforme ao agrado divino.

Lembra-te porém, de que não te basta querer, e procurar as cousas que sejam gratas a Deus. O que é preciso é que faças estas cousas, unicamente porque foram queridas por Ele, e afim de agradar unicamente a Ele.

Nisto, mais que em outras cousas, encontramos um grande empecilho na nossa própria natureza, que, de tal modo está inclinada a si mesma, que, em todas as cousas, mais ainda nas cousas boas e espirituais, procura a própria comodidade e deleite, com que se vai entretendo e alimentando, nem cogitando

em suspeitar, de que lhe possa ser de algum dano este alimento.

E assim, quando nos são apresentadas estas cousas que amamos, logo as contemplamos e desejamos; não, porem, movidos pela vontade de Deus, nem com o fim de agradarmos somente a Ele, mas devido à alegria e contentamento que sentimos, ao querer aquella cousa.

Tanto mais é oculto este engano, quanto é melhor a cousa desejada.

E assim, até no desejo de Deus se imiscue o amor próprio, a olhar mais para o nosso interesse e para o bem que desfrutaremos, do que para a vontade de Deus, que quer ser amado, desejado e obedecido, unicamente para sua glória.

Guarda-te deste laço, que te impediria de caminhar para a perfeição. Cuida em te acostumares a querer e fazer tudo, como que movida por Deus e com a intenção de honrar e alegrar somente a Ele. Deus quer ser o único princípio e fim de todas as cousas.

Para conseguires esta virtude, podes utilizar-te do seguinte meio:

Quando se te oferecer occasião de praticar alguma cousa querida por Deus, não inclines tua vontade a querê-la, antes de levantar a mente a Deus e examinar se é da divina vontade que tu a queiras. Se o for, lembra-te que Deus

quer que o faças unicamente para agradá-lo.

Distinguindo assim, a tua vontade da divina, cuidarás depois de que o motivo porque farás aquela ação será unicamente este agrado divino e sua maior alegria e honra.

Do mesmo modo, quando se tratar de fugires de uma cousa que Deus aborrece, não a rejeites antes de voltar os olhos de tua inteligência para a divina vontade, que deseja que a rejeites unicamente para agradá-la.

Importa, entretanto, saber que as fraudes de nossa subtil natureza, são pouco conhecidas. Ocultamente, ela se procura sempre a si mesma e faz com que pensemos estar agindo com o fim de agradar a Deus, quando a verdade é muito outra.

Porisso acontece muitas vezes que queremos ou não queremos uma cousa interesseiramente, parecendo-nos que estamos querendo ou não querendo porque agrada ou não agrada a Deus.

Para fugir deste engano, o remédio próprio e intrínseco, seria o de purificar o coração. Isto é, em despojar-se do homem velho e vestir-se do homem novo. Esta é a meta de todo este Combate Espiritual.

Estás cheia de ti mesma. Para te fur-

tares, então, aos laços de teus inimigos, cuida, ao principiar tuas ações, de não confundires tua vontade com a de Deus, de não seguires tua opinião. Nem queiras, nem faças, nem rejeites nada, se não te sentiste primeiro impulsiona-da e movida única e simplesmente pela vontade de Deus.

Nem sempre, em todas as ações, poderás sentir em ato este motivo, máxime nas ações exteriores pequenas e passageiras, e nas interiores todas. Contenta-te, então, em sentir este motivo virtualmente, fazendo sempre a verdadeira intenção de agradar em tudo, a Deus somente.

Mas nas ações que levam algum espaço de tempo, é bom que, ao principiar, te excites neste pensamento.

Alem disto, debes fazer o propósito de logo o renovar e tê-lo em mente até o fim. A não ser assim, correrias risco de cair, devido ao nosso natural amor próprio, que está mais inclinado a si mesmo, que a Deus, e nos faz, às vezes, inadvertidamente, após um espaço de tempo, mudar os objetos de nossas ações e lhes dar outras finalidades.

Isto acontecerá com o servo de Deus que não estiver bem advertido. Começará muitas vezes a fazer alguma coisa, com o intuito de agradar somente a seu

Senhor. Mas depois, pouco a pouco, quase sem reparar, de tal modo seus sentidos se irão comprazendo naquela obra, que o servo de Deus prescindirá da divina vontade e apegar-se-á ao gosto que sente, à honra e à utilidade que lhe provem do trabalho. De sorte que, se o próprio Deus põe qualquer obstáculo à sua obra, com alguma enfermidade ou acidente, ou por intermédio de qualquer creatura, ele se turba, e se inquieta, e cai às vezes em murmuração, contra isto e contra aquilo, para não murmurar diretamente de Deus.

E' sinal claríssimo de que sua intenção não era somente Deus, mas nascia de um fundo gasto e corrompido.

Pois quem trabalha, movido por Deus e para agradar somente a Ele, não preferirá nunca uma cousa a outra, mas a desejará unicamente se ao Senhor aprouver que ele a tenha, e do modo e no tempo em que Deus o quiser. E, tendo-a ou não, queda-se igualmente contente e em paz. Pois aconteça o que acontecer, obteve o que tinha em mente e conseguiu o seu fim, que outro não era senão o agrado divino.

Cuida muito, portanto, em dirigir sempre tuas ações a este fim perfeito. Se, examinando as disposições de tua alma, averiguares que te moves a fa-

zer aquele bem para fugir, assim, às penas do inferno, ou com a esperança do paraíso, ainda neste caso, considera como última finalidade, o agrado e a vontade de Deus, que se compraz em que te livres do inferno e entres no seu reino. •

Ninguém pode avaliar perfeitamente, quanta força e virtude se adquire, tendo sempre este motivo em suas ações. Porque uma cousa qualquer, por baixa e pequena que seja, mas feita com o fim de agradar e glorificar somente a Deus, vale infinitamente mais, por assim dizer, do que muitos outros atos excelentes feitos sem este motivo.

Porisso, mais agradaremos ao Senhor, dando uma pequena esmola a um pobre, com o fim único de agradar à Divina Majestade, do que despojando-nos de todos os nossos bens, por grandes que sejam, com um fim diferente, mesmo que seja o de gozar dos bens do Céu, fim não somente muito bom, mas que devemos desejar imensamente.

No começo será dificultoso adquirir o hábito de agir em tudo com o fim de agradar somente a Deus. Mas tornar-se-á fácil, à medida que formos praticando muitos atos de desejo sobrenatural, dirigindo a Deus vivos afetos de nosso coração, como ao nosso único e perfeítis-

simo bem, que merece, por si mesmo, que todas as creaturas o sirvam e amem sobre todas as cousas.

Devido ao seu infinito mérito, quanto mais profundas forem estas considerações, e quantas mais vezes forem meditadas, tanto mais fervorosos e frequentes serão os atos afetuosos da vontade. E assim, com maior facilidade e maior pressa adquiriremos o hábito de agir em tudo por amor e respeito deste Senhor, que é o único ente que merece os nossos afetos.

Para conseguires este hábito, insisto ainda em que, além de fazer o que já dissemos, não te esqueças de o pedir a Deus, importunando-o de orações. Deves também pensar muitas vezes nos innumeráveis benefícios que Deus te fez e ainda faz, unicamente por amor, e sem interesse.

---

## CAPÍTULO XI.

### **DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES QUE INDUZEM A VONTADE A PROCURAR EM TODAS AS COUSAS O AGRADO DE DEUS**

Para fazer com que tua vontade mais facilmente procure, em todas as cousas, o agrado de Deus e a sua honra, recorda-te sempre de que ele te honrou e te amou de muitas maneiras e antes de que o pudesses honrar e amar.

Na criação, creando-te do nada, à sua semelhança, e pondo todas as outras creaturas ao teu serviço.

Na redenção, mandando, não um anjo, mas o Unigênito Filho, a te redimir, não com o preço do ouro ou da prata corruptível, mas com o seu precioso sangue e com a sua penosa e ignominiosa morte.

A toda a hora, a todo o momento, te guarda dos inimigos, combate por ti com a sua graça, tem sempre aparelha-

do, para tua defesa e alimento, seu dileto filho, no Sacramento do Altar. Tudo isto não é sinal de inestimável estima e amor?

Ninguém pode entender em quão grande conta Deus nos tenha a nós, pobrezinhos e miseráveis, e quanto devamos ser gratos a tão alta Majestade, que tais e tantas cousas operou por nós.

Quando os senhores terrenos são homenageados por pessoas, mesmo pobres e de baixa condição, eles se sentem obrigados a agradecer. Que deveremos fazer nós, pobres miseráveis, para com o Supremo Rei do Universo, que tanto apreço e amor teve por nós?

Guarda na memória, além disto, que a divina Majestade merece infinitamente ser honrada e servida por ti, unicamente para seu agrado.

---

## CAPÍTULO XII.

### DE MUTAS VONTADES QUE EXISTEM NO HOMEM E DA GUERRA QUE FAZEM ENTRE SI

Poderíamos dizer que existem em nós duas vontades: a da razão e a dos sentidos. Aquela é a vontade racional, superior, e esta é a vontade sensual e inferior, também chamada de apetite, carne, sentidos e paixões. Mas somos homens pela razão e, quando somente com os sentidos desejamos alguma cousa, não dizemos que a estejamos querendo, enquanto a vontade superior não se inclina a querê-la.

Toda a nossa batalha espiritual se cifra a este combate: a vontade racional, colocada no meio, entre a vontade divina e a dos sentidos, é solicitada por ambas e tentada a se sujeitar a uma delas.

Mas grande pena e fadiga provam, especialmente no começo, os que estão mal habituados, quando se resolvem a

mudar sua vida e desprezar o mundo e a carne, dando-se ao amor e à servidão de Jesús Cristo.

Os golpes, que a sua vontade superior sofre da vontade divina e da sensual, sempre a guerrearem-na, são fortes e renhidos e se fazem sentir não sem grave pena.

Isto não acontece com os que já estão habituados ou à virtude ou ao vício, e pensam em continuar na mesma vida. Os virtuosos, com toda a facilidade se curvam à vontade divina. E os viciosos com a maior docilidade atendem à voz dos sentidos.

Mas não pense ninguém, que pode conseguir as verdadeiras virtudes cristãs, nem servir a Deus como convem, se não quer fazer-se violência e suportar as penas que sofrem quando se abandonam os grandes e os pequenos amores, a que antes se dedicava afeto terreno.

Poucos chegam à perfeição, porque, depois de terem, com grande fadiga, vencido os grandes vícios, não mais se querem fazer violência e sofrer as penas e os trabalhos por que se passa quando se quer resistir às infinitas vontadezinhas próprias, muito pequenas, mas que ainda preponderam em nós e, às

vezes, reconquistam o domínio e a senhoria de nossos corações.

Assim procedem alguns, que, embora não invejem os bens dos outros, afeiçoam-se, porem, demasiadamente com meios ilícitos, mas também não as aborrecem como deveriam, nem deixam de desejá-las e, algumas vezes, de procurá-las por diversos modos. Observam os jejuns obrigatórios, mas não mortificam a gula, e comem mais do que o necessário, procurando alimentos delicados. Vivem na continência, mas não fogem de certas práticas que lhes dão prazer e que acarretam grandes empecilhos à sua união com Deus e à vida espiritual. Além disto, privam com qualquer pessoa, algumas santas e outras perigosas (e estas são as que menos se temem), mas de outras, fogem quanto lhes é possível.

Acontece então, que as outras obras boas que realizam, são feitas com frieza de espírito e acompanhadas de muitos interesses e imperfeições ocultas, e de uma certa estima de si mesmos e desejo de serem apreciados pelo mundo.

Os que assim fazem, não somente não progridem no caminho da salvação, mas estão em risco de cair nos vícios antigos, pois não amam a verdadeira virtudes, e se mostram pouco gratos ao

Senhor, que os livrou da tirania do demônio. Além disto, são ignorantes e estão cegos, pois veem o perigo em que se encontram e, apesar disto, persuadem-se de estar seguros.

Outro engano, muito perigoso e bem pouco advertido, é um que se dá comumente com os que mais se amam a a si próprios, (se bem que este não seja um verdadeiro amor): escolhem os exercícios que mais condizem com o próprio gosto e deixam de lado outros que desagradam às suas inclinações naturais e aos seus apetites sensuais, quando precisavam que, justamente contra estes apetites, se voltasse todo o esforço da batalha.

Exorto-te, filha dileta, a amares as dificuldades e as penas, porque só com elas nos podemos vencer e nisto está tudo. E tanto mais facilmente e tanto mais perto estará a vitória, quanto com mais ansia amares as penas que a virtude apresenta aos principiantes. Se amares a dificuldade e o combate que leva à vitória e à virtude, cedo conquistarás ambas as cousas.

---

## CAPÍTULO XIII.

### DO MODO DE COMBATER CONTRA OS APETITES DOS SENTIDOS, E DOS ATOS QUE A VONTADE DEVE FAZER, PARA ADQUIRIR OS HÁBITOS DA VIRTUDE

Tua vontade racional muitas vezes é combatida pela vontade dos sentidos, de uma parte, e pela vontade divina, de outra. Cada qual deve vencer. E' preciso que a vontade divina prevaleça em ti, que te exercites de muitos modos.

**Primeiro:** Quando fores assaltada e combatida pelos appetites dos sentidos, resiste galhardamente, para que a vontade superior não consinta.

**Segundo:** Quando estes appetites tiverem desaparecido, excita-os de novo, para reprimí-los melhor e com maior força.

Convida-os depois a uma terceira batalha, em que te esforçarás por afastá-los de ti com desprezo e aborrecimento. Deves convidar os teus appetites desor-

denados a esta batalha, não, porem, se forem os appetites carnaes, dos quaes já falaremos.

Por fim, é preciso fazer atos contrários a cada uma das paixões desordenadas.

Com o seguinte exemplo entenderás melhor.

E's combatida, talvez, por movimentos de impaciência. Se deixas que esses movimentos vivam dentro de ti, repara bem como elles batalham, de continuo, para que a vontade superior consinta nos seus desejos.

Com um primeiro exercicio oportuno a esses appetites, e farás quanto podes para que tua vontade não dê seu consentimento.

Mas a batalha não terminará enquanto o inimigo, enfraquecido e quase morto, não se der por vencido.

Mas repara, minha filha, na malícia do demônio! Quando elle vê que nos opomos galhardamente às nossas paixões, não somente elle deixa de excitá-las em nós, mas, quando ellas se levantam, tenta aquietá-las, para que, com o exercicio, não adquiramos o hábito da virtude contrária a esta paixão. E tambem para nos fazer cair na vanglória e na soberba, fazendo com que pensemos que nós, como soldados valentes, bem

depressa já vencemos os nossos inimigos.

Porisso é preciso empenhar uma segunda batalha, chamando de novo à memória, e excitando em ti, aqueles pensamentos que te causaram impaciência, de modo a te sentires movida na parte sensitiva. E então, com força de vontade, e esforço ainda maior do que antes, reprime os apetites.

As vezes, combatemos os nossos inimigos, porque sabemos que o devemos fazer e que agradamos a Deus, mas não os aborrecemos com todo o ódio que é preciso. Corremos, então, o perigo de ser vencidos na próxima batalha. Urge, porisso, que haja novo encontro e um terceiro combate, para que afastes para longe de ti os apetites desordenados, esforçando-te por sentir, a respeito deles, repugnancia, desdem, para que afinal odeies e abomines os movimentos dos sentidos.

**Finalmente**, para ornar e aperfeiçoar tua alma com os hábitos da virtude, é preciso que faças atos interiores contrários às tuas paixões desregradas.

Para adquirir o hábito da paciência, procederás da seguinte maneira:

Se alguém te é ocasião de impaciência, por mostrar pouco apreço por ti, não basta que te exercites dos três mo-

dos de que falei. Deves amar o desprezo recebido, desejando ser, de novo, do mesmo modo e pela mesma pessoa, tido em pouca conta. E farás propósito de suportar com paciência cousas ainda mais graves.

A razão, por que tais atos contrários são necessários para que nos aperfeiçoemos nas virtudes, é que os outros atos, por muitos e fortes que sejam, não são suficientes para estirpar as raízes dos vícios. Porisso, para continuar no mesmo exemplo, se apenas usarmos dos três modos de que falamos, e não fizermos esforço, quando somos desprezados, de amar o desprezo, não nos poderemos nunca livrar do vício da impaciência, que se enraiza no aborrecimento ao desprezo, devido à inclinação que temos de sempre amar nossa própria reputação.

Se a raiz viciosa ficar viva, vai germinando, a virtude enlanguecerá e talvez seja sufocada de tudo. Ao menos, correrá o contínuo perigo de cair, em qualquer ocasião que se apresente.

Sem esses atos contrários, portanto, jamais poderemos adquirir o verdadeiro hábito das virtudes.

Lembra-te também, de que estes atos deverão ser tão frequentes e numerosos, que possam destruir o hábito vicioso.

O vício, com muitos atos, tomou conta do nosso coração. E portanto, com muitos atos contrários, deve ser combatido, para que, em seu lugar, possuamos hábitos virtuosos.

Digo ainda mais, que, para adquirir um hábito virtuoso, são necessários atos bons, e em número superior aos atos ruins que formam em nós os hábitos viciosos, já que, com os hábitos bons, não acontece o que se dá com os hábitos máus, que são ajudados pela nossa natureza corrompida.

Acrescento ainda, que se a virtude em que te estás exercitando, assim o requer, é preciso que faças atos exteriores conformes aos interiores, como — para prosseguir no mesmo exemplo — usando palavras de mansidão e de amor, e alegrando-te com quem, de qualquer maneira te contrariou.

E mesmo que esses atos, tanto interiores como exteriores, fossem ou te parecessem acompanhados de tanta frieza de espírito, que te parecesse que os fazias contra toda a tua vontade, nem por isso deverias descuidá-los, porque, por fracos que fossem, seriam eles que te tornariam segura na batalha e te levariam à estrada da vitória:

Cuida também, muito, em combater não somente os desejos grandes e efi-

cazes, mas também os pequenos apetites de qualquer paixão, porque estes abrem o caminho para os grandes, gerando-se, então, os hábitos viciosos.

Do pouco cuidado que tiveram em desraigar de seus corações estas vontadinhas, aconteceu a muitos, que, depois de terem vencido os apetites maiores de uma paixão, foram assaltados e vencidos, quando menos pensavam, pelos mesmos inimigos, que antes, galhardamente, eles haviam derrotado.

Relembro-te também, que te deves mortificar e vencer a tua vontade, mesmo em cousas lícitas não necessárias, porque desta vitória muitos bens te advirão e te sentirás sempre mais disposta a te venceres nas cousas ilícitas. Ficarás mais forte na batalha das tentações, fugirás das insídias do demônio e farás cousa gratíssima ao Senhor.

Filha, falo-te com grande clareza: se procurares reformar e vencer a ti mesma, tomando a peito estes santos exercícios, de que te venho, falando, asseguro-te que em pouco tempo, muito avançarás no caminho da virtude e te tornarás espiritual, não somente de nome, mas verdadeiramente espiritual. Mas, se agires de outra maneira e fizeres outros exercícios, mesmo que os tivesses em grande estima, e eles te agra-

dassem tanto, que pensasses estar, durante esses exercícios, em doces colóquios com o Senhor, neste caso nunca adquirirás virtude e espírito verdadeiro.

Como já te falei no primeiro capítulo, a virtude não consiste nem nasce dos exercícios agradáveis e conformes à nossa natureza, mas daqueles que a crucificam. Então, renovado o homem, por meio dos atos das virtudes evangélicas, se assemelhará ao seu Crucificado e Creador.

Ninguém duvida de que, assim como os hábitos viciosos chegaram a dominar em nós, devido a muitos e frequentes atos da vontade superior, que cedeu aos apetites dos sentidos, assim também, adquiriremos os hábitos das virtudes evangélicas, se fizermos muitos e frequentes atos, ora de uma virtude, ora de outra, mas sempre conformes à divina vontade.

Pois, assim como nossa vontade jamais será viciosa e terrena, por muito que seja combatida da parte inferior e do vício, a não ser quando ceder, assim também, nossa vontade não estará unida a Deus e não será virtuosa, por mais que seja solicitada pelas inspirações e graças divinas, a não ser quando, com atos internos, atendermos à voz da graça e praticarmos os atos externos que forem necessários.

---

## CAPÍTULO XIV.

### **O QUE DEVEMOS FAZER, QUANDO A VONTADE SUPERIOR PARECE VENCIDA E COMPLETAMENTE SUFOCADA PELOS INIMIGOS**

As vezes parece-nos que nada podemos contra a vontade inferior e contra nossos inimigos, porque não sentimos em nós mesmos uma vontade eficaz contra eles. Cuidemos, porem, em não desistir da batalha, porque, sempre que não cedemos, estamos vitoriosos.

Assim como a nossa vontade superior, para produzir seus atos, não precisa da vontade inferior, assim tambem, enquanto ela não quer, jamais se pode ver obrigada a dar-se por vencida, por mais asperamente que seja combatida.

Deus dotou nossa vontade de tal força e liberdade, que, se todos os sentidos, com todos os demônios e o mundo juntamente, se armassem contra ela, combatendo-a com toda a violência, mes-

mo assim, a vontade, com liberdade completa, poderia querer ou não querer tudo aquilo que quer ou não quer, por quanto tempo e do modo que quiser, e com o intuito que lhe aprouver.

E se estes inimigos te assaltarem alguma vez, com uma violência tamanha, que tua vontade não tivesse força para produzir algum ato contrário, não desanimes, não atires as armas por terra, mas serve-te, neste caso, da língua, e defende-te dizendo:

“Não consinto, não te quero!” Agirás então, como alguém que, atacado pelo inimigo e não podendo ferí-lo com a ponta da espada, fere-o com o coto da arma. É assim como, quem quer ferir o inimigo, dá um passo para trás, assim, também tu, retira-te no conhecimento de ti mesma, lembra-te de que nada és e nada podes, e, com grande confiança em Deus, que tudo pode, dá um golpe em tua paixão inimiga, dizendo: “Ajuda-me, Senhor, ajuda-me, Deus meu, ajudai-me, Jesús e Maria, para que eu não consinta no pecado”.

Poderás também, quando o inimigo te der tempo, ajudar a fraqueza da vontade, com a força da inteligência, considerando diversos pontos. Com este exame, a vontade cria animo contra os inimigos.

Por exemplo:

Em algum trabalho és de tal modo assaltada de impaciência, que tua vontade quase não pode, ou então não quer refreá-la. Fortalecerás então, tua vontade, meditando com a inteligência, sobre os seguintes e outros pontos:

**Primeiro:** — Considera se não mereces o mal que sofres, se acaso não lhe deste ocasião. E medita então, sobre o dever que tens, de suportar pacientemente aquela ferida que fizeste com tua própria mão.

**Segundo:** — Se acaso não caíste em falta nenhuma que merecesse estes aborrecimentos, volve teu pensamento às outras tuas quedas, pelas quais ainda não foste castigada. E, vendo que a misericórdia de Deus muda por uma pequena dor presente, tua pena que deveria ser eterna, ou, ao menos temporal, acrescida de sofrimentos no purgatório, suportarás não somente de boa vontade, mas agradecendo ao Senhor.

**Terceiro:** — Quando te pareces teres já feito muita penitência e pouco teres ofendido à Diviná Majestade — pensamento que nunca debes entreter. — lembra-te de que no reino celeste não se entra, senão pela porta estreita das tribulações.

**Quarto:** — Embora pudesses entrar no reino celeste, pelo outro caminho, não o deves desejar, devido à lei do amor, já que o Filho de Deus, com todos os seus amigos, entraram por meio dos espinhos e da cruz.

**Quinto:** — De preferência deves meditar, nesta e em qualquer outra ocasião, sobre a vontade de Deus, que, pelo amor que te tem, se compraz indizivelmente por qualquer ato teu, de virtude e mortificação, e quer que sua fiel e generosa guerreira corresponda ao seu amor.

Tem sempre por certo, que, tanto maior será a alegria do Senhor, quanto mais irrazoavel for o trabalho que se te impõe, e quanto mais indigno ele for, da parte donde vem, e portanto, mais difficil de tolerar. Ainda nas cousas desordenadas em si mesmas, e amargas, o Senhor cumpre a sua divina vontade, pois tem seus planos perfectissimos em tudo o que acontece, por desregrado que seja.

---

## CAPÍTULO XV.

### **DE ALGUNS CONSELHOS A RESPEITO DO MODO DE COMBATER, E ESPECIALMENTE CONTRA QUE COUSA E COM QUAIS VIRTUDES SE O DEVE FAZER**

Já viste, filha, o modo como te é preciso combater, para te venceres a ti mesma e te ornares da virtude.

Lembra-te agora, de que, para alcançares com maior pressa e facilidade, vitória sobre teus inimigos, é preciso que combatas com animo todos os dias, e particularmente contra o amor próprio, esforçando-te por contar como caros amigos, os desprezos e os desgostos que o mundo te possa dar.

Como já dissemos, as vitórias são difíceis, raras, imperfeitas e falazes, porque muitos fazem pouco desta batalha.

Teu combate deve ser empenhado com grande fortaleza e animo, que facilmente adquirirás, pedindo-a a Deus. Considera que é feroz o ódio de teus inimigos, e grande é o número de seus

batalhões e exércitos. Mas lembra-te também de que a vontade de Deus e o amor que te dedica é infinitamente maior. E muito mais poderosos são os anjos do céu e as orações dos santos, que combatem do nosso lado.

Entendemos então, como tantas e tantas donzelas venceram o poder e a sabedoria do mundo, os assaltos da carne e toda a raiva do inferno.

Não te deves admirar, portanto, de que algumas vezes a batalha te pareça tornar-se mais difícil e não ter mais fim, enquanto, de diversas partes, sejas ameaçada a cada momento. Pois deves saber que todo o poder e a força dos nossos inimigos está nas mãos do nosso divino Capitão. Nós combatemos por sua honra e já que Ele mesmo nos chamou à batalha e nos ama indizivelmente, não permitirá que a luta seja forte demais. Ele combaterá por ti e te fará vitoriosa, quando Lhe agradar. E tanto maior será a tua recompensa, quanto mais tempo durar, mesmo que seja até o fim da vida, a tua batalha.

O que a ti compete fazer, é combater generosamente. E, se fores ferida, não largues as armas nem fujas.

Finalmente, para que batalhes com valor, é preciso que saibas que esta

**luta é fatal, que não nos podemos furtar a ela, e que, quem não combate, cedo será ferido e morto.**

**Com energia se deve guerrear inimigos de tal espécie e tão cheios de ódio, de quem não se pode jamais esperar paz e trégua.**

---

## CAPÍTULO XVI.

### **O SOLDADO DE CRISTO SE DEVE APRESENTAR AO CAMPO DE LUTA, LOGO NAS PRIMEIRAS HORAS DO DIA**

Quando te levantares, a primeira coisa que teus olhos internos devem ver, é a ti mesma, na arena da luta, com esta lei: ou o combate ou a morte eterna.

Na arena imaginarás, à tua frente, tuas inclinações más, contra as quais já combatestes. Elas estarão armadas para te ferirem e te darem a morte. Do lado direito imaginarás o teu vitorioso capitão, Jesús Cristo, com a sua SS. Mãe, a Virgem Maria, e o seu caríssimo esposo S. José, com muitos batalhões de anjos e santos, e, particularmente, S. Miguel Arcanjo. Do lado esquerdo, o demônio, com os seus asseclas, prontos para excitarem as tuas paixões e te instigarem a ceder.

Imaginarás então, que uma voz, como

~~Relembro-te que não deves furtar ao~~  
que a de teu anjo da guarda, te esteja  
falando assim:

“Hoje deves combater contra estes e outros inimigos teus. Nada tema o teu coração. Não desanimes. Não cedas por temor ou por respeito, porque o Senhor nosso e teu Capitão está aqui junto de ti, com todos estes gloriosos batalhões. Todos combaterão contra os teus inimigos, e não permitirão que te assaltem com demasiada ferocidade. Resiste pois, violenta-te a ti mesma e suporta as penas que padecerás, ao empenhar esta batalha. Grita, no íntimo de teu coração, e invoca o teu Senhor, implora o auxílio de Maria Santíssima e de todos os santos, e assim, sem dúvida, vencerás. Se te sentes fraca ou mal habituada, ou se teus inimigos são fortes e são muitos, lembra-te que maiores ainda são os socorros de quem te creou e te remiu, e não te esqueças de que o teu Deus é muito mais forte, e que a vontade de teu Senhor, de te salvar, é maior que a do demônio de te perder. Combate então, e não te desanime o que vais sofrer. A fadiga, a violência contra as tuas inclinações más, a pena que sentirás, devido aos más hábitos, tornam mais bela a vitória e te fazem possuir.

dora do grande tesouro com que se compra o reino dos céus e se une a alma eternamente com o Senhor”.

Começarás, filha, em nome do Senhor, a combater com as armas da desconfiança de ti mesma, e da confiança de Deus, com a oração e o exercício. Chamarás à batalha teus inimigos e tuas inclinações más e estarás pronta a vencer estes vícios, ora com um santo ódio, e ora com os outros atos das virtudes contrárias. Agradarás assim a teu Senhor que, com toda a Igreja triunfante, contempla a tua batalha.

Relembro-te que não te deves furtar ao combate. Nós todos temos a obrigação de servir e agradar a Deus; e a necessidade de combater é imprescindível, porque quem foge é vencido.

Relembro-te ainda, que, se quisesse fugir de Deus e te dar ao mundo e às delícias da carne, mesmo assim precisarias lutar com tantas contrariedades, que, muitas vezes, ficarias com o coração numa angústia de morte.

Considera a loucura que seria, procurar as delícias do mundo, chelas de fadigas e de dores, e culminadas com a morte eterna, tudo isto para fugir duma vida virtuósa, que, nos uniria eternamente ao nosso Deus, num gozo infinito.

---

---

## CAPÍTULO XVII.

### DA ORDEM QUE SE DEVE GUARDAR NO COMBATE AS NOSSAS PAIXÕES VICIOSAS

Muito importa saber a ordem que se deve guardar no combate, para que não façamos como muitos, que, com grande dano seu, batalham ao acaso. Deves entrar no teu coração e ver, com diligente exame, que espécie de pensamentos se agitam em teu interior e que paixões más te oprimem. Toma então, as armas e empenha uma batalha contra estes pensamentos e estas paixões.

Se acontecer que sejas assaltada por outros inimigos, não há dúvida, que deves combater contra aquilo que, atualmente e mais de perto te faz guerra. Cesada entretanto, a réfrega, volta ao emprehendimento principal,

destas ocasiões, é procurares te livrar deste afeto.

Mas, se a alteração procede, não da cousa, mas da pessoa, cujas ações, por pequenas que sejam, te enraivessem, o remédio é que cuides em inclinar tua vontade a amar esta pessoa. Ela é uma creatura como tu, creada pela mesma soberana mão, resgatada pelo mesmo divino Sangue e agora te apresenta a ocasião, se refreas tua impaciência, de te assemelhares ao teu Senhor, amoroso e benigno para com todos.

---

## CAPÍTULO XIX.

### DO MODO DE COMBATER CONTRA O VÍCIO DA CARNE

Contra este vício é preciso combater de modo diverso daquele que empregamos ao combater as outras paixões.

Cumpre dividir assim, a luta:  
Antes da tentação, — durante a tentação — e depois da tentação.

Antes da tentação, a batalha será contra as causas que costumam produzir estas tentações.

**Primeiro:** — Deves combater, não afrontando o vício, mas fugindo decididamente de qualquer ocasião ou pessoa que te possa causar perigo.

Precisando tratar com uma pessoa destas, faze-o o mais depressa possível, e com porte modesto e grave. Tuas palavras, antes sejam ásperas, que adocicadas.

Se muitos anos lidaste com esta pes-

sôa, sem sentir os estímulos da carne, não te fies nisto. O vício faz, às vezes, em uma hora, o que não fez em muitos anos e dispõe as suas armadilhas ocultamente, ferindo tanto mais incuravelmente, quanto mais ele se finge de amigo e menos deixa que suspeitem dele.

A experiência tem mostrado e ainda hoje mostra, que, muitas vezes, deve-se temer da prática contínua, mesmo lícita, com uma pessoa ou com a parentela: por grande que seja a virtude da pessoa com quem tratamos, pouco a pouco se vai imiscuindo, naquele trato imprudente, um venenoso deleite dos sentidos, que cresce insensivelmente. O amor sensível penetra então, no amago da Cama, vai ofuscando sempre mais a razão e chega-se assim a estimar como nada as cousas perigosas. Os olhares amorosos, as palavras amáveis de uma a outra parte, e o gesto da conversação. Toma-se então, o hábito e torna-se muito difícil vencer as tentações.

**Insisto:** — Deves fugir das ocasiões, porque és como a palha: estás banhada e repleta de água da boa vontade, e preferirás agora, morrer a ofender a Deus. Mas que adianta isto, se o fogo, com seu calor, vai evaporando a água da boa vontade, e, quando menos se pensar, queimará a palha? e o homem,

sucumbido à tentação, não guardará respeito nem a parentes, nem a amigos, não temerá a Deus, não olhará a honra, nem a vida, nem as penas todas do infer-

Foge, fuge, se não queres ser vencida e morta.

**Segundo:** — Foge do ócio e está sempre vigilante, dedicando-te aos pensamentos e aos trabalhos convenientes ao teu estado.

**Terceiro:** — Não faças resistência a teus superiores, obedece-lhes facilmente, cumprindo com prontidão as ordens impostas especialmente as que te humilham e mais vão contra a tua vontade e inclinação natural.

**Quarto:** — Não faças juízo temerário do próximo, principalmente a respeito da castidade. Se vês alguém cair, compadece-te dele e não o desprezes.

Mas humilha-te, procura conhecer-te a ti mesma, e saber que és pó e nada. Reza ao Senhor e, mais do que nunca, fuge de tudo onde vês sombra de perigo.

Se te mostrares facil de julgar os outros e desprezar os pecadores, Deus te corrigirá, à tua própria custa, permitindo que caias no mesmo defeito, afim de que combatas a tua soberba e humilhada, procures fugir destes dois defeitos.

E se não caíres nem mudares teu pen-

samento, muito é de desconfiar do estado de tua alma.

**Quinto e último:** — Quando te sentires em delícias espirituais, cuida em não adquirir uma certa complacência vã de ti mesma, nem de te persuadires de que és alguma cousa e que teus inimigos não mais te farão guerra, pois que os desprezas com náusea, horror e ódio. Se fores incauta neste ponto, facilmente cairás.

No momento da tentação, considera se esta procede de algum motivo intrínseco ou extrínseco.

Entendo por extrínseco, a curiosidade dos olhos, dos ouvidos, o exagerado cuidado dos vestidos, e as práticas e conversas que levam a este vício.

Nestê caso o remédio é a honestidade, a modestia é o cuidado em não querer, nem ver, nem sentir nada que leve a este vício. E, se notares o perigo, rapidamente debes fugir, como falamos acima.

O motivo intrínseco procede, ou da vivacidade do nosso corpo, ou de pensamentos que temos, ou por causa de nossos máus hábitos ou talvez por sugestão do demônio.

A vivacidade do corpo deve ser mortificada com jejuns, disciplinas, cilícios, vigílias e outras penitências semelhan-

tes, sempre, porem, de acordo com a disposição e a obediência.

Quanto aos pensamentos, venham donde vier, os remédios são os seguintes:

As ocupações convenientes do nosso estado.

A oração e a meditação.

Da seguinte maneira deve ser a oração:

Quando começares a reparar, não tanto que já estás com pensamentos máus, mas que eles já se começam a manifestar, eleva a tua mente ao crucificado, dizendo:

“Jesús meu, meu doce Jesús, ajuda-me, para que eu não seja venêda por este inimigo”.

E, abraçando-te à cruz do Senhor, beija muitas vezes as chagas dos seus sagrados pés, dizendo afetosamente:

“Chagas belas, chagas castas, chagas santas, feri este mísero e impuro coração, livrando-o de Vos ofender”.

Na meditação, enquanto ainda sofres as tentações dos defeitos carnaes, não debes pensar sobre certos pontos que muitos livros propõem como remédio a estas tentações: A consideração da vileza deste vício, de sua insaciabilidade, dos desgostos e tristezas que se lhe seguem e dos perigos que eles acarretam, à saúde e à honra. E cousas semelhantes.

Meditar sobre isto, enquanto duram as tentações, não é seguro meio de as vencer. Antes, podem até causar dano. Enquanto a inteligência medita sobre estes pensamentos, corre o perigo de deleitar-se neles e consentir no deleite.

Por isso, o verdadeiro remédio é fugir, não só destes, como até dos pensamentos contrários que vierem à mente.

A meditação que farás, para venceres estas tentações será sobre a vida e a paixão do nosso Divino Crucificado.

Se durante a meditação voltarem à tua mente, contra a tua vontade, os mesmos pensamentos, e te importunarem mais do que de costume, coisa que frequentemente acontece, não desanimarás nem deixarás a meditação, nem, para lhes resistir, te voltarás para elas. Mas continuarás, o mais atentamente possível, a tua meditação, não importando com aqueles pensamentos. Farás como se não fossem pensamentos teus. E' o melhor meio de te opores a eles, mesmo que te fizessem contínua guerra.

Concluirás a meditação com esta ou semelhante prece:

“Livra-me, Creador e Redentor meu, dos meus inimigos, em honra de tua paixão e inefável bondade”. Mas não trarás à mente, o vício, porque mesmo imaginá-lo é perigoso.

Não fiques nunca em dúvidas sobre se consentiste ou não, na tentação, porque isto, sob a aparência de bem, é mesmo do demônio para te inquietar e te tornar pusilanime. Ou para que, ocupando-te nestes pensamentos, caias em algum deleite.

Nesta tentação, quando o consentimento não é claro, basta confessar tudo, em poucas palavras, ao teu padre espiritual e permanecer depois sossegada, sem mais pensar no assunto.

Abre fielmente a tua alma ao teu diretor espiritual, e não tenhas nenhum respeito humano nem acanhamento.

Para combatermos todos os nossos inimigos, temos muita necessidade da virtude da humildade. Mais ainda precisamos desta virtude, para combatermos o vício da carne, pois ela é, geralmente, o castigo da soberba.

Passada a tentação, o que te resta fazer, por livre e segura que penses estar, é afastar da mente aqueles objetos que te ocasionavam a tentação, ainda que por qualquer motivo, ou mesmo por desejo de virtude, queiras fazer o contrário. Porque uma das grandes fraudes de nossa natureza viciosa e um dos laços do nosso sagaz adversário, é transformar-se em anjo de luz para nos cobrir de trevas.

---

## CAPÍTULO XX.

### DO MODO DE COMBATER A NEGLIGÊNCIA

A negligência é um obstáculo à perfeição, pois entrega os que teem este vício, nas mãos dos inimigos. Para que não te tornes escrava deste pecado, é preciso que fujas da curiosidade, do apego aos bens terrenos e de qualquer ocupação que não convenha ao teu estado.

E' preciso que faças esforço para responder com presteza a toda a bôa inspiração e a qualquer ordem de teus superiores, fazendo tudo no seu tempo, e do modo que os superiores querem.

Não demores, por pouco que seja, a obedecer. Esta falta de diligência acarretará um segunda, logo um terceira e outras muitas. Os sentidos se habituam à negligência e cederás então, mais facilmente que no princípio, pois já estás presa do prazer que provaste.

E assim te irás habituando a começar

teu trabalho muito tarde, ou então, deixa-lo-ás muitas vezes, como cousa merecida. Pouco a pouco, irá se formando o hábito de negligência, que se tornará totalmente forte, que, no momento da falta, reconheceremos que somos muito negligentes, sentiremos repugnancia de nós mesmos, mas somente faremos o propósito de, mais tarde, em outra ocasião, sermos solícitos e diligentes.

Esta negligência atingirá a toda a nossa alma. Seu veneno infeccionará não somente a vontade, fazendo-a aborrecer aquele trabalho, mas chegará a obcecar a inteligência, de modo tal que ela não verá como são vãos aqueles propósitos de resistir, no futuro, diligentemente, às tentações a que agora, voluntariamente, sucumbiremos.

Não basta fazer, a qualquer momento, o que devemos fazer. E' preciso esperar o seu tempo, que será marcado pela hora de realizá-lo, importa fazê-lo com toda a diligência, para que seja cumprido o dever, com toda a perfeição possível.

Fazer um trabalho antes do tempo, não é diligência, mas finíssima negligência. Fazê-lo apressadamente e sem cuidado, com os olhos fitos no descanso que poderemos desfrutar depois, também não passa de negligência.

Estes atos acarretam grande mal à alma, porque não se considera o valor da obra boa, feita no seu tempo, e não se enfrenta com ânimo resolutivo, a fadiga e as dificuldades, que o vício da negligência apresenta, sempre, aos soldados novos.

Deves lembrar-te que uma só elevação da mente a Deus e uma genuflexão em sua honra, vale mais que todos os tesouros do mundo. E que, sempre que fazemos violência a nós mesmos e às nossas paixões viciosas, os anjos nos trazem do reino dos céus uma corôa de gloriosa vitória.

Aos negligentes, Deus vai tirando as graças que lhes dava, e aos diligentes as graças vão crescendo, para que aquelas almas gozem, um dia, no Senhor.

Se nos primeiros princípios, não tens energia para reagir generosamente contra a fadiga e as dificuldades, sempre que as ocultes, para que pareçam menores do que os negligentes as dizem.

As vezes, é preciso que faças muitos e muitos atos para conquistar uma virtude, e te afadigues muitos dias. Os inimigos te parecem então muito fortes. Começa porisso, a produzir atos, como se fizesses pouca conta deles. Imagina que é por pouco tempo que te precisas afadigar. Combate contra um inimigo,

como se não te restassem outros a serem combatidos. E tem sempre uma grande confiança no auxílio que Deus te dispensará, mais forte que o poder dos inimigos. Deste modo, tua negligência começará a se enfraquecer e tua alma se irá dispondo a adquirir a virtude contrária.

Digo o mesmo a respeito da oração. Se ela, por exemplo, deve durar uma hora e isto parece pesado à tua negligência, começa a rezar como se fosse fazer somente durante um oitavo de hora. Passarás depois, com facilidade, ao segundo oitavo, ao terceiro e assim por diante. Mas se, no segundo ou nalgum outro oitavo de hora, sentisses que a repugnancia e a dificuldade eram fortes demais, deixa para depois a oração, para não te cansares em demasia. Mas não te esqueças de retomar, pouco depois, o exercício.

Do mesmo modo deves proceder, quanto aos trabalhos manuais, quando acontece que precisas fazer muitas coisas e pareçam dificultosas demais, à tua negligência, e te causam aflição.

Começa o teu trabalho corajosamente, e emprende uma das obras, como se fosse a única. Cumprirás assim, todo aquele mister que, à tua negligência, parecia de grande fadiga.

Se assim não fizeres e não combate-

reç a negligência, prevalecerá em ti este vício, que, não somente a fadiga que sentires durante o exercício da virtude te assustará, mas temerás sempre as dificuldades que te advirão dos trabalhos futuros. E estarás sempre anciosa, temerás sempre os futuros assaltados do inimigo e receiarás a todo o momento, que alguém te venha impor alguma cousa desagradavel. Viverás sempre inquieta.

E lembra-te, filha, de que este vício da negligência, pouco a pouco, com seu veneno escondido, não somente ataca as primeiras e pequeninas raizes, que fariam crescer os hábitos das virtudes, mas ferem tambem os hábitos já adquiridos. E' perfeitamente, como o cupim. O vício vai roendo insensivelmente e consumindo o amago da vida espiritual. O demônio arma este laço contra todos os homens, especialmente contra os mais piedosos.

Vigia portanto, reza e pratica o bem e não te demores a tecer a fazenda para a veste nupcial, pois deves estar sempre pronta para ir ao encontro do esposo.

E lembra-te todo o dia, de que quem te dá a manhã não te promete a tarde, e quem te dá a tarde não te promete a manhã.

Usa portanto, de todos os teus se-

gundos e minutos, de acordo com a vontade divina, e como se fossem os últimos momentos de tua vida. Além disto, deverás prestar conta minuciosíssima de todos os teus instantes.

Concluo, aconselhando-te a que tenhas como perdido o dia em que, mesmo se trabalhaste muito, não conseguiste muitas vitórias contra as tuas más inclinações e contra a tua vontade própria, ou não agradeceste ao Senhor dos benefícios que te concedeu, particularmente a penosa Paixão que Ele sofreu por ti, e paterno e doce castigo, com que te puniu, te fez digna do tesouro inestimável de algumas tribulações.

---

## CAPÍTULO XXI.

### **SOBRE O CUIDADO QUE SE DEVE TER A RESPEITO DOS SENTIDOS EX- TERNOS, PARA QUE ESTES SENTI- DOS NOS LEVEM À CONTEMPLAÇÃO DA DIVINDADE**

E' preciso muito cuidado e contínuo exercício, para dirigirmos e regrarmos bem os nossos sentidos exteriores. Os appetes são como que os capitães de nossa natureza corrompida, que somente procura prazeres e contentamentos e, não podendo buscá-los por si própria, serve-se dos sentidos, como de soldados seus e instrumentos naturais. Atingem assim os obejetos e estampa suas imagens na alma. O prazer logo se segue e, sendo comum à imaginação e à carne, se espalha por todos os sentimentos que são capazes deste deleite. A alma e corpo então, se contagiam mutuamente e tudo se corrompe.

Considera o dano, e procura o remédio. Cuida em impedir que teus sentidos

andem por onde queiram, e não te sirvas deles, quando fores movida unicamente pelo deleite. Se não reparaste nisto, a tempo, volta logo atrás, ou muda de intenção, de maneira que tuas ações, que antes só buscavam contentamentos vãos, tenham agora uma finalidade nobre, que dê bons frutos para abrir as asas de suas faculdades e levantar-se para o céu na contemplação da Divindade.

Poderás fazê-lo do seguinte modo:

Quando algum objeto se apresenta aos teus sentidos exteriores, pensa um pouco e separa daquela cousa, o espírito de Deus que alí habita. Assim dirás: aquele objeto não possui de si mesmo, nada daquilo que nele reparo, mas tudo é obra de Deus, que, com seu espírito invisivelmente, lhe dá o ser, a bondade, a beleza e todo o bem que alí existe.

E alegra-te, então, por ser o teu Senhor o único princípio de tantas e tão variadas perfeições. Deus possui-as a todas, em si mesmo, em gráu muito mais perfeito, pois tudo nada é, senão uma semelhança muito imperfeita das divinas perfeições.

Quando estiveres admirando cousas nobres, reduzirás ao nada, com teu

pensamento, aquella creatura, e contemplarás, com os olhos de tua intelligência, o Sumo Creador alí presente, que deu ser àquele objeto nobre. E amando somente ao Creador, dirás: "O' essência divina, que és anhelado de nossas almas, quanto me alegro por seres o princípio infinito de todo o ser creado"!

Do mesmo modo, contemplando as árvores, as hervas, e cousas semelhantes, lembrar-te-ás de que não teem de si mesmo, a vida que vivem, mas receberam-na do espirito invisivel que não vês, mas que é o vivificador de todas as cousas. Poderás, então, dizer: "Eis a verdadeira vida, de quem, em quem e por quem, vive e cresce todas as cousas.

Quanto meu coração se alegra!"

Quando vires os animais, elevarás a mente a Deus, que lhes dá o movimento e os sentidos. e dirás: "O' movimentador primeiro, de todas as cousas, que tudo moves e sois imovel! Quanto me alegro de tua estabilidade e firmeza!"

Se a beleza das creaturas te encanta, distingue logo, aquilo que vês daquilo que não vês, e considera como toda aquella exterioridade bela, foi causada pelo espirito invisivel. E diz, toda feliz: "Eis os rios que emanam da fonte creada, eis as gotas do infinito mar de

bondade. Oh! como me alegro no íntimo do meu coração, pensando na eterna e imensa beleza, que é origem e causa de toda a beleza!”

Reparando na bondade, sabedoria, justiça ou noutras virtudes no teu próximo, faz a mesma distinção e diz a teu Deus: “O’ riquíssimo tesouro de virtude, quanta é a minha felicidade, ao lembrar-me de que, por ti e de ti unicamente, derivam todos os bens, e tudo, comparado com tuas divinas perfeições, nada é! Agradeço-te, Senhor, por este e por todos os outros benefícios que fizeste ao meu próximo. E lembra-te, Senhor, da minha pobreza e da grande necessidade que tenho, da virtude da...”

E quando moveres as mãos para fazeres algo, recorda-te de que Deus é a causa primeira daquela operação, e tu nada mais és, que seu instrumento vivo. Levanta, portanto, teu pensamento ao Senhor e diz assim: “Quanto me sinto feliz dentro de mim mesma, ó supremo Senhor de tudo, por nada poder eu fazer, sem ti, e por seres o primeiro e principal operador de tudo!”

Comendo ou bebendo considera que é Deus que dá gosto às cousas. AlegRANDO-te somente nele, dirás: “Goza, minha alma, de que fora de teu Deus não

exista verdadeiro contentamento, e de que somente nele te possas alegrar!”

Se te agrada o odor de alguma coisa, não te atendas meramente ao prazer do olfato, mas volta logo teu pensamento ao Senhor, que é a causa daquele aroma agradável. E sentindo, devido a isto, consolação interna, dirás:

“Faz, Senhor, com que, assim como me alegra saber que procede de Ti esta suavidade, assim também, minha alma, despreendida de qualquer prazer terreno, se eleve e tenha um odor que te seja agradável”.

Quando ouves alguma harmonia de sons ou de cantos, eleva teu pensamento a Deus e diz: Quanto me alegro, Senhor e Deus meu, por tuas infinitas perfeições, que, não somente em ti mesmo formam celestiais harmonias, mas ainda, juntamente com os anjos, formam um maravilhoso concerto em todas as criaturas!”

---

---

## CAPÍTULO XXII.

### **COMO AS COUSAS NOS SERVEM PARA REGRARMOS OS NOSSOS SENTIDOS, SE DELAS NOS UTILIZARMOS PARA MEDITAR SOBRE O VERBO INCARNADO**

Já te mostrei como podemos elevar a mente, das cousas sensíveis, à contemplação da divindade. Aprende agora a passar dessas mesmas cousas, à meditação sobre o Verbo Incarnado e sobre os sacratíssimos mistérios de sua vida e Paixão.

Todas as cousas do universo podem servir para este exercício. Como acima falei, em tudo deves ver a Deus, que é a causa primeira de tudo, e que deu às cousas o ser, a beleza e a excelência que elas possuem. Passarás depois à meditação da grandeza e imensidade da bondade divina, que, sendo o único principio e senhor de tudo, desceu à tamanha baixeza de se fazer homem, de sofrer e morrer pelo homem, permitindo

que aquelas mesmas obras de suas mãos se armassem contra ele e o crucificassem.

Muitos outros pensamentos virão, depois, à nossa inteligência, ao pensarmos nas santas misérias que ele sofreu, nas armas, cordas, azorragues, colunas, espinhos, varas, pregos, martelos, enfim, em tudo o que foi instrumento de sua Paixão. As casas pobres te farão lembrar a gruta e o presépio do Senhor. Quando chover, lembrar-te-ás daquela divina chuva de sangue que, no horto, caiu de seu corpo e irrigou a terra. As pedras que vimos, trar-nos-ão à memória as lages que se partiram à sua morte. A terra lembrar-nos-á o terremoto que então se produziu. O sol fará com que nos recordemos das trevas que cobriram o mundo, à morte do Senhor. A água, a que jorrou de seu sacratíssimo lado. E, do mesmo modo, outras cousas semelhantes.

Provando vinho ou outra bebida, lembra-te do azeite e fel que teu Senhor bebeu.

Se te agrada algum perfume, pensa no máu cheiro de cadáveres, que ele sentia, no Calvário.

Vestindo-te, recorda-te de que o Verbo eterno se vestiu de carne humana para revestir-te de sua divindade.

Despindo-te, tem presente na memória o teu Cristo, que foi desnudado, para sofrer por ti a flagelação e a crucifixão.

Ouvindo rumores e vozes, pensa naqueles abomináveis gritos: "Crucifige, crucifige, tolle, tolle", que seus divinos ouvidos escutaram.

O bater das horas te lembre o penoso bater de coração, que o teu Jesús quis sofrer no horto, quando começou a se apavorar de sua próxima paixão e morte. Ou então, fingirás estar sentindo aqueles duros golpes com que Ele foi pregado na cruz.

E se tu, ou alguém, estiverdes sofrendo tristezas e dores, medita sobre a pequenez de todo este sofrimento, comparado com as angústias indescritíveis que afligiram o corpo e a alma de teu Senhor.

---

---

## CAPÍTULO XXIII.

### DE OUTRO MODO DE REGRAR OS SENTIDOS, SEGUNDO AS DIVERSAS CIRCUNSTANCIAS QUE SE APRESENTEM

Viste como a inteligência deve passar, das cousas sensíveis, à divindade e aos mistérios do verbo encarnado. Lembrarei agora alguns outros modos de meditar, para que tenhamos muitos e diversos alimentos, já que os gostos das almas são tão diferentes entre si.

Alem disto, serão uteis não somente às pessoas simples, mas ainda aos de inteligência elevada e mais avançados na vida do espirito, os quais, porem, nem sempre estão dispostos a especulações mais altas.

Nem haverá te embaraços, meditando sobre cousas tão várias, se te a tiveres à regra da discreção, e seguirees os conselhos dos outros. Deves obedecer com humildade e confiança a estes con-

selhos, não somente neste ponto, mas em quaisquer outros sobre os quais te tenho falado.

Ao contemplores tantas cousas belas, e admiradas na terra, considera a vileza de todas elas. São como esterco, comparadas com as riquezas celestes. Despreza filha, o mundo inteiro, e aspira somente, com todo o afeto, às riquezas do céu.

Voltando tua vista para o sol, lembra-te de que tua alma é ainda mais lúcida e brilhante, se está na graça do teu Creador. E se não está em estado de graça, é mais negra e abominável que as trevas infernais.

Elevando ao céu os olhos de teu corpo, penetra com os de tua alma, no celeste reino, fixa aí o teu pensamento, como em um lugar que te está aparelhado para eterna e felicíssima moradia, se viveres inocentemente na terra.

Ouvindo o gorgoeio dos pássaros, ou outros cantos, eleva tua mente às harmonias do céu onde ressoa um contínuo Aleluia, e roga ao Senhor, te faça digna de louvá-lo perpetuamente, junto com os espíritos celestes.

Quando te alegrar a beleza das criaturas, presta atenção em como aí se esconde a serpente infernal, pronta para te matar ou te ferir. Poderás então, di-

zer: "Serpente maldita, como te escondeste para me devorar?"

Volta-te depois para Deus e diz: "Bendito sejas, Deus meu, que me descobriste o inimigo e me livraste de suas fauces!"

Foge deste perigo e procura logo as chagas do Senhor na Cruz, meditando sobre elas e considerando o quanto sofreu o Senhor na sua sacratíssima carne, para te livrar do pecado e tornar odiosos, a teus olhos, os deleites da carne.

Outro modo ainda sugiro, para te furtares a essas perigosas sensações: pensarás no que ficará, depois da morte, daquele objeto, que, agora, tanto te agrada.

Enquanto caminhas, lembra-te de que a cada passo que dás, mais se te vai avizinhandando a morte.

Vendo os pássaros voarem ou a água escorrer, pensa em como é maior a velocidade com que vem caminhando sobre ti, o teu fim.

Se se levantarem ventos impetuosos, se relampejar ou estiver trovejando, lembra-te no tremendo dia do juízo. Ajoelha-te e adora a Deus, pedindo-lhe te conceda a graça e o tempo de te preparares bem, para o comparecimento perante sua altíssima Majestade.

E nos vários accidentes que possam occorrer à tua pessoa, exercitar-te-ás assim: se estás opressa, por exemplo, por alguma dor ou melancolia, ou o calor te molesta, ou o frio ou qualquer outra cousa te faz sofrer, eleva tua mente à vontade divina, à qual aprouve que, para teu bem, sentisses, naquela medida e naquele tempo, o encômodo que te affligiu.

E então, alegrada pelo amor que teu Deus demonstra ter por ti, e por teres ocasião contínua de servi-lo, dirás em teu coração: "Eis que se cumpre em mim a vontade divina, que, amorosamente e **ab aeterno**, dispôs que eu, neste instante atual, sofresse este padecimento. Seja sempre louvado o meu benigníssimo Senhor."

Quando te vem à mente algum pensamento bom, volta-te logo para o teu Deus e agradece-lhe, mostrando que reconheces virem dele, aquelas inspirações.

Quando lês, afigura-te que estás vendo debaixo daquelas palavras, o Senhor, e recebe-as como se estivessem saindo de sua divina boca.

Mirando a santa cruz, considera-a como o estandarte de tua milícia. Afastando-te dela, cairás nas mãos de inimigos cruéis. Seguindo-a, chegarás ao céu, carregada de troféus gloriosos.

Ao contemplar a querida imagem da Virgem, volta teu coração àquela rainha do paraíso, louvando-a pela docilidade com que sempre obedeceu à vontade de seu Deus. Agradece-lhe ainda, o ter dado à luz, alimentado e nutrido o Redentor do mundo, e os favores e auxílios que ela não cessa de te dispensar neste combate espiritual.

As imagens dos santos te lembrem os heróis que lutaram valorosamente e te abriram a estrada pela qual agora caminhas. Lembra-te de que serás, com eles, coroada, um dia, de perpétua glória.

Quando vires as igrejas, poderás considerar, entre outros devotos pensamentos, o seguinte: que tua alma é o templo de Deus, que deves conservar, sempre, puro e limpo.

Ouvindo, a qualquer tempo, os três toques do Angelus, poderás fazer as seguintes breves meditações, de acordo com as sagradas palavras que é costume dizer-se antes de cada uma destas preces celestiais:

Ao primeiro toque, agradece a Deus a embaixada que, do céu, ele enviou à terra e que foi o início de nossa salvação.

Ao segundo, alegra-te com Maria Virgem, pelas suas grandezas, às quais foi elevada, sem nada perder de sua singular e profundíssima humildade.

Ao terceiro toque, adora, junto com o anjo Gabriel e aquela Mãe felicíssima, o divino Menino agora concebido.

Não te esqueças de inclinar um pouco a cabeça, por reverência, a cada toque. No último, farás uma vênia maior.

Estas meditações, divididas pelos três toques, servem para qualquer tempo.

As outras, de que agora vamos falar, serão feitas, umas à tarde; outras, pela manhã; e outras, pelo meio dia. Serão sobre a Paixão, pois estamos obrigados a recordar muitas vezes as dores que padeceu Nossa Senhora durante a Paixão. Se esquecemos estes padecimentos, mostramo-nos ingratos.

A tarde nos lembrará as angústias que sofreu aquela Virgenzinha pura, pelo suor de sangue, pela prisão de Jesus no horto, e pelas dores ocultas, que, em toda aquela noite, Jesus sofreu.

A manhã fará com que nos compadeçamos das aflições que ela sentiu com a apresentação de seu Filho a Pilatos e a Herodes, pela sentença de morte contra o Salvador, e pelo peso da cruz, que ele aturou às costas.

Ao meio dia pensa na espada de dor

que atravessou o coração, daquela Mãe desconsolada, pela crucifixão e morte do Senhor e pelo crudelíssimo golpe vibrado pela lança no seu lado sacratíssimo.

Estas meditações sobre as dores da Virgem, podê-las-ás fazer desde a tarde de quinta-feira até o meio dia de sábado. E em outros dias farás as outras considerações. Fica a cargo de tua devoção particular e das circumstancias, determinar-lhes o tempo.

E para concluir com poucas palavras, meus avisos sobre a maneira de regrar os sentidos, aconselho-te a que te movas, nas várias circumstancias, não pelo amor ou aborrecimento das cousas, mas somente pela vontade de Deus. E a que rejeites ou abrases somente o que Deus quer que rejeites ou abrases.

Advirto-te ainda, que não te apresentei estes modos de regrar os sentidos, afim de que medites sobre eles. Deves estar sempre com a mente recolhida no teu Deus. Este Senhor quer que, com frequentes atos, venças teus inimigos e as paixões viciosas, resistindo aos seus ataques e fazendo atos das virtudes contrárias.

Mas se te ensinei aquelas maneiras é para que te saibas dirigir, ao se apresentar a occasião.

Pois pouco fruto obtemos, se nos metemos em muitos exercícios, mesmo que sejam boníssimos, pois muito cedo estaremos com a mente cónfusa, sentiremos o amor próprio e o desassossego, e o demônio estenderá os seus laços, para que caíamos.

---

## CAPÍTULO XXIV.

### DO MODO DE PÔR FREIO A LÍNGUA

A língua do homem precisa muito de regra e de freio, porque não há quem não esteja grandemente inclinado a falar e discorrer sobre as cousas que mais agradam aos sentidos.

E' devido a uma certa soberba, que, na maioria dos casos, somos levados a falar muito. Persuadimo-nos, devido a a este orgulho, de que sabemos muito; comprazemo-nos nas nossas opiniões e procuramos que os outros aceitem as nossas, para que tenhamos autoridade sobre eles, como se todos precisassem aprender de nós.

Não podemos, com poucas palavras, falar do mal que provem das muitas palavras.

A loquacidade é a mãe do desafeto, é a arma da ignorancia e da insensatez, a porta da crítica descaridosa, o veículo das mentiras e o esfriamento da devoção,

As muitas palavras dão força às paixões viciosas, e estas, por sua vez, incitam depois, a língua, a que continue na sua loquacidade indiscreta.

Com os que não te ouvem de bôa vontade, não sejas longa, para não os molestares. E faz o mesmo com os que gostam de te ouvir, para não seres imodesta.

Foge de falar com ardor e voz alta, porque ambas as cousas são odiosas, pois são indício de presunção e vaidade.

A não ser por necessidade, (e, neste caso, o mais brevemente possível), não fales de ti, de teus atos e de teus companheiros. Se te parece que outros falam de si mesmos em demasia, esforça-te por ter bom conceito deles, mas não os imites, mesmo que suas palavras fossem uma acusação de si mesmos e tivessem por fim a sua humilhação.

Pensa o menos possível sobre teu próximo e sobre as cousas que a ele pertencem. E sempre que o faças, seja para falar bem deles. De bôa vontade fala do amor de Deus, mas com o medo de poder errar, ainda neste assunto. Melhor é preferires prestar ouvidos, quando outro fala, guardando tuas palavras no íntimo do teu coração.

Mal cheguem aos teus ouvidos as vozes de outrem, eleva tua mente ao Senhor.

Precisas ouvir para entender e responder, mas não deixes, por isso, de elevar teu pensamento até o céu, onde habita o teu Deus, e de pensar na sua grandeza e na imensa vileza tua, aos olhos do Senhor.

Antes de falar sobre as cousas que entram em teu coração, pensa primeiro. Porque muitas cousas desejarás, mais tarde, não as ter exposto.

Advirto-te ainda, que, muitas cousas que pensarás ser bom que as digas, melhor seria que as deixasses sepultadas no silêncio. Poderás reconhecê-lo, pensando sobre isto, depois de passada a ocasião do raciocínio.

O silêncio, minha filha, é uma grande fortaleza na batalha espiritual, e garantia da vitória.

O silêncio é o amigo daquele que desconfia de si mesmo e confia em Deus. E' um auxilio maravilhoso no exercício das virtudes, e só com o silêncio podemos fazer oração contínua.

Para te acostumares a te calar, considera muitas vezes os danos e perigos da loquacidade e os grandes benefícios do silêncio. Toma-te de amor por esta virtude e, para adquirir-lhe o hábito, cala-te mesmo quando não ficaria mal falar, desde que isto não te prejudique, nem a ti nem aos outros.

Ser-te-á util ainda, afastar-te das conversações. Perderás a companhia dos homens, mas terás a dos anjos, dos santos e do próprio Deus.

Finalmente, recorda-te da tarefa que tens em mãos. E ao veres quanto ainda resta fazer, não terás vontade de conversar em demasia.

## CAPÍTULO XXV.

### O SOLDADO DE CRISTO DEVE FUGIR DAS INQUIETAÇÕES DO CORAÇÃO

Se perdemos a paz do coração, tudo devemos fazer para a recuperar. Deves, também, saber que nenhum acontecimento deste mundo é razão de que percamos ou turbemos a paz do coração.

Devemo-nos, é verdade, arrepender dos nossos pecados. Mas com uma dor pacífica como de sopra te tenho mostrado. Do mesmo modo, sem nenhuma inquietação, compadece-te, com piedoso afeto de caridade, de outro qualquer pecador. Ao menos interiormenté, podemos lamentar as suas culpas.

Quanto a outros acontecimentos graves e encômodos, como enfermidades, ferimentos, ou o falecimento de nossos companheiros, ou pestes, guerras, incêndios e males semelhantes, que são infensos à nossa natureza e, porisso, aborrecidos pelo mundo, nós podemos não

somente querê-los, ajudados pela divina graça, mas, ainda, tê-los por dons preciosos, pois aos máus são castigo, e aos bons, occasiões de virtude.

Porisso Deus se compraz com estes acontecimentos, e se nós também os amarmos, suportaremos, com a alma tranquila, todas as amarguras e contrariedades desta vida.

Podes estar certa de que toda inquietação nossa desagrada aos olhos de Deus, pois, de qualquer espécie que seja, nunca está desacompanhada de imperfeição, e procede sempre de alguma raiz de amor próprio.

Toma muito cuidado no seguinte: mal percebas que uma cousa te possa inquietar, não te demores a tomar armás para a defesa. Considerarás que todos aqueles males e muitos outros semelhantes, embora tenham aparência de mal, não são verdadeiramente males e deles se podem tirar muitos bens. E que Deus te envia, ou permite que sofras estas cousas, com os já citados fins ou com outros, que, sem dúvida alguma, são justíssimos e santíssimos.

Se guardares sempre, mesmo em acontecimentos desagradaveis, o animo tranquilo e em paz, poderás fazer muito bem. De outro modo, todo o teu exercicio ficará pouco ou nada frutuoso.

Alem disso, quem tem o coração inquieto, está exposto a diversos golpes dos inimigos, e não poderá, naquele estado, ver bem qual é o verdadeiro caminho da virtude.

Nosso inimigo sobremodo aborrece esta paz, odiando-a como a um lugar onde habita o espírito de Deus para aí operar grandes cousas. E, porisso, muita vez nos sugere, com inspirações amigas, desejos de bôa aparência, para que percamos nossa tranquilidade de alma.

Mas o engano pode ser reconhecido, não somente pelos sinais já explicados, como por inquietarem o nosso coração.

Para fugires de tamanho perigo, quando a sentinela der rebate de algum novo desejo, não lhe abras a entrada do coração, sem primeiro apresentá-lo a Deus, com o animo indemne de qualquer vontade. Dirás ao Senhor a tua cegueira e ignorancia, e pedirás com insistência que te illumine e te faça ver se o novo desejo vem dele ou do adversário. Recorre tambem, se puderes, ao juizo do teu padre espiritual.

Mesmo provado que o desejo vem de Deus, antes de lhe atenderes, mortifica a tua demasiada vivacidade, porque então, precedida por tal mortificação, a obra será muito mais grata ao Senhor, do que se fosse feita com avidéz de sen-

timentos naturais. Muitas vezes, a mortificação agradará a Deus, mais que a própria obra.

Afastando de ti os desejos máus e não realizando os bons, senão depois de reprimir os movimentos naturais, possuirás a paz e gozarás de calma na rocha do teu coração.

Para conservá-lo em completo sossego, é necessário ainda, que o defendas de certos remorsos interiores, que, algumas vezes, veem do demônio, embora se te acusam de alguma falta, pareçam vir de Deus. Pelos frutos, conhecerás donde veem.

Se te humilham, se te fazem diligente em obrar o bem, nem tiram a confiança em Deus, deves tê-las como de Deus e agradecer-lhe. Mas, se te confundem, se te diminuem a confiança e te tornam fraca, preguiçosa e sem diligência para o bem, fica certa de que o remorso é arte do adversário. Não lhes dês ouvidos e continúa o teu exercício.

Outras vezes, e mais comumente, o desassossêgo nasce em nosso coração devido a acontecimentos adversos.

Defender-te-ás, fazendo duas cousas:

A primeira é que consideres se estes acontecimentos são adversos ou à alma ou ao amor e vontade próprias.

Porque, se são contrários ao teu amor

e vontade próprias. teus inimigos capitais e principais, não os deves chamar acontecimentos adversos, mas tê-los por favores e graças do Altíssimo Deus. Devem, portanto, ser recebidos com coração alegre e rendimento de graças.

Se são contrários ao espírito, nem por isso se deve perder a calma do coração. No capítulo seguinte serás instruída sobre isto.

A outra cousa é que eaves a mente a Deus, recebendó da divina Providência, de olhos fechados, sem vontade própria, tudo o que te enviar, e que os tenhas como cousas repletas de diversos bens, embora não os conheças a todos.

---

## CAPÍTULO XXVI.

### DO QUE DEVEMOS FAZER QUANDO SOMOS FERIDOS

Quando formos feridos, por termos caído, devido à nossa fraqueza, em algum defeito, mesmo que tenha sido voluntariamente e com malícia, não desanimo-nos, nem nos inquietemos com isto. Voltemo-nos logo para o Senhor e falemos-lhe assim: “Eis, Senhor meu, que agi segundo o que sou; nem se podia esperar de mim outra cousa, senão quedas”.

Demoradamente então, confundamo-nos perante nós mesmos, arrependamo-nos da ofensa ao Senhor e, sem perder a paz, desprezemos nossas paixões viciosas, principalmente aquelas que nos ocasionam queda. Continuemos depois: “Muitas outras vezes eu teria pecado, se tu, Senhor, por tua bondade, não me tivesses amparado”.

Agradeçamos-lhe, então, e amemo-lo mais que antes, admirando-nos de tan-

ta clemência, pois ele foi o ofendido e é Ele quem nos estende a mão para que não caiamos de novo.

Diremos, finalmente, com grande confiança na sua infinita misericórdia: "Age, Senhor, segundo o que és e perdôa-me, nem permitas que eu viva de ti separada, e te ofenda e me afaste de ti outra vez".

Feito isto, não nos ponhamos a pensar se Deus nos perdôou ou não. Porque isto, sob a capa de diversos pretextos bons, nada é, senão soberba, inquietação da inteligência, perda de tempo e engano do demônio.

Abandonemo-nos livremente nas piedosas mãos de Deus e continuemos em nosso exercício, como se não tivéssemos caído.

E mesmó que tornemos a cair e nos firmamos muitas vezes ao dia, façamos sempre do mesmo modo, confiando em Deus e orando, da maneira que acima expús. E, sempre mais nos desprezemos a nós mesmos, odiemos o pecado e nos esforcemos por ter maior cautela.

Este exercício desagradá muito ao demônio, porque ele sabe que é uma prática muito agradável ao Senhor.

Fica então, confundido, vendo-se vencido por quem ele, antes, vencera.

Porisso, de diversas maneiras fraudu-

lentas, cuida em que deixemos de fazê-las. E muitas vezes o obtem, devido à nossa negligência e pouca vigilância.

Por causa disto, quanto maior dificuldade encontrares, tanto mais violentamente a ti mesma, voltando muitas vezes a este exercício, mesmo se só uma vez tiveres caído.

E se, depois da queda, te sentes inquieta, confusa e sem confiança, a primeira cousa que deves fazer é recuperar a paz, a tranquilidade de coração, e a confiança. Em posse destas armas, volta-te então, para o Senhor. Pois a inquietação que sentes, lembrando-te do pecado, não é causada pela ofensa de Deus, mas pelo dano que sofreste.

Para recuperar a paz relembra a tua queda e considera a inefável bondade de Deus. Ele está sempre pronto a perdoar, deseja mesmo fazê-lo, por grave que seja a culpa, e chama o pecador, de maneiras várias e por variados caminhos, para que venha a Ele e se una a Ele nesta vida, com a graça santificante, e seja eternamente feliz, na outra, na glória do Paraiso.

Com estas e semelhantes considerações, guardarás sempre em paz a mente, voltarás a pensar sobre tua queda, fazendo como acima expliquei.

Depois, na confissão sacramental, a que deves recorrer frequentemente, acusa todas as tuas quedas. Com uma nova contrição, arrepende-te da ofensa de Deus e expõe com sinceridade tuas faltas ao padre espiritual, com firmes propósitos de não mais ofender a Deus.

---

## CAPÍTULO XXVII.

### **DAS MANHAS DO DEMÔNIO CONTRA OS VIRTUOSOS E CONTRA OS PECADORES**

Mister se faz que saibas, filha, que o demônio tem por meta a nossa perdição e não combate contra todos de uma só maneira.

Antes de começar a descrever os seus processos e estratagemas, cumpre dizer algo do estado em que se encontra o homem.

Alguns vivem na servidão do pecado, sem nenhuma idéia de se libertarem.

Outros querem libertar-se, mas não se animam a encetar a empresa.

Outros pensam estar caminhando na estrada da virtude e dela se afastam.

Outros enfim, depois de adquirirem a virtude, caem em grande perdição.

De todos estes, discorreremos separadamente.

---

## CAPÍTULO XXVIII.

### DAS MANHAS DO DEMÔNIO CONTRA OS PECADORES

Quando o demônio consegue reter algum homem na servidão do pecado, em nada cuida senão em obcecá-lo cada vez mais e de afastá-lo de qualquer pensamento que o pudesse levar ao conhecimento de sua infelicíssima vida.

Não somente procura impedir-lhe pensamentos e inspirações que o induzam a trocar idéias com outros, mas prepara circunstâncias e ocasiões para o fazer cair no seu pecado ou em outros maiores.

E assim, tornando-se mais forte e cega a sua cegueira, o pecador vem a se precipitar e habituar sempre mais no pecado. E cai então numa cegueira maior e num maior pecado, e vai vivendo neste círculo vicioso até à morte, se Deus não o socorre com uma graça especial.

O remédio, quanto ao que a nós to-

ca, é que, quem se encontra neste infelicíssimo estado, esteja pronto a atender aos pensamentos e inspirações que o chamam das trevas à luz, gritando ao Senhor, do íntimo do coração: "Ajuda-me, Senhor, vem depressa socorrer-me! Oh, não me deixes nestas trevas do pecado!"

Deves repetir muitas vezes estas palavras.

Se podes, corre logo ao padre espiritual, pedindo-lhe ajuda e conselho, para te livrares do inimigo.

Se não o podes fazer logo, dirige-te ao Crucificado, ajoelha-te a seus pés, curva tua face até o chão e pede misericórdia e auxílio também a Maria Virgem.

Aviso-te que nesta urgência é que está a vitória. como verás no capítulo seguinte.

---

## CAPÍTULO XXIX.

### **DAS MANHAS DO DEMÔNIO CONTRA OS QUE SE QUEREM LIVRAR DO PECADO, E PORQUE NÃO SURTEM EFEITO, TANTAS VEZES, OS NOSSOS PROPÓSITOS**

Aqueles que reconhecem sua vida má e querem sair dela, costumam ser enganados e vencidos pelo demônio com as seguintes palavras: “Depois, depois! — Cras, cras”, como grita o corvo.

Querem primeiro resolver e despachar este ou aquele negócio e só depois cuidar, com maior sossego, do espírito.

Este laço já prendeu e ainda hoje prende muita gente. Tudo devido à nossa negligência e descuido, que, em negócio como este, em que se joga a salvação de nossa alma e a honra de Deus, não se agarra logo a estas palavras tão poderosas: “agora, agora mesmo!”

Amanhã, por que? Hoje, hoje. Por que razão somente “cras?”.

Diz contigo mesma: “Mesmo se me

concedessem o “Depois” e o “Cras”, seria, por acaso, caminho de salvação e vitória de si mesmo, primeiro ser ferida e cair no precipício?”

Vês, portanto, que, para fugires deste engano e do outro, de que tratamos no último capítulo, em uma palavra, para vencer o inimigo, o remédio é a obediência imediata aos pensamentos e inspirações divinas. Digo obediência e não propósito, porque este muitas vezes falha e frequentemente muitos são enganados nos seus propósitos.

Por exemplo, como já muitas vezes dissemos, se os nossos propósitos não tem por fundamento a desconfiança de nós mesmos e a confiança em Deus. Mas a nossa grande soberba não nos deixa ver isto e daí procede o nosso engano e cegueira.

O auxílio para podermos gozar de lucidez e remediar ao mal, vem da bondade de Deus, que permite que caiamos, para que percamos a confiança em nós mesmos e confiemos somente nele, e para que nos conheçamos a nós mesmos e a nossa soberba.

Se queres, portanto, que sejam eficazes os teus propósitos, importa que sejas corajosa. E serás corajosa, quando não tiveres nenhuma confiança em ti

mesma e, com humildade, confiares, em tudo, somente em Deus.

A outra razão porque são falhos os nossos propósitos é a seguinte: quando nos movemos a fazer algum propósito, olhamos para a beleza e valor da virtude, e esta então, atrai a nossa vontade, por debil e fraca que seja. Chegando porem, a dificuldade, que sempre surge no caminho da virtude, a vontade, por ser fraca e falha, desfalece e volta atrás.

Tu porem, esforça-te por amar as dificuldades que a conquista da virtude traz consigo, mais ainda, que a própria virtude. E vais nutrindo, com estas dificuldades, a tua vontade, às vezes com pouco, às vezes com muito, se queres verdadeiramente possuir as virtudes.

E lembra-te de que tanto mais depressa e gloriosamente vencerás a ti mesma e a teus inimigos, quanto mais generosamente abraçares e amares as dificuldades. A terceira razão é que às vezes os nossos propósitos não teem em mira a virtude e a vontade divina, mas o interesse próprio.

E' o que soe acontecer com os propósitos que se fazem no tempo das delícias do espírito, ou enquanto nos afligem muito as tribulações. Então, o único alívio que se nos depara é o pro-

pósito de querer tudo oferecer a Deus e aos exercícios da virtude.

Para te furtares a este perigo, é preciso que sejas muito cauta e humilde no tempo das delícias espirituais, máxime quanto a promessas e votos. E na hora da tribulação, sejam teus propósitos os de tolerar com paciência a cruz, segundo é da vontade divina, e exaltá-la, recusando qualquer alívio terreno e, naquele momento, até do céu.

Seja um único, o teu pedido e o teu desejo: que Deus te socorra, para que supports toda adversidade, sem manchar a virtude e sem desgostar o teu Senhor.

---

## CAPÍTULO XXX.

### COMO MUITOS CREEM ERRADAMENTE NO CAMINHO DA PERFEIÇÃO

Vencido no primeiro e segundo assalto (de que acima falamos), o inimigo volta à carga. Faz com que esqueçamos dos adversários que estamos agora a combater, e nos ocupemos com desejos e propósitos referentes a outras virtudes. O resultado é que estamos continuamente feridos e não tratamos de nossas chagas. E avaliamos como inabalaveis os nossos propósitos, e nos ensoberbecemos.

Não suportamos a mínima cousa ou a menor palavra contrária, consumimos o tempo em longas meditações, em que fazemos nossos propósitos de sofrer grandes dores e até o purgatório por amor de Deus.

E porque a parte inferior não sente repugnancia, porque é cousa vaga e longínqua, nós então, míseros pecadores, pen-

samos já ter a virtude daqueles que suportam pacientemente grandes sofrimentos.

Para fugires a este engano. combate somente contra os inimigos que, de perto e realmente, te fazem guerra. Somente a respeito deles, faz teus propósitos.

Logo verás se teus propósitos são verdadeiros ou falsos, fortes ou fracos, e caminharás para a perfeição, pela estrada batida e real.

Mas contra inimigos que não sabes se te combatem, não te aconselho a que empenhes batalha, a não ser quando previres com razão, que, dentro em breve, te hão de atacar. Neste caso, para que, então, te encontres preparada e forte, te é lícito fazer, antes, os propósitos.

Não julgues porem, que guardarás sempre os teus propósitos, mesmo que te tenhas, de maneira justa e por algum tempo, exercitado nas virtudes.

Sê, ao contrário, humilde nos teus propósitos, e teme-te a ti mesma. Confia no Senhor e recorre a ele frequentemente, pedindo-lhe que te dê forças e te guarde dos perigos, particularmente da presunção e da confiança em ti mesma.

E assim, embora não venças alguns defeitozinhos que o Senhor permite que

tenhas, para salvaguarda de algumas qualidades e para que não te ensorbeças, te será lícito fazer propósitos de mais alto grau de perfeição.

---

## CAPÍTULO XXXI.

### DOS ENGANOS DO DEMÔNIO QUANDO TEM EM MIRA QUE DEIXEMOS O CAMINHO DAS VIRTUDES

O quarto engano com que o maligno demônio nos assalta, quando vê que estamos no verdadeiro caminho das virtudes, são os diversos desejos bons que vai excitando em nós, para que, do exercício das virtudes, caiamos no vício.

Quando alguém, por exemplo, está doente e vai suportando com paciência a sua enfermidade, o adversário sagaz vê que, continuando assim, o doente adquirirá o hábito da paciência. Apresenta-lhe então, muitas boas obras, que o enfermo poderia fazer em outra ocasião. Procura também persuadir o doente de que se estivesse são, melhor serviria a Deus, pois seria mais util aos outros e a si mesmo.

Fere a alma com estes desejos, faz com que eles vão crescendo e, por fim,

a alma se desassossega por ver que não pode realizar, como desejava, os seus planos.

E quanto maiores se tornam estes desejos, mais cresce a inquietação. E o inimigo então, muito devagar, passa do desassossego à impaciência, e o doente se revolta contra a enfermidade, não por ser enfermidade, mas porque impede que ele realize aquelas obras que, ansiosamente, desejava por em prática, para fazer um bem maior.

Depois de ferí-la assim, com igual destreza tira da mente do enfermo, a finalidade que ele tinha em mente, que era o serviço divino e as boas obras, e deixa-o no desejo de simplesmente livrar-se da doença.

E como isto não se realiza, torna-se o homem inquieto e impaciente. E assim, sem notar, passa da virtude em que se exercitava, ao vício contrário.

O modo de furtar-te a este engano é que, quando estejas padecendo, cuides em não te entregares a qualquer desejo bom. Não o poderias então realizar e cairias na inquietação.

Com grande humildade, paciência e resignação deves inteirar-te que não realizarias, como pensas, os teus desejos, pois és mais instável do que julgas ser,

Ou então, considera que Deus, com seus ocultos juízos, ou devido aos teus poucos méritos, não quer aquele bem de ti e prefere que te abaixes e humilhes pacientemente, sob sua doce e poderosa mão.

Do mesmo modo, se não te podes entregar às tuas devoções, particularmente se não irás receber a santa Comunhão, por conselho do padre espiritual ou por qualquer circunstancia, não te deixes inquietar ou afligir mas, despojada de toda a vontade própria, toma-te do desejo de agradar a Deus, e diz a ti mesma:

“Se os olhos da Divina Providência não vissem em mim ingratidões e defeitos, eu não me veria privada agora de receber o santíssimo Sacramento. Mas bendito e louvado seja sempre o Senhor, que assim me faz ver a minha indignidade. Eu confio, Senhor meu, na tua grande bondade e espero que os meus esforços para te agradar em tudo, te abram meu coração e o disponham a acatar sempre a tua vontade. Entra, Senhor, espiritualmente, neste coração, consolando-o e fortificando-o contra os inimigos que procuram afastá-lo de ti. Seja feito, portanto, tudo o que a teus olhos é bom. Creador e Redentor meu, tua vontade seja, agora e sempre, o meu

alimento. "Somente esta graça, Amor de minha alma, te peço: que minha alma se livre de tudo o que te desagrade e esteja sempre ornada com as santas virtudes, aparelhada para tua vinda e pronta para tudo o que te aprouver enviar".

Se assim disseres, podes ficar certa de que terás sempre ocasião de satisfazer a teu Senhor, na maneira que mais lhe agrada, em todos os desejos que não podes realizar, devido à tua natureza, ou devido ao demônio que te quer desassossegurar e tirar do caminho da virtude, ou seja devido à própria vontade de Deus, que quer tirar a prova de tua resignação à sua santíssima vontade.

Nisto consiste a verdadeira devoção e esta é a submissão que Deus exige de nós.

Advirto-te ainda, que não te debes impacientar no sofrimento, provenha elle donde quer que seja. Usa, à vontade, de quantos meios lícitos costumam empregar os servos de Deus, mas não te utilizes deles com o intuito de te veres livre do sofrimento, mas porque Deus quer que te utilizes deles. Pois não sabemos se à Divina Majestade agrada que nos livremos deste modo.

Se agires de outra maneira, cairás em muitos males, porque facilmente te im-

pacientarás, sempre que os acontecimentos não decorrerem, ao sabor de teus desejos. Ou então, não será perfeita a tua paciência, não terá mérito, nem será tão cara a Deus.

Advirto-te, ainda, de um oculto engano do nosso amor próprio, qual é o de cobrir e defender os nossos defeitos.

Se um enfermo, por exemplo, é pousoconde a impaciência sob o véu de alco paciente na doença, o amor próprio gum zelo por causa boa, dizendo que a sua ansia não é verdadeira impaciência sua ansia não é verdadeira impaciência devido à doença, mas um desgosto razoavel, pois houve motivo disto. Ou então, a causa é que outros, devido a encômodos ou outras razões, se sentem abatidos e molestados.

Do mesmo modo, o ambicioso que se acabrunha, porque não obteve uma dignidade, não atribue a sua pena à própria soberba e vanglória, mas a outras causas.

Mas sabe-se muito bem, que eles não evam em conta essas cousas, quando não lhes acarretam contrariedades. Como tambem o enfermo encomoda-se se aqueles mesmos, que, antes ele dissera não querer que trabalhassem por ele, a-turam o mesmo trabalho e encômodo na enfermidade de algum outro.

Isto é sinal claríssimo de que a razão

daquele aborrecimento não é esta ou aquela, mas a aversão que sentimos às cousas que são contrárias à nossa vontade.

Para não caíres neste erro e em outros, suporta sempre pacientemente qualquer trabalho e pena, venham elas, como já te falei, donde vierem.

---

---

## CAPÍTULO XXXII.

### DO ÚLTIMO ESTRATAGEMA DO DEMÔNIO, PARA QUE A VIRTUDE ADQUIRIDA NOS SEJA OCASIÃO DE RUINA

A astuta e maligna serpente não deixa de nos tentar com os seus enganos, mesmo nas virtudes que já adquirimos. Esforça-se para que elas mesmas nos sejam ocasião de queda, para que nos comprazamos e nos gloriemos de nossas virtudes e de nós mesmos e caiamos no vício da soberba e da vanglória.

Para fugires a este perigo, cuida em ter um verdadeiro e profundo conhecimento de ti mesma, persuadindo-te de que nada és, nada sabes, nada podes e nada possues, a não ser misérias e defeitos, nem outra coisa mereces, que a a condenação eterna.

Firme nesta verdade, não te deixes mover em nada por algum pensamento ou coisa que te suceda. Pois tem por

certo que tudo isto são inimigos teus, que te feririam ou matariam, se atendessem a eles.

Para te exercitares num conhecimento verdadeiro de tua nulidade, serve-te da seguinte regra:

Sempre que pensares sobre ti mesma e sobre tuas obras, considera-te somente com aquilo que é teu, e não com o que é de Deus e de sua graça. Faz depois o apreço de ti mesma neste estado.

Pensa no tempo que existiu antes de teres nascido. Verás como foste um puro nada, em todo este abismo da eternidade. Que nada fizeste, nem algo podias fazer para que obtivesses tua existência.

E no tempo em que, devido unicamente à bondade Divina, existes, que outra coisa descobres em ti, senão um puro nada, se deixas a Deus o que é de Deus, e prescindes da Providência com que, a cada momento, ele te está conservando? Pois não há dúvida alguma de que, se Deus, por um instante sequer, se esquecesse de ti, imediatamente recaírias no nada, de que te tirou sua mão onipotente.

E', portanto, muito claro que, por aquilo que tu mesma és, não há razão

de te estimares, nem para quereses ser estimada pelos outros.

Quanto a tuas ações boas e à tua correspondência à graça, poderias fazer qualquer cousa boa e meritória por ti mesma, se tua natureza não fosse auxiliada por Deus?

De outro lado considera tuas faltas passadas, e, além disso os grandes pecados que teria cometido, se Deus, com, sua mão piedosa, não te tivesse auxiliado. Com o correr dos dias e dos anos, com a repetição constante de atos máus, terias adquirido muitos hábitos de pecado, pois um vício chama outro vício, e as tuas iniquidades teriam alcançado um número infinito e ter-te-ias tornado um outro Lúcifer infernal.

Se, portanto, não queres roubar a bondade de Deus, mas ficas sempre com o Senhor, debes ter-te em muito pouca conta,

E lembra-te bem, de que este juizo que fazes de ti mesma, deve ser justo, senão te será de grande dano.

Com este conhecimento justo de ti mesma, ficas superior a quem quer que seja, que, por cegueira, se julga ser algo. Tudo perdes porém, e te tornas pior, que ele, se queres que os homens te te-

— —

nham em boa conta e se desejas que te tratem como sabes que não mereces.

Se queres pois, que o reconhecimento de tua malícia e vileza te afastem de teus inimigos e te façam agradável a Deus, é preciso que desprezes a ti mesma, que reconheças que mereces todo o mal, que queiras ser desprezada pelos outros, aborreças as honras, ames os vitupérios e procures fazer, quando for ocasião, as cousas que os outros aborrecem.

Não deves considerar porem, que o juizo dos outros de nada vale então, porque tu mesma o tens ocasionado, para teu rebaixamento e exercício. Porque é uma certa presunção e não bem conhecida soberba, estimar como sem valor, sob bons pretextos. as opiniões dos outros.

Se Deus fez com que te aparentasses boa, e fosses amada e louvada pelos outros. concentra-te em ti mesma, e não abandones a reputação justa e verdadeira, que de ti fazias. Mas volta-te para o Senhor, dizendo-lhe com o coração:

“Não aconteça, Senhor, de eu vir a roubar tua honra e tuas graças! Tibi laus, honor et gloria, mihi confusio!”

E pensa então, naquêle que te louva e diz interiormente:

“Como é que este me tem por bôa, se somente são bons, Deus e suas obras?”

Fazendo assim e dando ao Senhor o que é dele, afastarás de ti os teus inimigos e adquirirás disposições de alma para receber maiores dons e favores de Deus.

E quando a lembrança das obras bôas te põe em perigo de vaidade, olha-as não como cousas tuas, mas de Deus. Diz no íntimo de teu coração como se falasses às tuas obras:

“Não sei como viestes a aparecer e começastes a existir na minha mente, pois eu não sou a vossa origem. Foi o bom Deus e a sua graça que creou, nutriu e conservou. Somente a ele, portanto, haveis de reconhecer como pai e somente a ele agradecereis e louvareis”

Considera depois, como todas as obras que fizeste, não somente jamais corresponderam à luz e à graça que, para conhecê-las e executá-las, te foram concedidas, mas também foram muito imperfeitas e muito longe estavam da intenção pura, do fervor e diligência de que deviam estar acompanhadas.

Se pensares bem nisto, antes te hás de envergonhar, do que de te vangloriar. Pois é uma grande verdade este pensamento: recebemos de Deus, graças

puras e perfeitas e, ao executá-las, manchamo-as com nossas imperfeições.

Compara tuas obras com as dos santos e outros servos de Deus. Compreenderás com clareza que tuas melhores e maiores ações, são pequenas e de muito pouco valor.

Compara-as depois, com as obras que Cristo realizou nos mistérios de sua vida e nos seus contínuos sofrimentos. Considera a Jesú, somente em sua natureza humana, e verás que, comparadas com as tuas, as ações de Cristo Homem, feitas com afeto e pureza de amor, fazem com que as tuas se transformem num puro nada.

Se, por fim, elevares a mente à divindade, à imensa Majestade de teu Deus e pensares em tudo o que ele merece, não poderás ter vaidade de tuas obras. Ao contrário, delas muito há que envergonhar.

Por isso, durante toda a tua vida, em todas as tuas ações, por santas que sejam, debes dizer com todo o coração, ao Senhor: "Deus, propitius esto mihi peccatrici".

Aconselho-te ainda, a que não te preocupes em descobrir os dons que Deus te concedeu. Isto quase sempre

desagrada ao Senhor, como ele mesmo o declara no seguinte caso:

Apareceu ele uma vez sob a forma de uma criança, a uma devota. Não se deu logo a reconhecer. A piedosa senhora pediu-lhe que recitasse a saudação angélica. O Senhor atendeu e começou: Ave Maria gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus. E calou-se para que, com as palavras que se seguiam, não se louvasse a si mesmo. A devota instava para que o menino prosseguisse, mas ele, desaparecendo, manifestou-se quem era, deixando consolada a sua serva.

Com este exemplo ensinou-nos a doutrina que te expús.

Aprende também, filha, a te abaixares, conhecendo que tu e tuas obras nada sois.

Este é o fundamento de todas as outras virtudes. Não existíamos, quando Deus nos creou do nada. Agora que existimos por sua virtude, Ele quer basear todo o edifício espiritual sobre o nosso conhecimento de que nada somos.

Quanto mais nos aprofundarmos neste conhecimento, tanto mais alto será o nosso edifício. Quanto mais formos desentulhando no solo as nossas misérias, tantas mais pedras firmíssimas aí colo-

cará o divino arquiteto, para prosseguir na construção.

Nem penses, filha, de desentulhar num dia, quanto baste. Tem de ti o seguinte conceito: se a creatura pudesse ter alguma coisa infinita, esta seria a sua vileza.

Se assim pensarmos, muito poderemos fazer. Sem estes pensamentos, pouco mais que nada conseguiremos realizar, mesmo se fizermos as obras de todos os santos e sempre estivermos ocupados com Deus.

O' feliz conhecimento, que nos torna felizes na terra e gloriosos no céu! O' luz que sai das trevas e torna brilhante e clara a alma! O' prazer não conhecido, que rutila por entre nossas imundícies! O' nada, que, conhecido, torna-se senhor de tudo!

Nunca me cansarei de te falar sobre isto: se queres louvar a Deus, acusa-te a ti mesma e procura ser acusada pelos outros! Humilha-te com todos e perante todos, se queres exaltar em ti o Senhor e exaltar-te no Senhor! Se queres encontrá-lo, não te eleves, que ele se afastará. Abaixa-te, abaixa-te quanto podes, que ele virá ao teu encontro e te abraçará. É tanto melhor te acolherá, tanto mais se unirá a ti, quanto mais te avil-

tares a teus olhos, e desejares que os homens te aviltem e te reputem como cousa abominável.

E faz como que te estimes indigna dos dons de que, para se unir contigo, te cumulou aquele Deus, que tanto sofreu por ti. Nem deixes de lhe render graças e mostrar-te agradecida a quem agora te dá ocasião deste bem, principalmente a quem te despreza ou crê de má vontade ou, ao menos, não de boa vontade os suportas.

Se isto porém acontecesse, não deverias deixar que transparecesse.

Se, não obstante tantas e tão verdadeiras considerações, a astúcia do demônio, nossa ignorância e nossas más inclinações prevalecessem em nós, de modo que pensamentos de orgulho e vanglória não deixassem de nos sobrevir, teríamos então, neste mesmo fato, ocasião de nos humilharmos aos nossos olhos, pois comprovamos quão pouco aproveitamos na vida do espírito e no conhecimento leal de nós mesmos, pois nem conseguimos nos livrar destas moléstias enraizadas em nossa vã soberba.

E assim, do veneno tiraremos mel, e dos ferimentos, saúde.

## CAPÍTULO XXXIII.

### COMO VENCER AS PAIXÕES VICIOSAS E ADQUIRIR NOVAS VIRTUDES

Por mais que te tenha falado da maneira de venceres a ti mesma e te ornares com as virtudes, ainda algo me resta a dizer.

**Primeiro:** na luta pela conquista das virtudes, não sigas aqueles métodos espirituais que determinam os dias da semana, um para cada virtude.

A ordem a seguir deve ser a seguinte: guerrear as paixões que te teem sempre feito mal e que ainda te assaltam e fazem mal, e adquirir as virtudes contrárias àqueles vícios.

Porque basta conseguir uma virtude, para que, facilmente e com poucos atos, grangeies logo todas as outras, pois ocasião não faltará. As virtudes estão sempre encadeiadas entre si, e o coração

que possui uma perfeitamente, já se acha disposto para todas as outras.

**Segundo:** não determinar o tempo para a conquista das virtudes, nem dias, nem semanas, nem anos. Combata-se sempre, como se agora tivéssemos nascido. E como se fôssemos novéis soldados, batalhemos e caminhemos conforme o exige a grandeza das perfeições que queremos adquirir.

Não pares um instante sequer. Parar no caminho da virtude e da perfeição, não é tomar alento e força, mas voltar atrás e tornar-se mais fraco que antes.

Por parar, entendo eu pensar que já se adquiriram perfeitamente as virtudes e fazer pouco caso das faltas pequenas e das circunstancias que nos apresentam novas ocasiões de virtude.

Sê, portanto, solícita, ardorosa e diligente, em não perder a mínima ocasião de virtude.

Ama as ocorrências que te levam à virtude, principalmente as ocorrências que te são molestas, pois os atos que se fazem para superar as dificuldades, mais depressa e com mais fortes raízes fazem os hábitos. E agradece, em teu íntimo, àquelles que te oferecem estas ocasiões.

Deves porem fugir a' largos passos, com toda a diligência e pressa, daque-

les que te poderiam levar à tentação da carne.

**Terceiro:** Sê prudente e discreta em tudo quanto possa causar dano ao corpo, como, por exemplo, disciplinas, cilícios, jejuns, vigílias, meditações e cousas semelhantes. A virtude da mortificação se deve adquirir pouco a pouco e subindo de degráu em degráu, como logo diremos.

Quanto a outras virtudes, totalmente internas, como o amor de Deus, o desprezo do mundo e de si mesmo, o ódio às paixões viciosas e ao pecado, a paciência, a mansidão, o amor para com todos, mesmo para com quem te ofende, todas estas virtudes e outras semelhantes, não é preciso que sejam adquiridas pouco a pouco e de degráu em degráu. Esforça-te por fazer cada ato destas virtudes, com o gráu de perfeição que pudieses.

**Quarto:** Todo o teu pensamento, todo o desejo de teu coração, de outra cousa não se ocupe, a não ser de vencer aquella paixão e conquistar a virtude contrária. Somente com este fim em mente, desprezarás o mundo, o céu e a terra. Esta luta será todo o teu tesouro, e o fim de todas as tuas ações será o agrado de Deus.

Se comes ou jejuas, se te afadigas ou descansas, se velas ou dormes, se estás em casa ou fora, se atendes à devoção ou te entregas a trabalhos manuais, tudo tenha por fim derrotar e vencer aquela tua paixão predominante e adquirir a virtude contrária.

**Quinto:** Sê inimiga declarada da comodidade e dos deleites terrenos. Senão, por qualquer acontecimento serás assaltada pelos vícios, pois estes teem sempre como raiz o deleite. E porisso, quando ferimos com o ódio a nós mesmos, nossa tendência para os deleites, os vícios perdem a força.

Mas se queres guerrear, de um lado, algum vício e, de outro lado, atender a alguns deleites terrenos, bem que não pecaminosos, mas de ligeira culpa somente, a guerra será dura e a vitória há de ser sanguinolenta, incerta e rara.

Porisso terás sempre em mente, esta sentença divina:

“Qui amat animam suam, perdet eam: et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam aeternam custodit eam” (Jo. XII - 25). “Fratres, debitores sumus non carni, ut secundum carnem vivamus. Si enim secundum carnem vixeritis, moriemini; si autem spiritu facta

carnis mortificaveritis, vivetis" (Rom. VIII - 12).

**Sexto:** adivirto-te ainda, que muito bom seria (talvez mesmo seja necessário), que fizesses, antes de encetar a luta, uma confissão geral, da maneira que convem, para que mais te assegures de estar na graça do Senhor, pois dele somente, devemos esperar as graças.

---

---

## CAPÍTULO XXXIV.

### COMO SE DEVE USAR DE CRITÉRIO, ORDEM E PACIÊNCIA, NA CONQUISTA DAS VIRTUDES

O verdadeiro soldado de Cristo, que aspira ao cume da perfeição, nunca poderá julgar que já fez bastante.

Apesar disto, a discreção deve refrear alguns fervores de espírito, a que alguns se dão, maximamente no princípio, e que cedo esquecem, esmorecendo em caminho. Além do que já disse a respeito da moderação necessária nos exercícios externos, lembremo-nos ainda de que também as virtudes externas devem ser adquiridas pouco a pouco e por degraus. Cresceremos assim, na virtude, e nela estaremos mais firmes.

Nas adversidades, por exemplo, não nos devemos ordinariamente exercitar, alegrando-nos com o sofrimento e desejando-o, se não passamos primeiro pelos graus inferiores da virtude da paciência.

Não te aconselho também, a te dedicares a muitas virtudes ao mesmo tempo. Cuida de uma só agora, e depois cuidarás das outras. Assim, mais facil e mais firmemente se formará na alma o hábito virtuoso. Pois, deste modo, a virtude em que nos estamos exercitando, estará sempre viva na nossa memória, e a inteligência cuidará sempre de ir procurando novos modos e motivos de a adquirir. A vontade então, com maior afeto se inclinará e ela, cousa que não faria, se se ocupasse de muitas cousas.

E, devido à conformidade que as virtudes teem entre si, os atos de outras virtudes se tornarão menos difíceis, com o exercício desta virtude. Um ato chamará e ajudará outro ato semelhante. E até esta semelhança fará grande impressão sobre nós, pois os atos encontram o coração já disposto para fazer novos atos, assim como eles mesmos foram motivados pelos precedentes atos.

Grande força tem esta razão que expús pois certo é que quem se exercita bem em uma virtude, aprende a se exercitar nas outras. Quando uma cresce, crescem as outras, devido à inseparavel união que as virtudes teem entre si, pois são raios procedentes da mesma luz divina.

---

## CAPÍTULO XXXV.

### **DOS MEIOS DE PROGREDIR NA VIRTUDE E DE COMO, DURANTE ALGUM TEMPO, DEVEMOS TER CUIDADOS ESPECIAIS EM ADQUIRIR UMA VIRTUDE DETERMINADA**

Alem de tudo em que já tocamos acima, é preciso, para adquirir as virtudes, ter alma grande, generosa, e vontade resoluta. forte. Pois. cousa certa é, que deveremos passar por contratempos e adversidades.

Alem disto importa que tenhamos inclinação e afeição às virtudes. Poderemos conseguir estes sentimentos, considerando quanto agradam a Deus e quão nobres e excelentes sejam, em si mesmas, as virtudes. E depois, como nos são úteis e necessárias, pois são o principio e o fim de toda a perfeição.

Façamos cada manhã, o firme propósito de aproveitar de todas as occasões daquele dia, para nos exercitarmos nas

virtudes. E várias vezes nos examinemos se estamos cumprindo os propósitos. Devemos também renová-los, durante o dia.

Tudo isto, particularmente a respeito da virtude que decidimos exercitar.

Os exemplos dos Santos, nossas orações e as meditações sobre a vida de Cristo, práticas tão necessárias em todo exercício espiritual, tudo apliquemos à virtude que agora exercitamos.

Façamos o mesmo em todas as outras ocasiões, como já falaremos, mesmo que sejam muito diferentes entre si.

Procuremos acostumar-nos de tal modo aos atos virtuosos, externos e internos, que venhamos fazê-los com aquela prontidão e facilidade, com que antes realizávamos o que agradava à nossa natureza.

E, quanto mais nossos atos forem contrários à nossa índole, mais depressa, como já o dissemos, nossa alma terá o hábito bom.

Maravilhosa força nos dará, neste exercício, repetir de viva voz ou na mente, do modo que melhor convier, as sagradas palavras da divina escritura.

Se sabemos passagens do Evangelho a respeito das virtudes que praticamos, devemos repetí-las durante o dia, especialmente quando se levanta a paixão

contrária à nossa virtude. Como, por exemplo, se estamos trabalhando pela virtude da paciência, poderemos repetir os seguintes trechos, e outros semelhantes:

“Fili, patienter sustinete iram, quae supervenit vobis” (Bar. IV - 25). “Patientia pauperum non peribit in finem” (Ps. 9, 19). “Melior est patiens viro torti, et qui dominatur animo suo, expugnatore urbium” (Prov. XVI - 32). “In patientia vestra possidebitis animas vestras” (Luc. XXI - 19). “Per patientiam curramus ad propositum nobis certamen” (Hebr. XII - 1).

Do mesmo modo e com igual fim, poderemos rezar as seguintes jaculatórias, e outras semelhantes:

“Quando, Deus meu, meu coração se armará com o escudo da paciência?”

“Quando, para agradecer o meu Senhor, suportarei de animo tranqüilo, qualquer contratempo?”

“Oh! felizes sofrimentos, que me tornam semelhante ao meu Senhor Jesus, que me ama tanto!”

“Como é possível, ó Senhor meu, ó vida de minha alma, que, por tua glória, eu não viva contente entre mil angústias?”

“Feliz de mim, se no meio do fogo das

tribulações, arder o desejo de sofrer dores maiores!”

Destas e de outras jaculatórias, que sirvam ao nosso progresso nas virtudes, nos poderemos utilizar. Sigamos também o que nos inspirar nossa devoção.

Estas pequenas orações teem o nome de “jaculatórias” porque são como dardos (jaculus, em latim), que se lançam ao céu e teem grande força para nos exercitarem na virtude e para chegarem até ao coração de Deus, se forem acompanhadas de duas cousas, como que de duas asas:

Uma é que conheçamos o prazer que damos a Deus, quando nos exercitamos nas virtudes.

A outra é termos um verdadeiro desejo de possuir as virtudes, com o único fim de agradar à divina Majestade.

## CAPÍTULO XXXV<sup>1</sup>.

### DA CONTINUA SOLICITUDE QUE DEVEMOS TER

Entre as cousas mais necessárias para que adquiramos as virtudes, uma é a seguinte: para chegar ao fim que nos propusemos, é preciso marchar sempre. Parar é o mesmo que voltar atrás.

Quando deixamos de fazer atos virtuosos, necessariamente acontece que, devido à violenta inclinação dos appetes sensitivos e devido às cousas exteriores, geram-se em nós muitas paixões desordenadas, que destroem, ou, ao menos, diminuem nossa virtude.

Alem disso, privamo-nos de muitas graças e dons, que teríamos recebido do Senhor, se tivéssemos continuado a lutar.

A jornada espiritual é diferente das caminhadas que o viajante faz aqui na terra. Nestas, nada se perde quando se para — cousa que não se dá namela

Mais: o cansaço do peregrino sempre cresce, quanto mais anda. Enquanto que, no caminho do espírito, maior vigor e força se adquire, quanto mais se anda.

A parte inferior, que, devido à sua resistência, torna áspera e cansativa a marcha, com o prosseguimento dos exercícios virtuosos, vai se enfraquecendo cada vez mais. Ao passo que a parte superior, onde estava a virtude, mais se firma e se fortifica.

E assim, à medida que se vai caminhando na estrada do bem, mais e mais vão diminuindo os sofrimentos que devemos suportar nesta marcha. E maior vai se tornando um certo gozo, que, por intervenção divina, se mistura aos sofrimentos.

Assim, continuando a andar, sempre com mais agilidade e alegria, na conquista das virtudes, chegaremos finalmente ao alto da montanha, onde a alma, já aperfeiçoada, trabalhará sem relutâncias, com júbilo e gosto. Pois venceu e domou as paixões desregradas, desprezou todas as criaturas e a si mesmo, e vive contente no coração do Altíssimo, e aí descansa suavemente trabalhando.

---

## CAPÍTULO XXXVII.

### **NÃO SE DEVE FUGIR DAS OCASIÕES DE ADQUIRIR AS VIRTUDES**

Claramente vimos como é preciso caminhar sempre para a frente e nunca parar na marcha que vai ter à perfeição.

Estejamos atentos em não perder nenhuma ocasião para adquirirmos a virtude que se apresente.

Erram os que fogem, quanto podem, das cousas contrárias aos seus gostos, pois estas lhes poderiam servir para se aperfeiçoarem.

Se desejas adquirir, por exemplo, o hábito da paciência, não te deves afastar de algumas pessoas, ações e pensamentos que te movam à impaciência.

Nem deves deixar nenhum de teus trabalhos, porque te são molestos. Mas, conversando e tratando com qualquer pessoa que te cause aborrecimento, deves ter a vontade sempre disposta a su-

portar tudo o que te puder advir. de aborrecido e contrário.

Se fizeres de outra maneira, nunca chegarás a ter paciência.

Do mesmo modo, se um trabalho te aborrece, ou porque de fato é aborrecido, ou devido à pessoa que o impôs, ou porque te impede de fazer outra coisa que te agradaria mais; nem por isso deixes de fazê-lo ou de continuá-lo, mesmo que te sentisses inquieta ou mesmo se soubesses que te poderias sossegar, deixando de lado o trabalho. Porque assim, não aprenderias a sofrer, nem te aquietarias verdadeiramente, pois não estarias procedendo com a alma isenta de paixões e ornada com as virtudes.

O mesmo te digo dos pensamentos desagradáveis, que, algumas vezes, molesta e conturbam tua mente. Não os devês afastar de ti completamente, pois, com o encômodo que te causam, te ajudam a te acostumares a suportar as cousas adversas.

Quem te disser o contrário, estará te ensinando mais a fugir do encômodo que sentes, do que a conseguir a virtude que desejas.

Verdade é que convem, especialmente ao novel soldado, muita prudência e destreza para que às vezes fuja, às ve-

zes empenhe batalha, conforme as ocasiões e conforme a virtude e a energia que a alma vai adquirindo.

Não se deve porem, voltar sempre as costas e fugir, de maneira que se perca toda ocasião de contrariêdade. Salvar-nos-íamos de cair naquele momento, mas nos arriscávamos muito aos golpes da impaciência, por não nos termos armado e mortificado, antes, com o uso das virtudes contrárias.

Estes conselhos, no entretanto, não devem ser seguidos, se se tratar dos vícios da carne, de que já falamos.

---

## CAPÍTULO XXXVIII.

### DO AMOR AS OCASIÕES DE EXERCITAR A VIRTUDE

Não me agrada, filha, que fijas às ocasiões que se apresentam para te exercitares nas virtudes. Quero que as procures, como cousa de grande valor e estima, e as abrases com alegria, sempre que se apresentarem. E debes ter como mais preciosas, as que mais te desagradam.

O auxílio divino te ajudará a conseguir isto, se imprimires bem, em tua mente, as seguintes considerações:

Primeiro: As ocasiões são meios proporcionados e necessários, para se adquirirem as virtudes. Por conseguinte, quando pedires ao Senhor as virtudes, debes também pedir as ocasiões. Senão, vã seria tua oração, estarias contradizendo a ti mesma e tentando a Deus, pois ordinariamente ele não dá a paciência sem as tribulações, nem a humildade sem os despezos.

E assim por diante, em todas as virtudes. Todas elas, só as conseguiremos, por meio das ocasiões que se apresentarem. Devemos, portanto, amá-las, porque muito nos ajudam. E tanto mais amá-las, quanto mais são difíceis. Porque, nas ocasiões difíceis, os atos que fazemos são mais generosos e fortes, e com maior facilidade e presteza nos levam à estrada da virtude.

Devemos também estimar as ocasiões menores, como por exemplo, um olhar ou uma palavra que nos mortifique. Não devemos deixar de nos exercitarmos nestes casos, pois os atos que fazemos, embora menores, são mais frequentes que os que fazemos em grandes dificuldades.

A outra consideração, em que já toquei acima, é lembrarmo-nos de que tudo o que nos ocorre vem de Deus, para benefício nosso e para que daí colhamos frutos.

Algumas delas, é verdade, (como, por exemplo, as faltas nossas ou de outros), não podemos dizer que venham de Deus, pois Deus jamais quer o pecado. Veem entretanto, de Deus, enquanto que ele o permite, ou não o impede, podendo sempre impedir.

Mas todas as penas que por estes mo-

tivos soffremos, ou por causa de nossos defeitos, ou devido à malícia dos outros, veem de Deus e são de Deus, pois elle concorreu para isto. E tudo aquillo que Deus não quizeria que se fizesse, por conter deformidade grandemente odiosa a seus olhos puríssimos, quer porem, que sofframos, devido ao bem que daí poderemos colher, e ainda por outras razões occultas aos nossos olhos.

Estejamos certos, portanto, de que o Senhor quer que suportemos de boa mente qualquer encômodo, venha isto dos nossos erros ou das faltas alheias. Por isso, dizer, — como muitos o fazem, mais ou menos para se excusarem de suas impaciências, — que Deus aborrece as cousas mal feitas, nada é senão um vão pretexto para encobrir a própria culpa e rejeitar a cruz, já que não podemos negar que a Deus agrada que a carreguemos.

Quando o que soffremos for causado pela maldade dos homens, principalmente se elles tiverem sido beneficiados por nós, mais agradaremos ao Senhor, do que quando for outra qualquer a causa do aborrecimento.

Pois o nosso orgulho será reprimido e muito alegraremos e exaltaremos o nosso Deus, se suportarmos de bôa von-

tade aqueles sofrimentos, cooperando com ele, numa obra, em que refulge brilhantemente a sua inefável bondade e onipotência: tirar, do veneno pestífero da malícia e do pecado, precioso e ótimo fruto de virtude e de bem.

Mal o Senhor descobre, filha, o nosso desejo vivo de assim trabalhar e dedicar-nos a tão gloriosa empresa, ele nos apresenta o cálice das tentações fortes e de duríssimas provas, para que nos exercitemos. E nós reconheceremos o seu amor e o bem que havemos de lucrar, e, de olhos fechados, tudo devemos receber de bôa vontade, e beber até o fundo do cálice, com segurança e prontidão, pois o remédio foi fabricado por mão que não pode errar, e com substancias que tanto maior bem farão à alma, quanto são mais amargas.

---

## CAPÍTULO XXXIX.

### **COMO, OCASIÕES DIVERSAS NOS SERVIRÃO PARA EXERCITARMOS UMA MESMA VIRTUDE**

Já vimos como é mais eficiente exercitar, durante algum tempo, uma só virtude. Com finalidade exclusiva de nos exercitarmos, nesta virtude escolhida, devemos regular as ocasiões que se apresentam, bem que estas ocasiões sejam muito diversas entre si.

Poderá acontecer que, várias vezes por dia, ou mesmo por hora, façamos ações boas, mas, devida a elas os outros murmurarão de nós. Ou então, que nos neguem algum favor que pedamos, ou qualquer coisa pequenina. Ou que suspeitem de nós, sem motivo. Ou que nos advenha alguma dor corporal. Ou que nos imponham algum trabalhinho encômodo. Ou que nos apresentem alimentos mal preparados. Ou outras cousas mais importantes e mais duras de tolerar.

cousas todas de que está cheia a miserável vida humana.

Em todos estes casos, poderemos fazer muitos atos de virtude. Desejando porem, guardar a regra de que falamos, isto é, exercitar em todas as ocasiões uma mesma virtude, mesmo assim nós estaremos exercitando em todas as virtudes.

Se, por exemplo, no tempo em que nos advierem estes encômodos, estivermos exercitando a virtude da paciência, o que faremos, será tudo suportar de boa vontade e de animo alegre.

Se o nosso exercício for de humildade, reconheceremos que tudo merecemos, devido aos nossos pecados.

Se estivermos procurando ter o hábito da obediência, curvar-nos-emos prontamente à potentíssima vontade divina e, para seu contento, pois que Deus assim o quer, às creaturas animadas e inanimadas, que nos causam aqueles aborrecimentos.

Se nos exercitamos na pobreza, ficaremos contentes de ser abandonados e privados de qualquer consolo, grande ou pequeno, deste mundo.

Se estamos trabalhando por adquirir a virtude da caridade, faremos atos de amor ao próximo que é o instrumento

deste excelente proveito que haurimos de nossos encônodos, e atos de amor de Deus, que muito nos ama, e nos mandou ou permitiu aqueles encômodos, para exercício e proveito espiritual nosso.

Diremos o mesmo, quando a ocasião para o exercício da virtude, fosse uma só, mas demorâca, como uma enfermidade ou algum trabalho que durasse longo tempo. Tambem nestes casos poderíamos fazer atos daquelas virtudes em que nos exercitamos.

---

## † CAPÍTULO XL.

### **COMO CADA VIRTUDE TEM SEU TEMPO, E DOS SINAIS PELOS QUAIS CONHECEREMOS NÓSSA VIRTUDE**

Não cabe a mim determinar o tempo durante o qual se deve continuar no exercício de uma mesma virtude. E' preciso ver o estado e a necessidade de cada um e o progresso que a alma está fazendo no caminho da virtude. Disto julgará o diretor espiritual.

Mas se alguém se esforçasse verdadeiramente, da maneira e com a solicitude de que falamos, não há dúvida de que, em poucas semanas, progrediria muito.

Sinal de progresso na virtude, é não se interromper o exercício, quando sobrevem a aridez e quando trevas e angústias envolvem a alma.

Outro sinal será a fraqueza da rebelião da sensualidade, ao se praticarem atos virtuosos. Tanto mais se terá avan-

çado, quanto mais a sensualidade se tiver enfraquecido. Porisso se se sente que a parte sensual e inferior não se agita, máxime nos assaltos súbitos e imprevistos, pode-se deduzir que já se possui a virtude.

Do mesmo modo, tanto mais teremos aproveitado de nosso exercício, quanto maior fôr nossa prontidão e alegria de espírito.

Lembro-me porem, de que nunca sabemos com certeza se adquirimos as virtudes e vencemos verdadeiramente alguma paixão nossa, mesmo se desde muito tempo e desde muitas batalhas não mais tenhamos sido atacados pela paixão. O demônio ainda pode, com sua astúcia, enganar-nos. E, muitas vezes aquilo que, devido à nossa soberba, nos parece virtude, não passa de vício.

Alem disto, se meditarmos sobre a perfeição a que Deus nos chama, por mais que tenhamos progredido na virtude, nos persuadiremos de que ainda não começamos a luta espiritual.

Tu então, como novel guerreira, como criança, nascida agora mesmo para combater, recomeça sempre os teus exercicios, como se nada, até então, tivesses feito.

Lembro-te ainda, filha, de que antes

deves cuidar em marchar para a frente nas virtudes, do que em examinar o proveito próprio. O Senhor Deus, único e verdadeiro juiz de nossos corações, faz com que alguns conheçam sua virtude, conforme ele veja si aquele conhecimento ocasionará humildade, ou orgulho. E, como pai bondoso, livra alguns do perigo e dá a outros ocasião de crescerem na virtude.

E aqueles, a quem Deus não concedeu o conhecimento de seu progresso, devem continuar, apesar disto, no exercício. Chegará o dia em que a alma reparará no seu andamento, quando o aprover ao Senhor.

---

## CAPÍTULO XLI.

### DA PACIÊNCIA

Se estás sofrendo com paciência, qualquer coisa penosa, cuida em não te deixares levar pelo demônio ou pelo teu amor próprio, desejando te veres livre daquele sofrimento.

Deste desejo. dois danos te adviriam.

Primeiro: mesmo que, naquele momento, o desejo não te impedisse um ato de paciência, pouco a pouco porem, irias formando em ti disposições para a impaciência.

Segundo: tua paciência se tornaria defeituosa, e serias recompensada por Deus, somente por aquele tempo que sofreste com inteira resignação. E se te tivesses entregado toda à divina bondade, e tivesses aturado pacientemente o sofrimento, mesmo que este durasse menos de uma hora, o Senhor te haveria de recompensar por o teres servido, durante todo o tempo em que tinhas o

hábito da paciência, mesmo pelo tempo durante o qual nada sofreste.

Nisto, portanto, e em tudo, tem sempre como regra. guardar teus desejos longe de qualquer outro objeto, de maneira que somente tenhas em vista, como único e verdadeiro escopo, a vontade divina.

Deste modo, serão sempre justos e retos os teus desejos, e tua alma, sejam quais forem as circunstancias, estará não somente quieta, mas contente. Pois quererá sempre a vontade divina, e como nada pode suceder que não seja permitido pela vontade divina acontecerá que tudo o que sobrevier, estará de acordo com teus desejos.

Isto porem, não se pode aplicar aos pecados teus e alheios, pois Deus nunca os quer. Aplicar-se-á entretanto, a qualquer pena que te advem de ti mesmo ou do próximo, mesmo se ela é muito violenta e penetre tão a dentro no coração, que pareça tocar o fundo e secar as raízes da vida natural.

Este pensamento também, não passa de uma cruz com que o Senhor obsequia os seus amigos mais íntimos e caros.

Devemos suportar com paciência aquella parte dos sofrimentos, da qual não pudermos fugir, após termos lançado

mão dos meios lícitos para nos libertarmos, pois isto mostra que é da vontade divina que os soframos.

O emprego destes meios também será regulado pelas disposições da vontade divina. Foi Deus quem no-las facultou, para que delas nos servíssemos, porque ele assim o quer, e não para que nos apegássemos a nós mesmos, nem para que amássemos e desejássemos ficar livres do que nos molesta, principalmente daquelas dores que, é do agrado divino que suportemos.

---

## CAPÍTULO XLII.

### DA TENTAÇÃO DE INDISCREÇÃO

Quando o inteligente demônio percebe que são vivos e bem ordenados os nossos desejos e caminhamos direito pelo caminho das virtudes, e que, portanto, difícil lhe será colher vantagens com enganos claros, então se transfigura em anjo de luz e, com pensamentos espirituais, com sentenças da Escriturá e exemplos dos santos, importuna a alma com desejos de chegar logo ao cume da perfeição. O seu alvo é fazê-la cair no precipício.

Aconselha-nos a castigarmos asperamente o corpo, com disciplinas, abstinências, cilícios e cousas semelhantes, até que nos ensoberbecamos, parecendo-nos (cousa mais comum nas mulheres) que grandes cousas já fizemos. Ou então, o fim do tentador é que nos sobrevenha uma doença, e não mais nos posamos dedicar às nossas obras boas, ou

então que venhamos a aborrecer os exercícios espirituais, devido à grande fadiga, e assim, pouco a pouco, nos tornemos túbios e nos entreguemos, com mais força que antes, aos passatempos e deleites terrenos.

Isto aconteceu a muitos. Seguiram, presunçosamente, os ímpetos de um zelo indiscreto, ultrapassaram a medida que a prudência aconselhava, exagerando as penitências, e pereceram devido às suas imprudências, tornando-se motivo de risco para os malignos demônios.

Não teria acontecido o mesmo, se tivessem ponderado as razões que apresentamos. As penitências, bem que louváveis em si e muito proveitosas, se quem as faz tem forças corporais e humildade de espírito correspondentes, devem, entretanto, ser moderadas segundo a qualidade e natureza de cada pessoa.

Quem não pode seguir os santos, nesta aspereza de vida, terá outras ocasiões de imitar a vida dos santos, com grandes e eficazes desejos, com orações fervorosas, aspirando às gloriosas corôas dos que verdadeiramente combateram por Jesús Cristo. Imitarão os santos, deprezando-se a si mesmos e a ●

mundo, recolhendo-se no silêncio e na solidão, sendo humildes e mansos com todos, suportando os males que o próximo os fizer sofrer e fazendo o bem a todos, principalmente aos que mais lhes são contrários, guardando-se de toda a culpa, mesmo ligeira.

Todos estes atos agradam ao Senhor, muito mais do que as penitências.

A respeito delas, dou-te o conselho de antes seres discretamente comedida do que cometeres certos excessos que te ponham em risco de te veres obrigada a deixá-las de todo.

Mas penso também que não irás cair no erro de alguns, tidos como espirituais, e que, levados pelos enganos de sua natureza, são muito diligentes em conservar a saúde corporal. Mostram-se tão cuidadosos nisto, que, estão sempre com medo de a perder. Em nada pensam tanto, nem cuidam de nada com tanta bôa vontade, como do trato que devem dar a si mesmos, neste assunto. Estão sempre a procurar alimentos que satisfaçam mais ao gosto que ao estômago, fazendo com que muitas vezes este se venha a enfraquecer, devido a tantas delicadezas. Fazem-no sob o pretexto de poder servir melhor a Deus. Mas a verdade é que estão instigando,

sem proveito algum, e, ao contrário, com grave dano de ambos, dois inimigos capitais: o espírito e o corpo. Pois com esta solícitude exagerada, tiram a este a saúde e, àquele, a devoção.

E' mais segura e louvavel, uma certa maneira de vida, livre, mas acompanhada daquela discreção de que falei, que nos fará levar em conta as diversas circumstancias e as diferenças de compleições, que não permitirão a mesma regra para todos.

Nos atos exteriores e tambem nos interiores, devemos proceder com certa moderação. Já de sobejo se o demonstrou, quando falamos do método que é necessário seguir, na conquista das virtudes.

---

## CAPÍTULO XLIII.

### DO JUÍZO TEMERÁRIO

Do nosso amor à própria estima, nasce um outro vício, que grande dano nos causa: fazemos juízo temerário do próximo e chegamos a deprezá-lo, a humilhá-lo, a tê-lo por pessoas vís.

Nossa soberba e más inclinações fazem nascer este defeito, fomentam-no, nutrem-no, e, com o crescimento do vício, também o nosso orgulho e amor próprio vão crescendo, vão se comprazendo em si mesmos e nos vão enganando insensivelmente. Pois, sem notar, quanto mais desprezarmos os outros, tanto mais soberbos ficaremos, pois pensaremos que estamos longe daquelas imperfeições que julgamos ver nos outros.

E o demônio, após instigar em nós esta péssima disposição de animo, está de contínuo vigilante, em nos ter bem atentos para que vejamos, exami-

nemos e exageremos as faltas dos outros.

Todos ficam ativos e diligentes, quando o demônio se põe a imprimir em suas mentes, os pequenos defeitos, (quando não pode fazê-lo com grandes), desta ou daquela pessoa.

Mas se teu inimigo vigia para tua perda, cuida, filha, em não cair nos seus laços. Mal reparares que ele te aponta alguma falta de teu próximo, deixa prontamente de pensar naquilo. Se novamente te vier o desejo de fazer teu juizo sobre tal ponto, não te deixes levar e diz, de ti para ti, que não te compete julgar. E mesmo que aquilo fosse de teu cargo, não farias um juizo reto, enquanto estás agitada pelas paixões e pela inclinação de pensar mal dos outros, sem razão suficiente.

Como remédio eficaz, aconselho-te a que ocupes teu pensamento com as necessidades de teu coração. Tanta coisa verás a fazer, em ti e por ti, que não haverá nem tempo nem vontade de meditar sobre os atos dos outros.

Se atenderes convenientemente a este exercício, livrarás os olhos de tua alma de seus máus humores, donde procede este vício pestilento.

Quando pensas mal de teu próximo,

tens qualquer raiz deste mal em teu coração.

Porisso, quando te vem o desejo de julgar os outros por qualquer defeito, pensa que tu mesma és a culpada e diz em tua alma:

Como ousarei levantar a cabeça para ver e julgar os defeitos dos outros, estando eu coberta destes mesmos defeitos e de outros?

E assim, a arma com que ferias o próximo e que se virava contra ti, empunha-a contra ti mesmo e ela será o remédio para as tuas chagas.

Se o erro de teu próximo é claro e manifesto, desculpa-o piedosamente e acredita que naquele teu irmão há outras virtudes ocultas, que o Senhor permite que ele cáia, ou tenha, durante algum tempo, aquele defeito, para que, com o desprezo dos outros, fiquem protegidas suas virtudes e ele se humilhe, se torne mais agradecido ao Senhor e seja, assim, maior o lucro do que a perda.

Se o pecado não é somente manifesto, mas é grave e indica coração obstinado, volta teu pensamento para os tremendos juizos de Deus, e verás homens que foram primeiro grandes celerados e deram, depois, sinais de grande santidade. E outros que, dum grande estado de

perfeição, a que pareciam ter chegado, caíram no mais miseravel precipício.

Guarda-te sempre portanto, em temor e tremor de ti mesma, mais do que de ninguém.

E tem como cousa certa, que todo o bem e contentamento que sentes a respeito de teu próximo, é efeito do Espírito Santo. E que todo o desprezo e o juizo temerário contra o próximo, vem de tua malícia e da sugestão do demônio.

Se alguma imperfeição de outrem fez impressão em ti, cuida logo em aquietar o sentimento que teus olhos excitam em ti, e em tirá-lo de teu coração.

---

## CAPÍTULO XLIV.

### DA ORAÇÃO

A desconfiança de nós mesmos, a confiança em Deus e o exercício, são cousas muito necessárias neste combate, como já falamos atrás.

Mas a quarta arma, a mais importante de todas, é a oração. Com ela, conseguiremos de Deus, Senhor Nosso, não somente os bens de que já falamos, mas todos os outros bens.

A oração é o instrumento com que se obteem daquela divina fonte de bondade e amor, todas as graças.

Se te servires bem desta arma, porás a espada nas mãos de Deus, para que combata e vença por ti.

Mas, para usares desta arma com proveito, é necessário que estejas habituada às seguintes cousas:

**Primeiro:** que tenhas sempre um verdadeiro desejo de servir em tudo à divina Majestade, da maneira que mais lhe agradar.

Para acenderes em ti este desejo, considera bem:

Que Deus, devido a sua admirabilíssima excelência, bondade, majestade, sabedoria, beleza, e outras perfeições infinitas, é excelsamente digno de ser servido e honrado.

Que ele esteve, durante trinta anos, a teu serviço, tratou e curou-te de tuas fétidas chagas, envenenadas pelo pecado. E sarou-as, não com óleo, vinho e tiras de pano, mas com o líquido precioso que saiu de suas sacratíssimas veias e com sua carne puríssima, dilacerada pelos açoites, pelos espinhos e pelos pregos.

Medita, além disso, sobre o valor desta obra, pois por ela é que nos tornamos senhores de nós mesmos, superiores ao demônio, e filhos de Deus.

**Segundo:** deves ter viva fé e confiança em que o Senhor dar-te-á tudo aquilo que te for necessário para seu serviço.

Esta santa confiança é o vaso que a misericórdia divina enche dos tesouros de sua graça, que tanto maior e mais eficaz será, quanto mais rica for a nossa oração.

O Senhor não nos há de negar a sua graça, pois foi ele mesmo que ordenou lha pedíssemos e nos prometeu o seu

Espírito, se o solicitássemos com fé e perseverança.

**Terceiro:**— acostuma-te a orar com a intenção de olhar não para a tua vontade, mas para a vontade divina, tanto ao pedires como ao alcançares alguma cousa. E assim, rezarás porque Deus o quer. e desejarás ser atendida na medida dos desejos do Senhor. Tua intenção deve ser a de unir a vontade divina com a tua, e não de mudar a vontade divina, esforçando-te por a tornares semelhante à tua.

Pois tua vontade é escrava do amor próprio, e erra muitas vezes, e não sabe o que pede. Mas a vontade divina é sempre uma bondade inefavel. e quer e merece ser seguida e obedecida por todos.

Porisso dever-se-ão pedir, sempre, cousas conforme ao seu divino agrado. Quando não souberes se alguma cousa é ou não de seu beneplácito, pedí-la-ás deste modo: somente a desejas se o Senhor quer que a alcances.

E aquilo que sabes, ao certo, que lhe agrada, como as virtudes, pedir-lhe-ás mais para satisfazê-lo e servi-lo, do que com qualquer outro fim, espiritual embora.

**Quarto:** — é preciso que peças cousas

èquivalentes a teus méritos e que, depois da oração, te esforces por te tornares capaz da graça e da virtude que dejes.

O exercício da oração deve estar sempre acompanhado de vitórias sobre nós mesmos. Pois, pedir uma virtude e não se esforçar por adquiri-la, seria tentar a Deus.

**Quinto:** — antes de pedires, agradece os benefícios recebidos, da seguinte ou de semelhante maneira:

“Senhor meu, por tua bondade, me creaste e remiste, e me livraste das mãos de meus inimigos, tantas vezes que eu mesmo não lhes sei a conta! Socorre-me agora e não me negues o que te peço, embora eu tenha sido sempre rebelde e ingrata”.

Se sofres alguma contrariedade, quando solicitares alguma virtude particular, não te esqueças de suportar aquela contrariedade, e agradecer ao Senhor a ocasião de virtude que ele te ofereceu. Pois este sofrimento é um pequeno benefício.

**Sexto:** — para que tua oração consiga a força necessária para que Deus se curve aos teus desejos, lembrar-te-ás de sua bondade e misericórdia, dos méritos da vida e paixão do seu unigênito

Filho e da promessa que ele mesmo nos fez, de atender aos nossos rogos. E terminarás o teu pedido, com alguma das seguintes jaculatórias:

“Concede-me, Senhor, por tua grande piedade, esta graça”. Possam os méritos de teu Filho impetrar-me de ti, o favor que te peço”. “Recorda-te, Deus meu, das tuas promessas e atende às minhas orações”.

Outras vezes pedirás pelos méritos da Virgem Maria e dos outros santos, pois são poderosos junto de Deus, que muito os honra, pois durante sua vida, eles honraram a divina Magestade.

**Sétimo:** — é necessário que continúes com perseverança na oração, porque a perseverança humilde vence o Invencível. Se a insistência da viuva do Evangelho fez com que a atendesse, o juiz, que era um malvado (Luc., UVIII), como não terá nossa insistência força de tocar nosso Deus, que é a plenitude de todos os bens?

Porisso, mesmo que o Senhor demore a te escutar, ou dê sinais de não querer atender a teus rogos, continúe a orar e a ter firme confiança em Deus, pois ele é a infinita superabundancia de todas as virtudes que são necessárias para conceder graças aos outros.

Se, portanto, tua oração não é imperfeita, fica certa de obter, sempre, tudo o que pedires, ou tudo o que te for util, ou mesmo uma outra coisa junta.

E quanto mais te parece que és atendida, mais te debes humilhar a teus olhos. E, considerando as tuas culpas, pensa na piedade divina e aumenta a tua confiança. Se esta se mantiver viva, tanto mais agradará o Senhor, quanto mais for combatida.

Agradece-lhe sempre, reconhecendo sua bondade, sabedoria e amor, e tendo-o por boníssimo, tanto quanto te concede, como quando te nega alguma coisa.

E em qualquer acontecimento, ficarás alegre e firme, com uma humilde submissão à sua divina providência.

---

## CAPÍTULO XLV.

### DA ORAÇÃO MENTAL

A oração mental é uma elevação da mente a Deus, com um atual ou virtual pedido de alguma cousa que se deseja.

Tem-se esta intenção atual quando, mentalmente, se pede a graça, com estas ou outras palavras:

“Senhor Deus meu, concede-me esta graça, por tua honra”.

Ou então:

“Senhor meu, penso que te agrada e é para tua glória que te peça e alcance de ti esta graça: Realiza então, em mim, o que te apraz”.

Quando estiveres sofrendo combate de teus inimigos, rezarás assim:

“Vem depressa, Senhor, ajudar-me, para que eu não ceda aos inimigos”.

Ou:

“Deus meu, refúgio meu, fortaleza de minha alma, socorre-me depressa, para que eu não cáia”.

E, continuando a batalha, prossegue também neste modo de orar, resistindo sempre, virilmente, a quem te combate.

Quando arrefecer a luta, volta-te para o teu Senhor, mostra-lhe o inimigo que te combateu e a tua fraqueza em resistir, e diz:

“Eis, Senhor, a tua creatura, formada pelas mãos de tua bondade, e remida com teu sangue. Eis o teu inimigo, que tenta afastar-me de ti, para me devorar. A ti, Senhor meu, eu recorro, somente em ti confio, porque és onipotente e bom, e vês a minha impotência, e vês como logo cederei ao inimigo, se não for sustentada pelo teu auxílio. Ajuda-me portanto, esperança minha e fortaleza de minha alma”.

. Pedido virtual é aquele em que elevamos a mente a Deus, mostrando apenas a necessidade que temos, de alguma graça. Como, por exemplo, quando elevamos a mente a Deus e, em sua presença, reconhecemo-nos impotentes para nos defendermos do mal e fazermos o bem. E então, acesos no desejo de o servir, contemplamos o Senhor, esperando, com fé e humildade, o seu socorro.

Este conhecimento da própria insuficiência e este desejo de servir a Deus,

são uma oração. Pois quem precisa, virtualmente está pedindo. E quanto mais claro e sincero for este conhecimento, e mais aceso o desejo, e mais viva a fé tanto mais eficaz oração, a alma estará fazendo.

Há ainda, uma outra espécie de oração, mais restrita, e que fazemos com um simples olhar da mente a Deus, para que o Senhor nos socorra. Este olhar é uma lembrança tácita da graça que, antes, havíamos pedido.

Aprende bem esta espécie de oração e acostuma-te a ela, pois, como a experiência te mostrará, é uma arma que, facilmente, em qualquer ocasião e momento, podes ter à mão, e é de valor e eficiência maior do que se pensa.

---

## CAPÍTULO XLVI.

### DO MODO DE ORAR, POR MEIO DA MEDITAÇÃO

Quando fores rezar, seja durante meia-hora, ou durante mais tempo, à oração acrescentarás a meditação da Vida e Paixão de Jesús Cristo, procurando sempre relacionar os fatos sobre os quais meditas, com as virtudes que te esforças por adquirir.

Se desejas ter a virtude da paciência, poderás meditar por exemplo, sobre alguns pontos da Flagelação.

**Primeiro:** — Como, depois da ordem dada por Pilatos, o Senhor é arrastado, com gritos e zombarias, pelos ministros da maldade, ao lugar da flagelação.

**Segundo:** — Como lhe arrancaram as vestes, e como ficou despido o seu corpo puríssimo.

**Terceiro:** — Como suas mãos inocentes foram amarradas à coluna, com duras cordas.

**Quarto:** — Como o seu corpo foi todo cortado e dilacerado pelos flagelos, chegando o seu sangue divino a correr pela terra.

**Quinto:** — Como se tornava sempre maior o sofrimento, pois os golpes batiam muitas vezes num mesmo lugar ferido.

Propõe-te, para adquirires a paciência, estes ou outros semelhantes pontos, applicando os teus sentidos a sentir, o mais vivamente que for possível, as amaríssimas angústias e as terríveis dores que o Senhor padeceu em cada parte de seu corpo e em todo o seu corpo ao mesmo tempo.

Meditarás depois, sobre sua Alma santíssima, refletindo longamente sobre a paciência e mansidão com que suportava tantas aflições, e sobre sua sêde de sofrer ainda maiores e mais atrozes tormentos, em honra do Pai e para benefício nosso.

Contempla-o depois, lembrando-te do seu vivo desejo de que cumprias o teu dever e repara em como, voltado para o Pai, ora por ti, para que o Pai se digne conceder-te a graça de suportes pacientemente a cruz que agora te mortifica, e qualquer outra que mais tarde te sobrevenha.

Cuida portanto, de curvar muitas vezes a tua vontade, para que queiras tudo suportar de animo paciente. Volta depois, teus pensamentos, para o Padre Eterno e agradece-Lhe que tenha mandado a este mundo por pura bondade, o seu Filho Unigênito, para que sofresse tantos tormentos, terríveis e orasse por ti.

Pede-Lhe depois, a virtude da paciência, por mérito das obras e rogos do seu Filho.

---

## CAPÍTULO XLVII.

### DE OUTRA MANEIRA DE ORAR MEDITANDO

Poderás ainda, orar e meditar de outra maneira.

Depois de teres considerado atentamente as dores que o Senhor padeceu, a prontidão de animo com que tudo suportou, a grandeza de suas obras e a sua paciência, passarás a duas outras considerações. Uma, de seu mérito, outra do contentamento e da glória do Padre Eterno, devido à perfeita obediência de seu idolatrado Filho.

Apresentarás à Divina Magestade a consideração destas duas cousas, e pedirás, em virtude delas, a graça que desejas.

E poderás assim fazer, meditando, não somente sobre cada mistério da Paixão do Senhor, mas sobre cada ato interior ou exterior, que em cada mistério Ele fazia.

---

## CAPÍTULO XLVIII.

### **DA ORAÇÃO, POR MEIO DA MEDITAÇÃO SOBRE A VIRGEM MARIA**

Há ainda um outro modo de orar, meditando sobre Maria Virgem. Pensarás primeiro, no Eterno Deus. Depois no dulcíssimo Jesús. E, por fim, nesta gloriosa Mãe.

Meditando sobre Deus, considerarás duas cousas: a complacência que o Senhor sentia em Maria Santíssima, quando se considerava a si mesmo, desde toda a eternidade, desde antes mesmo que Maria existisse. E depois as virtudes e ações da Virgem, enquanto vivia.

Meditarás do seguinte modo, a respeito desta complacência do Senhor, pensarás sobre a eternidade, antes de todo o tempo e, elevando tua mente acima de toda a creatura, considerarás a mente de Deus e as delícias que Ele sentia em si mesmo, pensando em Maria Virgem. E pede então, em virtude deste

gozo em que contemplos o teu Deus, que Ele te dê graça e força para destruíres teus inimigos, particularmente aquele que agora te combate.

Passando depois à consideração das tantas e tão singulares virtudes e ações desta Mãe Santíssima, e apresentando a Deus, ora todas juntas, ora alguma delas, pede à infinita bondade, em virtude dos méritos destas ações, tudo aquilo de que precisas.

Volta depois tua mente para o Filho de Deus, que durante nove meses habitou no seio virgíneo de Maria. Pensa na reverência com que a Virgem O adorou, quando Ele nasceu; como O reconheceu como verdadeiro Homem e verdadeiro Deus, Filho de Deus e Creador. Pensa nos braços que O sustentaram; nos olhos piedosos que se compadeceram de sua pobreza; nos lábios que O beijaram; no leite com que a pobre mãe O nutriu, e nas fadigas e angústias que suportou por Ele, em sua vida e em sua morte. Pelos méritos de todas estas ações, farás ao divino Filho doce violência, para que te escute.

Volta depois o pensamento para a Santíssima Virgem, lembra-lhe que ela foi eleita pela Providência eterna, Mãe de graça e de piedade, e Advogada nos-

sa. E porisso, depois de seu Filho benedito, a ninguem podemos recorrer, que seja mais poderoso do que Ela.

Recorda-Lhe ainda, esta verdade, que se escreve a respeito dela: tantos teem sido os fatos miraculosos, que ninguem jamais a invocou com piedade, que não fosse atendido.

Finalmente, apresentar-lhe-ás os sofrimentos que seu único Filho suportou, para salvação nossa. Pedirás então, que te impetre de Deus a graça, afim de que, para sua alegria e glória, as dores do Senhor deem, em ti, aqueles frutos, em vista dos quais Ele as quis sofrer.

---

## CAPÍTULO XLIX

### COMO DEVEMOS RECORRER COM FÉ E CONFIANÇA, A MARIA VIRGEM

Se queres recorrer, com fé e confiança, à Virgem Maria, em todas as tuas necessidades, poderás conseguí-lo mediante as seguintes considerações:

**Primeiro:** — Sabe-se, por experiência, que o recipiente onde havia algum mofo ou licor precioso, guarda o cheiro, mesmo quando não há mais licor ou mofo ali.

E tanto mais tempo permanece o perfume, quanto mais tempo ali houvera licor ou mofo. E mais longamente permanecerá o odor, se ficou no vaso alguma coisa do licor ou do mofo. E no entanto o mofo e o licor teem uma força limitada.

Assim também, quem está junto de um grande fogo, guarda calor por muito tempo mesmo quando se tiver afastado do fogo.

De que fogo de caridade, entretanto, de que misericórdia e piedade, poderemos imaginar que estejam acesas as entranhas de Maria Santíssima?

Durante nove meses, ela teve no seu virgíneo seio, e sempre tem no peito e no coração, o Filho de Deus, que é a mesma caridade, misericórdia e piedade, não já de intensidade finita e limitada, mas de uma virtude infinita e sem limite algum.

Pois, assim como ninguém se aproxima de um grande fogo sem ser aquecido, assim também e com muito maior razão, qualquer pessoa, que de algo tiver necessidade, prontamente receberá favores, auxílios e graças, se se aproximar, com fé e humildade, do fogo de misericórdia, caridade e piedade, que sempre arde no peito de Maria Virgem.

E tanto mais, quanto mais vezes e com maior fé se acorrer a Nossa Senhora.

**Segundo:** — Nenhuma creatura amou tanto a Jesús Cristo, nem foi tão submissa à sua vontade, como sua Mãe Santíssima.

O próprio Filho de Deus, que dedicou toda a sua vida e sua própria pessoa a nós, pobres pecadores, nos deu sua Mãe por nossa Mãe e advogada, afim de que nos proteja e seja, depois dele, o instru.

mento de nossa salvação. Como poderá faltar-nos então, ou tornar-se rebelde à vontade do Filho, esta Mãe e Advogada?

Recorre pois, filha, com confiança, em todas as tuas necessidades, à Mãe Santíssima, à Virgem Maria porque esta confiança é de grande valia e seu auxílio é seguro, pois ela é a mãe das graças e das misericórdias.

---

## CAPÍTULO L.

### DO MODO DE MEDITAR E ORAR, PENSANDO NOS ANJOS E SANTOS

Para que os Anjos e Santos do céu te auxiliem nesta batalha, poderás usar de dois modos:

O primeiro é que te voltes para o Pai dre Eterno e lhe apresentes o amor e os louvores com que ele é exaltado por toda a Corte celeste, e as fadigas e penas que, por seu amor, os Santos sofreram na terra. Pelo mérito de tudo isto pede à divina Majestade tudo o que te for necessário.

O segundo modo é que recorras a estes gloriosos Espíritos, que não somente desejam a tua perfeição, mas gozam eles mesmos, de grande perfeição. Pedirás seu socorro contra teus vícios e inimigos, e rogarás que te auxiliem e defendam na hora da morte.

Considera algumas vezes, as muitas

e singulares graças que eles receberam do Creador. Excita em ti uma viva alegria e um grande amor para com eles, como se fossem tuas, as riquezas de dons que eles possuem.

E te alegrarás, se for possível, porque eles, e não tu, as possuem, pois esta foi a vontade de Deus. Seja Deus portanto, louvado e agradecido por este motivo.

E para fazer este exercício com ordem e facilidade, poderás dividir as legiões dos bem-aventurados da seguinte maneira:

No domingo tomarás os nove coros angélicos.

Na segunda feira. São João Batista.

Na terça-feira, os Patriarcas e Profetas.

Na quarta-feira, os Apóstolos.

Na quinta-feira, os Mártires.

Na sexta-feira, os Pontífices e outros Santos.

No sábado, as Virgens e as outras Santas.

Mas em nenhum dia deixes de recorrer muitas vezes à Virgem Maria, Rainha de todos os Santos, ao teu Anjo da Guarda, a São Miguel Arcanjo e a todos os santos protetores teus.

Todos os dias pede a Maria Virgem,

a seu Filho e ao Pai Celeste, que te concedam a grande graça de te darem São José, esposo da Virgem, por advogado e protetor. Recorre depois, a este Santo, com grande confiança. e pede-lhe que te acolha debaixo de sua proteção.

Muitas cousas se contam a respeito deste glorioso Santo. Muitos favores receberam dele, os que a ele recorrem, não somente nas necessidades espirituais, mas também nas temporais. E' solícito protetor, principalmente quando se trata de encaminhar pessoas devotas à verdadeira oração e meditação.

Deus ama os seus santos, porque estes lhe obedeceram e o honraram, enquanto viviam entre nós. Quanto então, não é de crer que estime a São José e que valham os pedidos deste humilíssimo e felicíssimo Santo, a quem o próprio Deus quis submeter-se, e ter como pai?

## CAPÍTULO LI.

### **SOBRE O MODO DE EXCITAR NOSSOS AFETOS, MEDITANDO SOBRE A PAIXÃO DE CRISTO**

4

O que acima expús sobre a Paixão, serve para se orar e meditar, quando se tem alguma cousa a pedir. Acrescento agora o modo de excitarmos afetos em nosso coração por intermédio da meditação sobre a Paixão de Nosso Senhor.

Proponho-te, por exemplo, que medites sobre a crucifixão. Entre outros pontos, poderás considerar, neste mistério, ~~é despojado de seus vestidos, e os~~

**Primeiro:** O Senhor, no alto do Calvário, é despojado de seus vestidos, e os verdugos fazem-no com tanta fúria que lhe arrancam pedaços de sua carne, colada às vestes, devido à flagelação.

**Segundo:** Tiram-lhe a corôa de espinhos e novamente a colocam em sua cabeça, ocasionando novas feridas.

**Terceiro:** A golpes de martelo é cruelmente pregado, com cravos, na cruz,

**Quarto:** Seus membros sagrados não alcançam os orifícios praticados na cruz para os cravos e então seu corpo é repuxado com tanta fúria, que se poderiam contar os seus ossos, dolorosamente deslocados.

**Quinto:** O Senhor fica pendente na cruz, unicamente sustentado pelos pregos, que, devido ao peso do corpo, alargam suas chagas, reabrem as feridas, com indizível sofrimento do Senhor.

Para excitar afetos e amor em teu coração, poderás meditar sobre estes e outros pontos. Irás sempre crescendo no conhecimento da infinita bondade do teu Senhor, e mais e mais o ficarás amando, pois tanto quis sofrer por ti. Quanto maior se tornar este conhecimento, maior se tornará o amor.

Conhecendo a bondade e o amor infinito que o Senhor demonstrou ter por ti, facilmente te arrependerás de ter tantas vezes cometido a grande ingrati-dão de ofender o teu Deus, que foi tão maltratado e ferido, devido às tuas ini-quidades.

Para excitar em ti, sentimentos de es- perança, considera o estado a que se re- duziu um tão grande Senhor, para pa- gar os nossos pecados, para nos livrar dos laços do demônio e de nossas culpas

particulares, para tornar o Pai Eternó propício aos homens, e para te infundir a confiança de recorreres a Ele em todas as tuas necessidades.

Grande alegria sentirás, pensando nos frutos deste sofrimento, que apagou os pecados de todos, confundiu o Príncipe das Trevas, aplacou a ira do Pai, acabou com a morte e permitiu aos homens a entrada no céu.

Mais ainda te moverá à alegria, o contentamento da Santíssima Trindade, de Maria Virgem. da Igreja triunfante e militante.

Para excitar em ti, ódio aos teus pecados, pensarás somente neles, enquanto meditas, como se o Senhor não tivesse sofrido a não ser para infundir em ti o ódio às tuas más inclinações, principalmente àquelas que mais força teem em ti e mais desagradam à sua divina bondade.

Para acender em ti uma grande admiração, medita assim: que cousa poderá mais te espantar, do que ver o Creador do Universo, que dá vida a todas as cousas, ser perseguido e morto pelas creaturas? ver conculcada e aviltada, a Majestade suprema? ver condenada, a mesma Justiça eterna? maculada, a beleza de Deus? odiado, o amor do Pa. celeste?

reduzida ao poder das trevas, aquela luz eterna e inacessível? reputada como deshonra e vitupério do gênero humano, a própria glória e felicidade, abismada agora em extrema miséria?

Para te compadeceres do teu Senhor que sofre, além de meditar em suas penas exteriores, pensa também naquelas, muito maiores, que lhe atormentavam a alma.

Se te afligiste com as dores corporais do Senhor, é de admirar que agora, com estas, não se te despedace o coração. —

A alma de Cristo contemplava a essência divina, como hoje a vê no céu. Ele sabia que Deus era infinitamente digno de toda honra e vassalagem, e, por seu inefável amor para com seu Pai, desejava que todas as criaturas servissem a Deus com todas as suas forças.

E vendo o contrário, vendo as inumeráveis culpas e os abomináveis crimes do mundo, cousas que ofendiam e vituperavam a divina Santidade, seu coração sofria dores infinitas. E tanto mais o cruciaram estas dores, quanto maior foi o seu amor e o seu desejo de que tão alta Majestade fosse honrada e servida por todos.

Nunca poderemos avaliar a grandeza deste amor e deste desejo. E por isso,

jamais chegaremos a saber quão acerba e grave foi a aflicção interna do Senhor crucificado.

Alem disto, ele amava indizivelmente todas as creaturas, sofria por seus peccados na proporção como as amava, pois o peccado o separa das almas. E todo o peccado mortal que tinham cometido ou cometeriam os homens, que existiram e que existirão, separavam as almas dos peccadores, da alma de Jesús. E tantas vezes isto aconteceria, quantas vezes os homens pecassem

A alma — puro espirito, mais nobre e mais perfeito do que o corpo — era mais capaz de sofrimentos do que o corpo. Porisso, esta separação dos peccadores é mais dolorosa que a separação dos membros do corpo, quando se deslcam e saem do seu lugar natural.

Entre estes sofrimentos, foi muito dolorosa a dor que o Senhor sentiu devido aos peccados dos réprobos que, não mais se podendo unir a ele, deviam sofrer, eternamente, tormentos horriveis.

E se continuares a meditar sobre os sofrimentos internos de nosso caró Jesús, pensemos, para mais nos compadecermos dele, nas grandes dores que sofreu, não somente pelos peccados cometidos, como tambem para que muitos peccados

não fossem cometidos. Pois não há dúvida de que o perdão daqueles e a preservação destes, devemos-la aos preciosos sofrimentos do Senhor.

Não te faltarão, filha, outras considerações, para te compadeceres da sacrosanta Vítima crucificada.

Pois nunca houve, nem jamais haverá dor alguma, sentida por alguma creatura, que ele não tenha também sofrido.

As injúrias, as tentações, as calúnias, as dores, as angústias, e penas que todos os homens do mundo sofreram, cruciaram também a alma de Cristo, e muito mais vivamente.

Porque todas as aflições que os homens sofrem, grandes e pequenas, da alma e do corpo, até uma pequena dor de cabeça e uma picada de agulha, ele as conhece a todas perfeitamente e, por sua imensa caridade, quer que as soframos. E porisso no-las envia, este piedosíssimo Senhor nosso.

Mas, quanto o tenham feito sofrer, as dores de sua Mãe Santíssima, não há quem o possa avaliar! Porque ela sofreu também, e condoeu-se acerbamente de todas as dores que, de qualquer modo, o Senhor padeceu.

E estas dores de sua Mãe, mais aumentaram os sofrimentos internos da-

quele filho, ferido em seu dulcíssimo coração, por tantas setas acesas de amor. Com todos estes tormentos, e com outros muitos, que a nós nos são ocultos, bem se poderia dizer, que seu coração se transformara num inferno de penas voluntárias, como uma alma devota, em sua simplicidade, costumava dizer.

Se considerares bem, filha, a causa de todas as dores que o nosso Crucificado, Redentor e Senhor, padeceu, não verás outra, que não o pecado.

Porisso, a verdadeira e principal compaixão e o agradecimento que ele pede de nós e que, sem dúvida alguma, lhe devemos, é que odiemos, por seu amor, o pecado, e combatamos generosamente contra todos os inimigos de Deus e contra nossas más inclinações.

E assim, despojados do homem velho, nos vestiremos com o homem novo, ornando a nossa alma com as virtudes evangélicas.

---

## CAPÍTULO LII.

### DÓS PROVEITOS QUE TIRAREMOS DA MEDITAÇÃO E IMITAÇÃO DE JESÚS CRUCIFICADO

Muitos serão os proveitos que nos advirão desta meditação santa. Um deles será que te arrependerás de teus peccados passados e te afligirás, lembrando-te que ainda vivem dentro de ti aquelas paixões desregradas que crucificaram teu Senhor.

O **segundo** proveito será que lhe pedirás perdão de tuas culpas; e a graça de um perfeito ódio de ti mesma, para que não mais o ofendas. E assim, em recompensa do tanto que por ti padeceu, o amarás e servirás para o futuro. Sem este ódio santo, não poderás realizar estes bons propósitos.

O **terceiro** proveito será que perseguirás tuas más inclinações, até matá-las, por pequenas que sejam.

O quanto que te esforçarás, o mais

póssivel, por imitar as virtudes do Salvador, que sofreu, não somente para te remir, prestando satisfação a Deus, por nossos peccadós, mas também para te dar o exemplo, o qual deves te esforçar por imitar.

Proponhõ-te mais outra maneira de meditar, que servirá para este efeito.

Se desejas adquirir, por exemplo, o hábito da paciência, considera os seguintes pontos, para imitares o teu Cristo:

Primeiro: aquillo que a alma de Cristo opera, apaixonada pór Deus.

Segundo: o que Deus opéra, com relação a Cristo.

Terceiro: o que a alma de Cristo opera a respeito de si mesmo e de seu sacratíssimo corpo.

Quarto: o que Cristo opera com respeito a nós.

Quinto: o que nós devemos fazer para com Cristo.

**Primeiramente** então, considera como a alma de Cristo contempla a Essência Divina, e maravilha-se daquela infinita e incompreensível grandeza, comparadas com a qual, todas as cousas são um puro nada. E, embora continue em sua glória, esta divindade suporta agora, na terra, tratamentos indigníssimos, ofere-

cendo tudo a Deus Pai. E tudo isso em proveito do homem, de quem nada recebeu, senão infidelidades e injúrias.

**Segundo.** Contempla o que Deus faz, a respeito da alma de Cristo: como quer e anima-a a que suporte por nós as bofetadas, os escarros, as blasfêmias, os açoites, os espinhos e a cruz, e como mostra que se compraz em ver seu filho coberto de toda a sorte de opróbrios e aflições.

**Terceiro.** Medita depois, sobre a alma de Cristo. Sua inteligência lucidíssima, vendo quão grande era, em Deus, este prazer, e amando tanto sua Divina Majestade, alegremente se dispõe a obedecer prontamente à sua santíssima vontade, que o convidou a sofrer, por nosso amor e para nosso exemplo.

E quem poderá penetrar dentro destes profundos desejos, de sua puríssima e amorosíssima alma, de sofrer por nós? Ela fica quase em um labirinto de desejos, procurando e não encontrando novas maneiras de sofrer. E porisso, de boamente entrega-se todo inteiro, pondo seu inocentíssimo corpo à disposição daqueles homens iníquos e demônios do inferno, para que façam com ele o que quiserem.

**Quarto.** Depois de tudo isto, contem-

pla o teu Jesú, que, voltando sobre ti seus olhos pledosos, te diz: "Eis, filha, em que estado me deixaram os teus desejos imoderados, porque não te quiseste fazer um pouco de violência. Eis quanto soffro. Mas peço-te, por todas as dores que padeço com alegria por ti, para te dar exemplo, que leves de boamente tua Cruz e qualquer outra que me apraza te enviar, mesmo se eu te deixar nas mãos de todos os teus perseguidores, por mais vis e cruéis que sejam contra teu corpo e tua honra. Oh, se soubesses as consolações que me darias então! Mas podes avaliá-lo por estas feridas que, como se fossem doçuras, eu quís soffrer, para ornar de preciosas virtudes tua pobre alma, que eu amo muito mais do que pensas. E se eu me reduzí a tal estado, por que razão, esposa minha diletta, não quererás tu, soffrer um pouco, para satisfazer o meu coração, e pôr um pouco de bálsamo nestas chagas, causadas pela tua impaciência, que me aflige mais amargamente que a própria chaga?

**Quinto.** Medita bem sobre a pessoa que assim te fala: é o Rei da Glória, o Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Considera a grandeza dos seus tormentos e vitupérios, que encheriam de vergonha os mais infames ladrões do mundo. Vê

como ele suporta tantas ignominias, não sorridente com paciência e resignação, mas com alegria.

E assim, como, com um pouco de água, o fogo aumenta, assim também, com o aumento das dores, que eram pouca causa para sua imensa caridade, mais e mais crescia o seu gozo e a sede de sofrer ainda maiores tormentos.

Considera como o Clementíssimo Senhor sofreu tudo isto, não em interesse próprio, mas, como ele mesmo disse, pelo seu amor por ti, e para que tu, a seu exemplo, te exercites na virtude da paciência e para que percebendo bem o que ele de ti quer e a alegria que lhe darás exercitando-te bem nesta virtude, queiras ardentemente levar com paciência, com alegria, para imitar e satisfazer o teu Deus, a tua Cruz atual e qualquer outra que te envie.

Pensa nas ignomínias e angústias que ele sofreu, lembra-te de sua constancia, e envergonha-te de que teus sofrimentos não sejam verdadeiras dores e vitupérios. E, apesar disto, apenas tenhas uma sombra de paciência. E teme então, e treme, ante o pensamento de que teu coração se negue a sofrer, por amor de teu Deus.

!Este Senhor crucificado, filha minha!

poderás achar o modelo, de todas as virtudes. 'E' o livro da vida e não somente age sobre a nossa intelligência, mas também sobre a nossa vontade. inflamando-a com o exemplo.' O mundo está cheio de livros e no entanto, todos eles juntos não ensinarão tão perfeitamente o modo de adquirir todas as virtudes.

Alguns, filha, brilham muito, falando sobre a Paixão do Senhor e considerando a sua paciência. Mostram-se porem, impacientes nas adversidades que sobreveem, como se nada tivessem aprendido na oração. Estes são como os soldados do mundo, que prometem muita cousa, sob as bandeiras, antes da batalha; depois, quando aparece o inimigo, largam as armas e fogem.

Que cousa será tão estulta e errada, como mirar, qual lúcido espelho, as virtudes do Senhor, amá-las e venerá-las e depois se esquecer de tudo ou não se encomodar, quando se apresenta a occasião de imitar aquellas virtudes?

---

## CAPÍTULO LIII.

### DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA EUCARISTIA

Já te apresentei, filha, as quatro armas de que precisavas para vencer os teus inimigos. Ensinei-te também, a usar destas armas.

Mais uma, quero te propor agora: o Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

Este, sacramento está acima de todos os outros e assim, esta arma também é a mais forte de todas.

As quatro considerações que atraz fizemos, haurem seu valor nos méritos e na graça que o sangue de Cristo mereceu. Mas esta última arma é o próprio sangue e a própria carne de Cristo, com sua alma e sua divindade.

Usando das outras armas, combater-se-á com as virtudes de Cristo. Com esta, lutar-se-á ajudados pelo próprio Cristo. Pois, quem come da carne de Cristo e bebe o seu sangue, está com Cristo, e Cristo está com ele.

De dois modos te podês exercitar e usar desta arma: pela comunhão sacramental, a toda a hora e todo o momento. Não deves deixar de comungar espiritualmente quando te for permitido.

---

## CAPÍTULO LIV.

### DA COMUNHÃO SACRAMENTAL

Com diversos fins nos podemos apresentar à mesa da Comunhão. Para conseguir estes fins, várias cousas devemos fazer: umas antes da Comunhão; outras, durante a Comunhão; e enfim, outras depois da Comunhão.

Ante da Comunhão, seja qual for o fim pelo qual a queremos receber, é necessário que, com o sacramento da Penitência, nos purifiquemos das manchas do pecado mortal, se o cometemos. Importa ainda, que, com todo o afeto de nosso coração, nos demos inteiramente, com todas as nossas forças e todas as nossas potências, a Jesús Cristo e a tudo aquilo que lhe agrada, pois, neste sacramento santíssimo Ele nos dá o seu sangue e a sua alma com sua divindade e seus méritos. Pouca cousa ou quase nada é o que oferecemos. Porisso, nosso desejo será: que tivéssemos

tudo o que Lhe ofereceram todas as criaturas humanas e celestes, para o podermos também oferecer à Divina Majestade.

Se queres receber o seu corpo, para que Ele vença, em ti, os teus e seus inimigos, então, à tarde, na véspera do dia da comunhão, ou quanto antes, considera o desejo que o Filho de Deus tem. de que Lhe dê entrada no teu coração com este Santíssimo Sacramento. O Senhor quer unir-se contigo e ajudar-te a vencer todas as tuas paixões viciosas.

Este desejo é de tão grande valia, que a inteligência das criaturas jamais o poderá conhecer.

Para corresponderes de alguma maneira, a este desejo, imprimirás na tua mente, dois pensamentos:

Um é o prazer inefável que Deus tem, de estar conosco, pois nisto põe as suas delícias.

O outro é o ódio que Ele tem ao pecado, que Ele aborrece, tanto por ser um obstáculo à sua união conosco, como por ser contrário, em tudo, às suas divinas perfeições. Ele é o sumo bem, a luz pura a infinita beleza, e tem que odiar e abominar o pecado, que enche nossas almas de trevas e manchas intoleráveis.

Tão ardente é este ódio do Senhor contra o pecado, que o escopo do Velho e Novo Testamento e, particularmente, da sacratíssima Paixão do Filho, é a destruição do pecado. Dizem os servos de Deus mais doutos, que, para anular em nós toda culpa pequenina, Ele estaria pronto e se expôr novamente, se fosse preciso, a mil mortes.

Destas considerações poderás inferir, imperfeitamente embora, o grande desejo que o Senhor tem, de entrar em teu coração, para lançar fóra e destruir os teus e seus inimigos. Excita então, em ti, um vivo desejo de recebê-lo, com o mesmo intuito.

Faze-te generosa. Aumenta tua esperança na vinda de teu celeste Capitão à tua alma, combate sem cessar o vício que deves combater, reprime-o a todo o instante, com vontade firme, fazendo atos de virtude contrária. E passarás assim, a tarde da véspera e a manhã do dia em que vais receber a sagrada Comunhão.

Uns instantes antes de receberes o santíssimo Sacramento, passarás em revista, ligeiramente, as faltas que cometeste, desde a última Comunhão. Cai-te naquelas faltas, como se Deus não tivesse sofrido tanto, nos mistérios da

Cruz. Levaste mais em consideração teus  
ris contentamentos que a vontade e a  
honra de Deus. Com um santo temor  
então, e envergonhada de ti mesma, te  
arrependerás de tua ingratitude e indig-  
nidade.

Mas lembra-te depois, de que o abis-  
mo incomensuravel da bondade de teu  
Senhor compensa o abismo de tua in-  
gratitude e pouca fé. Aproxima-te dele  
portanto, confiantemente, oferecendo-  
lhe o teu coração, para que o Senhor  
tome inteira posse dele.

Dar-lhe-ás digno lugar em tua alma,  
quando te livrares de qualquer afeto às  
creaturas e a fechares, para que não en-  
tre aí ninguém, que não seja o teu  
Senhor.

Quando tiveres comungado, retira-te  
ao silêncio de teu coração. Adora, com  
humildade e reverência, o teu Senhor  
e reza assim:

“Estás vendo, único bem meu, como  
te ofendo facilmente e como são fortes  
essas minhas paixões, das quais não me  
posso livrar, por minhas próprias forças.  
Mas esta batalha é mais tua que minha.  
De ti espero a vitória, embora me seja  
ainda preciso combater”.

Depois, voltando-te para o Pai Eter-  
no, oferece-lhe, em ação de graças e para

que alcances vitória, o seu bendito Filho, que te foi dado por ele e que já tens no coração. Combate generosamente contra as paixões a que te referiste na tua oração, e espera de Deus, confiantemente, a vitória, que certamente conseguirás, embora ela tarde um pouco, se fizeres, de tua parte, tudo o que puderes.

---

## CAPÍTULO LV.

### **DO AMOR QUE DEVEMOS EXCITAR EM NÓS, ANTES DE RECEBERMOS A SAGRADA COMUNHÃO.**

Este excelso sacramento muito te poderá servir para alcançares um maior amor a Deus.

Para isto, pensarás muitas vezes no amor que ele mostrou ter para contigo. Meditarás, à tarde da véspera do dia da Comunhão, na bondade que este grande e onipotente Senhor teve, deixando-se a si mesmo no Santíssimo Sacramento do altar, para teu alimento e para tuas necessidades, como se não julgasse bastante ter-te creado à imagem e semelhança sua, ter-te enviado, o seu Unigênito Filho, para que sofresse trinta e três anos, por tuas iniquidades e suportasse para te remir, terribes sofrimentos e penosa morte na cruz.

Considera bem, filha, a incompreen-

sivel excelência deste amor, perfeitíssimo e sem igual, seja qual for o ponto de vista sob o qual o examinares.

**Primeiro:** Se considerarmos o tempo, nosso Deus nos amou perfeitamente, desde toda a eternidade. E' eterno na divindade e é eterno no amor. Foi com este amor que, desde toda a eternidade, estatuiu na sua mente dar aos homens miraculosa e maravilhosamente, no Santíssimo Sacramento, o seu Filho.

Rejubila-te no íntimo da alma e diz "Neste abismo de eternidade, a minha pequenez era tão estimada e amada pelo grande Deus, que ele pensava em mim e já cogitava, com sua inefável caridade, em dar-me em alimento o seu próprio Filho!"

**Segundo:** Todos os outros amores, por grandes que sejam, tem algum fim, nem podem crescer sem medida. Mas o amor de nosso Deus é infinito.

Porisso, querendo satisfazê-lo inteiramente, nos deu o seu próprio Filho, igual a ele na majestade infinita, na substancia e na natureza.

Tal o amor, qual o dom ofertado. E tal dom ofertado, qual o amor. E ambos são de grandeza tal, que nenhuma inteligência poderá imaginar grandeza maior.

**Terceiro:** Não foi nenhuma necessidade ou força, que levou o Senhor a nos amar, senão a sua bondade natural e intrínseca. Somente esta o moveu a nos amar de tal maneira e tanto.

**Quarto:** Nenhuma obra ou mérito nosso precedeu o seu amor, ou levou-o a ter tal excesso de caridade para conosco. Foi somente por sua liberalidade, que inteiramente se deu a nós, indignísimas creaturas suas.

**Quinto:** Se pensares na pureza deste amor, verás que em nada ele se parece com os amores mundanos, onde sempre entra algum interesse. De nada servem ao Senhor os nossos bens, pois ele é gloriosíssimo e felicíssimo em si mesmo, sem nós. Porisso é que foi inefável a sua bondade, pois tudo fez, não para o seu, mas para o nosso proveito.

Pensa nisto - e diz contigo mesmo:

“Por que tão sublime Senhor foi pôr teu coração em uma tão baixa creatura? Que desejas de mim, ó Rei da glória? Que esperas de mim, que sou pó da terra? Teu grande amor por mim me faz ver claramente, na luz de tua ardente caridade, que te deste a mim em alimento, para que eu me converta inteiramente em ti. Não porque tenhas necessidade

de mim, mas para que, vivendo tu em mim e eu em ti, nesta amorosa união, eu me transforme em ti, e a vileza de meu coração terreno faça, com o teu coração, um só coração.

Com seu amor onipotente, ele não quer de ti outra coisa, que cobrir-te com o seu amor, tirando de teu coração todas as criaturas e depois tirando-te a ti mesma de lá, pois também és criatura. Vendo-te tão querida e amada por Deus, toma-te de espanto e alegria e oferece-te toda inteira ao teu Senhor, em holocausto, para que, daqui por diante, somente o amor e o agrado divino te mova a inteligência, a vontade, e a memória e os sentidos.

Nenhuma coisa pode produzir tais efeitos em ti, a não ser a santa Comunhão. Recebe-a dignamente, abre o coração às santas graças do Senhor sacramentado. Poderás fazê-lo com as seguintes orações, jaculatórias e aspirações.

“O’ alimento celeste, quando chegará o dia em que eu, abrazada unicamente no fogo de teu amor, me oferecerei toda inteira a ti? Quando, quando, ó Amor increado?

O’ pão vivo, quando viverei somente por ti e de ti? Ah, quando isto acontere-

cerá, ó vida minha, vida sublime, feliz e eterna?

O' maná celeste, quando virã a hora em que, sentindo náuses de qualquer outro alimento terreno, somente querer-te-ei a ti, somente de ti me alimentarei? Quando virá esta hora, quando, único bem meu? Ah, Senhor meu, amoroso e onipotente, livra este mísero coração de qualquer apego terreno e de qualquer paixão viciosa! Orna-o com tuas santas virtudes e com o hábito de tudo fazer unicamente para te ágradar. Assim sendo, poderei abrir-te meu coração e te convidarei, te farei doce violência para que entres. E então, Senhor, poderás, sem resistência de minha parte, fazer em mim aquilo que sempre desejaste".

Poder-te-ás exercitar nestes santos afetos, na tarde da véspera e na manhã do dia em que fores receber a santa Comunhão. E ao avizinhar-se o momento sagrado, pensa na grandeza daquele que vais receber.

E' o Filho de Deus de majestade incompreensível, diante do qual treme o céu e a terra.

E' o Santo dos Santos, o espelho sem mancha, a pureza infinita; comparada com a qual, não há creatura sem pecado.

E' aquele que, como verme da terra,

quís, por teu amor, ser maltratado, traído, atormentado e crucificado pela malícia e iniquidade do mundo.

E' Deus que tu vais receber, o mesmo Deus, em cujas mãos está a vida e a morte de todo o universo.

Tu, ao contrário, nada és por ti mesma, e por teus pecados e por tua malícia, te fizeste inferior a qualquer vilíssima e imunda creatura irracional, e te tornaste digna de ser confundida e enganada por todos os demônios do inferno.

E, em paga de tantos benefícios imensos, desprezaste, com teus caprichos, um Senhor tão bom e amavel, e o seu preciosíssimo sangue.

Apesar de tudo isto, ele, na sua caridade perpétua, e imutavel bondade, te chama à sua divina mesa e a isto te obriga. ameaçando-te com a morte eterna. E não te fecha a porta de sua piedade, nem te volta as costas, embora sejas, por tua natureza, leprosa, hidrópica, possessa, cega e te tenhas entregue ao vício.

Somente algumas cousas ele pede de ti: primeiro, que te arrependas de o teres ofendido; segundo, que tenhas um grande ódio ao pecado, tanto aos grandes como aos pequenos; terceiro, que te

entregues docilmente, em todas as circunstancias, à sua vontade e obediência; quarto, que tenhas fé no perdão, com firme esperança de que ele te perdoará, te apagará os pecados e te livrará de todos os inimigos.

Confortada por este inefavel amor, irás receber a sagrada hóstia com um temor santo e amoroso, dizendo:

“Senhor, eu não sou digna de te receber, por te ter ofendido gravemente tantas vezes, e por não me arrepender, quanto devo, destas ofensas.

Senhor, eu não sou digna de te receber, porque não vive em mim o desafeto aos pecados veniais.

Senhor, eu não sou digna de te receber, porque ainda não me dei sinceramente ao teu amor, à tua vontade, à tua obediência.

Ah, Senhor meu, onipotente e infinitamente bom! em virtude de tua bondade e de tua palavra, faz-me digna, Amor meu, de te receber com esta fé!”

Quando tiveres comungado, recolhe-te dentro de teu coração, pensa em todas as cousas creadas e fala assim, ou de maneira semelhante, ao teu Senhor:

“O altíssimo Rei do céu, por que razão entrastes no peito desta creatura miseravel, pobre e cega?”

E ele te responderá:

“Porque te amava”.

Falarás assim, então:

“O’ amor increado, ó doce Amor, que cousa queres de mim?”

E ele responderá:

“Somente amor. Nem outra cousa desejo que arda no altar de teu coração e em teus sacrifícios e em todas as tuas obras. Basta o fogo do meu amor, que consumirá todo outro amor e toda a tua vontade própria e fará arder em teu coração, um fogo que me será suavíssimo.

Isso eu o peço e sempre pedirei, porque quero ser todo teu e quero que sejas toda minha. Isto porem, não acontecerá, enquanto não tiveres aquela resignação que tanto me agrada e enquanto não estiveres livre do amor de ti mesma, do teu próprio parecer e de toda a tua vontade e apego à reputação.

Quero que tenhas ódio a ti mesma, para eu te dar o meu amor. Quero o teu coração, para que ele se una com o meu, pois foi para este fim que, na cruz, me abriram o peito. E quero que sejas toda minha, para que eu seja todo teu. Vês que sou de um preço incomparavel e no entanto, por minha bondade, faço-me do mesmo valor que tu!

Compra-me portanto, alma diletta, dando-te toda a mim.

Quero, filha minha querida, que nada queiras, nada penses, nada procures, nada vejas, fora de mim e de minha vontade. Só eu poderei querer, pensar, desejar e ver em ti. E assim, o teu nada, perdido no abismo de minha infinidade, nela se transformará. Desta maneira estarás plenamente feliz em mim, e eu, em ti, estarei contente”.

Finalmente oferecerás ao Pai o seu Filho Bem-amado, em ação de graças e para as tuas necessidades, para as de toda a Igreja, de todos os teus, daqueles a quem deves obrigações, e pelas almas do Purgatório.

Farás estes pedidos, oferecendo ao Pai o seu Filho Homem, em memória e em união com aquela oferta que o Salvador fez, pendente da cruz, ao Pai Eterno.

E do mesmo modo, poder-lhe-ás oferecer todos os sacrifícios que se fazem, naquele dia, na Santa Igreja Romana.

---

## CAPÍTULO LVI.

### DA COMUNHÃO ESPIRITUAL

No sacramento da Eucaristia, apenas poderemos receber o corpo do Senhor, uma vez ao dia. A comunhão espiritual entretanto, podes, tu e qualquer creatura, fazê-la a qualquer hora, a cada instante. Ninguém pode impedi-lo, a não ser tua negligência ou outra culpa.

Esta comunhão será às vezes, mais frutuosa e agradável a Deus, que muitas comunhões sacramentais, devido a defeitos daqueles que a recebem. Sempre que te apresentares a tal comunhão, encontrarás o Filho de Deus, que te alimentará, espiritualmente, com suas próprias mãos.

Para te preparares, volta tua mente para ele, pedindo-lhe que te dê boas disposições. Repassa ligeiramente pela memória tuas faltas, arrepende-te de ter ofendido a Deus e pede-lhe, com grande humildade e fé, que se digne vir à tua

pobre alma, dando-lhe novas graças e fortificando-a contra os inimigos.

Ou então, quando fores combater, ou mortificar algum apetite, ou fazer algum ato de virtude, age com o fim único de preparar melhor teu coração para o Senhor a que está sempre pedindo que assim procedas.

Volta-te para Ele, chama-O, pede-Lhe que venha ao teu coração, trazendo-te novas graças, para te sarar e te livrar dos inimigos, afim de que Ele seja o único possuidor de teu coração.

Ou ainda, trazendo à mente a tua comunhão, exclama:

“Quando, Senhor meu, te receberei outra vez? Quando?”

Se queres preparar-te e comungar espiritualmente, de maneira mais digna, aplica todas as mortificações, atos de virtude e obras boas daquela tarde, pela intenção de melhor te preparares para a Comunhão espiritual.

Quem recebe o Santíssimo Sacramento do altar, readquire as virtudes perdidas, sua alma retoma a beleza de antes e recebe os frutos e méritos da paixão do próprio Filho de Deus. Pensando sobre isto, considera, de manhã, a felicidade da alma que se alimenta com o sagrado pão e quanto agrada a Deus

que frutifiquem em nós as graças que Ele nos infunde com a Comunhão.

Esforça-te então, por acender em tua alma um grande desejo de recebê-lo para o agradar.

Ascende-te neste desejo e, voltando-te para ele, diz-lhe:

“Não me foi concedido, Senhor, que te recebesse hoje. Peço-te então, bondade e potência increada, que venhas a mim espiritualmente, para que eu, perdoada de minhas faltas, a cada hora e todo o dia, adquira novas forças contra os inimigos, principalmente contra este, que tanto combate para te dar prazer.

---

## CAPÍTULO LVII.

### DA AÇÃO DE GRAÇAS

Já que todo o bem que possuímos e fazemos, é de Deus e vem de Deus, temos a obrigação de Lhe agradecer por qualquer vitória que alcancemos e por todos os benefícios, particulares ou comuns, que recebemos de sua mão piedosa.

E para fazê-lo de maneira justa, devemos considerar o fim que o Senhor tem em mente, ao nos conceder suas graças. Com este pensamento poderemos entender o modo pelo qual o Senhor quer que Lhe agradeçamos.

Em tudo, Deus considera, em primeiro lugar, a sua glória e o amor que as criaturas Lhe tributarão. Por isso, pensa contigo mesmo, assim: "Com que poder, sabedoria e bondade, meu Deus me concedeu esta graça!"

Vendo depois, que em ti e de ti mesma, nada há, digno de qualquer coisa,

pois só tens culpas e ingratidões, com humildade profunda, dirás ao Senhor:

“Como te dignaste, Senhor, olhar para um verme tão desprezível, concedendo-me tantas graças? Seja teu nome bendito nos séculos dos séculos!”

E finalmente, vendo que Ele, com este benefício, quer que o ames e sirvas inflama-te de amor para com um Senhor tão amoroso e aonde em ti, o desejo sincero de servi-lo segundo sua vontade.

Ajuntarás, a isto, um pequeno oferecimento, que farás do seguinte modo:

---

## CAPÍTULO LVIII.

### DO OFERECIMENTO

Para que o oferecimento de ti mesma, seja agradável a Deus, duas cousas são precisas: a união com o oferecimento que Cristo fez ao Pai e o desapego de tudo.

Quanto à primeira, debes saber que o Filho de Deus, vivendo neste vale de lágrimas, oferecia ao Pai Celeste, não somente suas obras e sua pessoa, mas também nossas obras e nossas pessoas. Nossos oferecimentos devem ser feitos em união com o de Cristo.

Quanto à segunda cousa, considera bem, quando se te apresenta a ocasião, se tua vontade tem apego a qualquer cousa. Caso sim, trata logo de te livrares deste afeto. Recorre a Deus, para que, com seu auxílio, te possas oferecer à Divina Majestade, livre de qualquer apego terreno.

Cuida muito deste ponto, pois se te

ofereces a Deus, com a alma cheia de apego às criaturas, não ofereces coisa tua, mas dos outros. Pois não és tuas mas daquele a quem tens apego. Isto não agrada ao Senhor, pois parece um oferecimento burlesco.

Porisso é que, muitas vezes, nossos oferecimentos a Deus são vãos e sem fruto e caímos depois em várias faltas e pecados.

Enquanto estamos apegados às criaturas, podemos oferecer a Deus, unicamente para que a sua bondade nos auxilie, afim de que, depois nos possamos oferecer em dádiva perfeita à Divina Majestade e ao seu serviço. E deveremos fazê-lo muitas vezes e com grande afeto.

“Seja portanto, teu oferecimento, indene de qualquer apego à tua vontade própria. Não tenhas em mira nem aos bens terrenos nem aos bens celestes, mas somente a vontade e a Providência Divina. Deves submeter-te inteiramente a ela, santificando-te em holocausto perpétuo. Despreza todas as coisas creadas e diz:

“Eis que ponho em tuas mãos, Senhor e Creador meu, todas e cada uma de minhas vontades. Faze de mim o que

æ apraz, na vida, na morte, depois da morte, no tempo e na eternidade”.

Poderás saber se dizes essas palavras com sinceridade, quando te acontecer algo adverso.

Mas se tiveres falado lealmente, deixarás de ser terrena e material e serás de Deus, e Deus será de ti. Pois o Senhor é sempre daqueles que desprezam as criaturas e a si mesmos, e tudo sacrificam à Divina Majestade.

Vês então, filha, um modo poderosíssimo de vencer os teus inimigos: se fizeres este oferecimento, unirte-ás de tal forma com Deus, que serás dele, e Ele inteiramente teu. E que inimigo, que poder terá força, então, sobre ti?

Quando quizeres oferecer ao Senhor algum ato teu, como jejuns, orações, atos de paciência e outras cousas boas, lembra primeiro o oferecimento que Cristo fazia ao Pai, de seus jejuns, orações e outras obras.

E, confiante no valor e na virtude desta dádiva, oferece depois as tuas obras.

Se quizeres oferecer ao Pai Celeste, por tuas culpas, as ações de Cristo, poderás fazer da maneira seguinte:

Considera primeiro, ligeiramente, os teus pecados. E vendo claramente que

não podes, pôr ti mesma, satisfazer a justiça Divina, recorrerás à Vida e Paixão de Jesús, pensando em alguma de suas ações: nos seus jejuns, nas suas orações, sofrimentos, no seu derramamento de sangue. Era para aplacar a ira do Pai contra ti, que Ele ofereceu suas obras, sua paixão e seu sangue, como que dizendo:

“Eis, Padre Eterno, que tenho satisfeito, segundo tua vontade, a tua infinita justiça, pelos pecados deste homem. Que tua Divina Majestade o perdôe e o receba no número dos teus eleitos”

Tambem tu, deves fazer um oferecimento idêntico ao Padre Eterno, suplicando-Lhe que, em virtude dos méritos de seu Filho, perdôe os teus pecados.

Podê-lo-ás fazer, não somente meditando sobre os vários mistérios da vida de Nosso Senhor, mas ainda pensando sobre cada ato de cada mistério. E este oferecimento poderás fazê-lo não somente por ti, mas tambem pelos outros.

---

## CAPÍTULO LIX.

### DA DEVOÇÃO SENSIVEL E DA ARIDEZ

A devoção sensível é ocasionada ou pela natureza, ou pelo demônio, ou pela graça. Pelos frutos poderás perceber donde ela dimana.

Se ela não te induz a uma vida melhor, poderá ser do demônio ou da natureza. E tando mais, quanto mais te apegares a ela, quanta maior doçura e estima de ti mesma sentirás.

Quando sentires estes prazeres espirituais, não te ponhas a investigar sobre sua causa, nem os admitas logo, nem comeces a considerar a tua nulidade, mas cuida, com grande diligência, de teres ódio a ti mesma e livrar teu coração de qualquer apego, mesmo espiritual, a este sentimento. Deseja somente a Deus e seu agrado.

Se assim fizeres, aquele gozo, mesmo que fosse da natureza ou do demônio, se transformará em graça.

De igual maneira, a aridez pode provir destas mesmas três causas.

Do demônio, para tornar túbio o coração, e levá-lo, dos trabalhos espirituais, às diversões e gozos do mundo.

De nós mesmos, devido a nossas culpas, ao nosso apego às cousas terrenas e por causa de nossas negligências.

Da graça, para que percamos qualquer apego ao mundo e abandonemos qualquer ocupação que não tenha Deus como fim. Ou então, para que saibamos que tudo nos vem de Deus. Ou, para que estimemos mais, para o futuro, os dons divinos e sejamos mais humildes e cautos em os guardar; Ou para que nos unamos mais estritamente com sua divina Majestade, renunciemos totalmente a nós mesmos, mesmo durante o gozo espiritual, de modo a que este gozo não divida nosso coração, que o Senhor quer inteiramente para si. Ou, finalmente, porque Ele se alegra ao nos ver combatendo, para nosso bem, com todas as nossas forças, ajudas pela sua graça.

Se te sentires árida portanto, examina a razão por que perdeste a devoção sensível. Descobrindo-a, combate contra ela, não para recuperar o gozo sensível, mas para afastar de ti aquilo que desagrade a Deus.

Se não descobrires a causa, o cumprimento da vontade divina substituirá, em tua alma, a devoção sensível.

Nunca descuides, devido à aridez, de teus exercícios espirituais. Continúa a praticá-los com todo o esforço, por mais infrutuosos e insípidos que te pareçam. Dispõe-te a beber de bôa vontade o cálice de amargura que a amorosa vontade de Deus te apresenta.

Se a aridez for acompanhada de obscurecimento da mente, tão forte que não te saibas para onde voltar, nem que partido tomar, não te encomodes com isto, mas segue para a frente com tua cruz, contente em teu sofrimento, ainda que o mundo e as creaturas te oferecessem todo o gozo terreno.

Ocultas teu sofrimento a qualquer creatura, apenas excetuando o teu padre espiritual. Somente a ele o deves expor, e não para que o sofrimento diminua, mas para que ele te ensine a maneira como deves suportar tudo, segundo a vontade de Deus.

E comungando, orando ou fazendo outro exercício, não deves fazê-lo com o fim de te livrares de tua cruz. Teu fim deve ser o de alcançar a força de exaltares esta cruz, para maior glória do Crucificado.

E se não podes, devido à confusão em que tens a mente, meditar da maneira que te é costume, medita de qualquer modo, da melhor maneira que pudieses.

E, aquilo que não podes conseguir com a inteligência, esforça-te por conseguir com a vontade e com as palavras, falando contigo mesma e com o Senhor.

Logo verás os efeitos maravilhosos e teu coração tomará alento e força.

Poderás dizer assim:

“Quare tristis es anima mea et quare conturbas me? Spera in Deo, quoniam ádhuc confitebor illi, salutare vultus mei, et Deus meus. Ut quid, Domine, recessisti longe? Dispicias in opportunitate, in tribulatione, non me derelinquas usquequaque”.

Recordando-te daqueles ensinamentos que Deus ministrou a Sara, mulher de Tobias, no tempo da tribulação, serve-te, também tu, de suas palavras, dizendo:

“Hoc autem pro certo habet omnis qui te colit, quod vita ejus, si in probatione fuerit, coronabitur: si autem in tribulatione fuerit, liberabitur; et si in correptione fuerit, ad misericordiam tuam venire licebit. Non enim delectaris in perditionibus nostris: quia post tempestatem, tranquillum facis, et post

fundis. Sit nomen tuum, Deus Israel, benedictum in saecula". (Tob. - III).

Recordar-te-ás também de teu Cristo, que, no Horto e na Cruz, foi, na sua parte humana, abandonado pelo Pai. Suporta então, a tua cruz e diz de todo o teu coração:

"Fiat voluntas tua".

Se assim fizeres, tua paciência e tuas orações elevarão até Deus as chamas de teu sacrifício. E te tornarás verdadeiramente piedosa.

A verdadeira devoção, como já te expliquei, é uma viva e firme disposição da vontade, de seguir a Cristo, com a cruz às costas, por qualquer caminho que ele queira. A verdadeira devoção é querer a Deus por Deus e, às vezes, deixar o mesmo Deus pelo próprio Deus.

Se muitas pessoas, que se procuram exercitar no espírito, especialmente as mulheres, olhassem o proveito que tiram, não da devoção sensível, mas desta devoção verdadeira, não se deixariam enganar por si mesmas e pelo demônio, nem se lamentariam inutilmente, e também ingratamente, de um tamanho bem que lhes faz o Senhor. E cuidariam, com maior fervor, de servir a Divina Majestade, que tudo dispõe e permite, para glória sua e para nosso bem..

Quanto a este ponto também, muitas vezes as mulheres se enganam: guardam-se, com temor e prudência, das ocasiões de pecado, mas, se são molestadas por pensamentos máus, horríveis. mesmo, às vezes, por imagens brutíssimas, angustiam-se, perdem o animo e pensam que Deus as abandonou e que estão longe de Deus. Não se conseguem persuadir de que o espírito divino pode habitar em mentes onde se agitam tais pensamentos involuntários.

E ficam abatidas, quase se desesperam, e, deixando todo o exercício bom, querem voltar para o Egito.

Não comprehendem a graça que o Senhor lhes fez em permitir que elas sejam assaltadas por aquelas tentações. Nem percebem que o Senhor assim dispôs afim de que elas melhor se pudessem conhecer a si mesmas e devido à necessidade de auxílio, que, então, hão de sentir, recorressem a Ele.

E porisso, aqueles lamentos são uma ingratidão, pois dever-se-iam mostrar agradecidas perante a infinita bondade.

O que deves fazer; se isto te succeder algum dia, é procurar conhecer bem a tua inclinação perversa. Deus quer, para teu bem, que saibas que tuas tendências más estão sempre prontas a fa-

zer qualquer mal. E quer que saibas também, que, sem o seu socorro, logo cairás no abismo.

Tem portanto, muita confiança. Ele virá ajudar-te, far-te-á ver o perigo, livrarte-á, se orares e a Ele recorreres. Deves render-lhe muitas graças porisso.

Estas tentações, estes pensamentos máus, combatem-se melhor com uma tolerancia paciente e com um desprezo imediato, que com uma anciosa resistência.

---

## CAPÍTULO LX.

### DO EXAME DE CONCIÊNCIA

No exame de consciência, deves considerar três cousas: as faltas daquele dia, suas causas, e a diligência com que se as devem combater e com que se deve conquistar as virtudes contrárias.

A respeito das quedas, farás o que já te disse num capítulo a respeito deste assunto.

Quanto às ocasiões, cuidarás em fugir delas. Para isto e para adquirires as virtudes, fortificarás tua vontade com a confiança em Deus, com a oração, com muitos atos contra aquele vício e com muitos desejos ardentes da virtude contrária.

Não confies nas vitórias que lograste e nas boas obras que já fizeste.

Ao menos não deves conciderar muito estes atos virtuosos, devido ao grande perigo, quando menos, de qualquer vanglória ou soberba oculta.

Porisso, deixa tudo nas mãos miseri-

cordiosas de Deus, como se fossem de Deus aquelas obras, e volta teu pensamento para o muito que ainda resta a fazer.

Quanto à ação de graças pelos dons e favores que o Senhor te fez aquelle dia, reconhece-o como autor de todo o bem e agradece-Lhe de te ter Ele livrado de teus inimigos manifestos e occultos, de te ter dado pensamentos bons e ocasiões de virtude e por todos os benefícios que Ele, sem que o perceberas, te fez.

---

## CAPÍTULO LXI.

### **SOBRE A NECESSIDADE QUE TEMOS, DE COMBATER ATÉ A MORTE**

Uma das cousas muito necessárias neste combate é a perseverança. Devemos mortificar continuamente as nossas paixões, que nunca morrem, como hervas daninhas que sempre germinam de novo.

A batalha só acaba com a morte e assim não nos podemos nunca furtar à peleja. Quem não combate, será logo aprisionado ou morto.

Alem disso, nossos inimigos nos votam um ódio sem tréguas. Porisso não podemos esperar um instante de paz, pois mesmo os que se fazem seus amigos, eles cruelmente os trucidam.

Mas não te assustes com a sua força e o seu número, pois, nesta batalha, só é vencido quem o quer. Toda a força dos inimigos está nas mãos do nosso Capitão, por cuja honra combatemos.

**Ele não permitirá que a luta supere**

tuas forças, mas virá em teu auxílio e — mais pôderoso que todos os adversários — te dará a vitória, se combateres virilmente e confiares não em ti, mas em seu poder e bondade.

E se o Senhor tardasse a te conceder a vitória. nem porisso deverias desanimar. O seguinte pensamento te há de confortar: Todas as cousas que te molestarem, sejam quais forem elas e por mais que pareçam por em perigo tua vitória — todas elas se converterão em benefício e vantagem tua, se te mostrares uma fiel e generosa combatente.

Segue portanto, filha, o teu celeste Capitão, que, por teu amor, veio ao mundo e deu-se a uma morte ignominiosa. Sê diligente nesta grande batalha e cuida da total destruição de todos os teus inimigos. Um somente que deixasses vivo, seria como cisco nos olhos, como uma lança fincada no nosso corpo, que te impediria que alcançasses uma tão gloriosa vitória.

## CAPÍTULO LXII.

### **DÁ PREPARAÇÃO PARA UMA BÔA MORTE**

Embora nossa vida inteira seja uma contínua guerra, a principal batalha fere-se no momento de nossa passagem para a outra vida.

Se alguém cair nesta peleja final, não se levantará mais.

O que deves fazer, de molde a estar preparada para esta hora, é combater virilmente durante o tempo que te é concedido. Quem lutou bem, durante sua vida, facilmente; pelo hábito bom já adquirido, obterá vitórias na hora da morte.

Alem disto, deves pensar seriamente sobre a morte. Assim temê-la-ás menos, quando ela chegar, e a inteligência estará lúcida e pronta para a batalha.

Os homens do mundo fogem deste pensamento, para não interromperem o gozo das cousas terrenas. Estão volun-

tariamente apegados a elas e se afligiriam ao pensar que deveriam deixá-las algum dia.

E assim, em vez de diminuir, vai sempre crescendo o seu amor às cousas terrenas. Porisso lhes é de grande sofrimento separar-se desta vida e das cousas da terra. E mais sofrem, aqueles que mais, gozam delas.

Para melhor te preparares, poderás imaginar-te sozinha, sem auxílio de ninguém, à morte. Pensarás nas cousas que te poderão encomodar então: E depois, nos remédios necessários, sobre os quais já falarei.

Porque este combate, só se tem uma vez e é preciso cuidar muito em não cometer erros, que seriam irremediáveis.

## CAPÍTULO LXIII.

### **DA TENTAÇÃO CONTRA A FÉ, UMA DAS QUATRO ARMAS COM QUE NA HORA DA MORTE O INIMIGO NOS ASSALTA**

São quatro as principais e mais perigosas armas com que os inimigos investem contra nós, na hora da morte: a tentação contra a Fé, o desespero, a vanglória e a transfiguração do demônio em anjo de luz.

Quanto ao primeiro assalto, se o inimigo te começa a tentar com seus falsos argumentos, retira-te logo, da inteligência para a vontade, dizendo:

“Fora daqui, Satanaz, pai da mentira! Não te quero ouvir! Creio em tudo o que crê a santa Igreja Romana!”

E não te ponhas a pensar muito sobre a Fé, porque estes pensamentos, por bons que te pareçam, podem ter sido suscitados pelo demônio, para começar a luta.

Mas se não for possível afastar da mente estas considerações, cuida em não cederes a nenhum raciocínio, a nenhuma aparente autoridade da escritura, que o inimigo te alegue. Tudo o que ele disser estará errado, ou mal citado, ou mal interpretado, embora parecesse que aqueles raciocínios fossem claros e evidentes.

Se a astuta serpente te perguntasse que cousa crê a Igreja Romana, não respondas. Mas vendo as suas manhas, e como te quer confundir, faz um vivo ato de fé. Ou então, responde-lhe que a Santa Igreja Romana crê na verdade. E se o demônio retorquir:

— “E qual é esta verdade?”, poderás redarguir:

— “E’ aquilo em que ela crê”

Volta teu coração para o Crucificado, dizendo:

— Deus meu, Creador e Salvador meu, vem depressa me socorrer e não te afastes de mim, para que eu não me afaste da verdade de tua santa Fé Católica. Nasci nesta fé, por tua graça, e faz com que, por tua glória, nela eu termine esta vida mortal.

---

## CAPÍTULO LXIV.

### DO DESESPERO

Outra artimanha com que o perverso demônio nos procura abater, é assustar-nos com a lembrança de nossas culpas, para que caiamos em desespero.

Para obstares a este perigo, nota bem o seguinte: a lembrança de teus pecados vem da graça e são para teu bem, pois produzem em ti a humildade, o arrependimento, a confiança.

Mas quando te inquietam, te desanimam, e te pareçam verdadeiros, suficientes para que estejas condenada e não mais tenhas remissão, neste caso trata-se de uma tentação do demônio. Repele-a, humilha-te e confia em Deus. E assim, com a própria arma do inimigo o vencerás e darás glória a Deus.

Não há dúvida de que te deves arrepender, sempre que te vier à memória algum pecado teu. Mas deves pedir per-

dão ao Senhor, nunca perdendo a confiança nos méritos de sua Paixão.

Digo-te ainda, que, se te parecer que o próprio Deus te diz que não és de suas ovelhas, mesmo assim não debes perder a confiança nele. Responderás humildemente:

“Tens muita razão em me condenares por meus pecados, Senhor meu. Mas tenho muita confiança em tua piedade e talvez me hajas de perdoar. Porisso peço-te que salves esta mesquinha creatura tua, condenada pela sua própria malícia, mas redemida pelo Redentor meu, eu me quero salvar e, confiante em tua imensa misericórdia, entrego-me, toda inteira, em tuas mãos. Faz de mim o que te agradar, porque és o meu único Senhor. E mesmo se me ferisses de morte, ainda assim eu guardaria viva a esperança em ti”.

---

## CAPÍTULO LXV.

### DA VANGLÓRIA

O terceiro assalto é o da vanglória ou presunção.

Quanto a isto, não te deixes levar, de maneira nenhuma, à menor complacência sobre ti mesma ou sobre tuas obras.

A tua complacência deve ter como objeto somente o Senhor, sua misericórdia e as obras de sua Vida e Paixão.

Avilta-te, sempre mais, a teus olhos, como se fosses a última das criaturas, e reconhece a Deus como causa única de todo o bem que fizeste.

Pede seu auxílio, mas não o esperes por teus méritos, por numerosos que sejam, e por grandes que fossem as batalhas que venceste. E conserva sempre um santo temor, confessando com sinceridade que todos os teus recursos nada seriam, se Deus não te amparasse com a sua força.

Somente nesta força hás de confiar.

**Se seguires estes avisos, teus inimigos não poderão prevalecer contra ti. E assim abrirás o caminho, por onde trilharás, rumo à Jerusalem celeste.**

---

## CAPÍTULO LXVI.

### DAS ILUSÕES E FALSAS APARIÇÕES

Se o teu obstinado inimigo, que não larga nunca de te combater, te assaltasse com falsas aparições ou se transfigurasse em anjo de luz, firma-te bem no conhecimento de teu nada e diz-lhe corajosamente:

“Vai-te, infeliz, para as tuas trevas, porque eu não mereço visões e de nada preciso, a não ser da misericórdia do meu Jesús e da proteção de Maria, de São José e dos Santos!”

E se razões quase evidentes te dessem a crer que aquelas aparições provinham do céu, mesmo assim repele-as para longe de ti. Nem fiques com o temor de desagradar ao Senhor, com esta resistência, fundada em tua indignidade. Porque se é uma visão celeste, Deus saberá fazer com que o entendas por fim. Pois quem dá a graça aos homens, não a tira-

rá unicamente porque o homem faz atos de humildade.

Estas são as armas mais comuns, de que o inimigo se utiliza contra nós, neste último passo.

Vai pois exercitando tuas forças nos pontos que o inimigo provavelmente atacará.

Antes porem, que se aproxime a hora do grande combate, devemos combater e nos armarmos bem contra nossas paixões muito violentas e que mais domínio teem sobre nós, para facilitar a vitória naquela hora decisiva, em que se ferirá o último combate, de resultado fatal para toda a eternidade.

**ANEXO**

**COMBATE ESPIRITUAL**

---

*« Pugnabis contra eos  
usque ad internicionem »*  
( I Reg. XV, 18 ),

## CAPÍTULO I

### A PERFEIÇÃO CRISTÃ

Para que não te afadigues em vão nos exercícios espirituais, como a muitos tem acontecido, e para que não te ponhas a andar, sem saber a rota que deves seguir, é preciso que procures, antes de tudo, entender que ousa seja a perfeição cristã.

A perfeição cristã nada é senão a perfeita observancia dos preceitos de Deus e de sua lei, com o fim de o agradar, andando sempre para a frente, sem se voltar para um lado ou para outro. Et hoc est omnis homo.

Quem se quer tornar perfeito, deve ter um cuidado contínuo de formar hábitos bons, esquecendo-se a si mesmo, desprezando a vontade própria, e acostumando-se a tudo fazer, movido unicamente pela vontade de Deus e somente com o fim de lhe agradar e honrar.

---

## CAPÍTULO II.

### **DA NECESSIDADE DE LUTAR, PARA SE CONSEGUIR A PERFEIÇÃO**

Já dissemos, em poucas palavras, o muito que pretendemos. Trata-se agora de por tudo em prática. Hoc opus, hic labor est.

Vivem em nossa alma os efeitos do pecado de nossos primeiros pais e os nossos máus hábitos. Porisso formou-se dentro de nós, uma lei contrária à lei de Deus.

Precisamos então, combater contra nós mesmos e contra o mundo e o demônio, que nos movem contínua guerra.

---

## CAPÍTULO III.

### **DE TRÊS COUSAS NECESSÁRIAS AO NOVO SOLDADO DE CRISTO**

Quando se declarar a guerra, novel soldado de Cristo, de três cousas terás necessidade: de ter coragem, de possuir armas e de saber manejá-las.

A coragem para a luta te crescerá na alma se considerares muitas vezes esta verdade: *Militia est vita hominis super terram*. E nunca te esqueças de que, nesta guerra, quem não luta com ardor, perece, e para sempre.

Terás grandeza de alma se sempre desconfiares de ti mesma, confiando em Deus, e se jamais duvidares de que ele, dentro de tua alma, está sempre pronto a te ajudar na luta.

Deves ter por certo que vencerás, sempre que, assaltada pelos inimigos, desconfiares de tuas próprias forças e recorreres, com confiança, ao poder, à sabedoria, à bondade de Deus.

As armas são: resistência e violência.

---

## CAPÍTULO IV.

### **- DA RESISTÊNCIA, DA VIOLÊNCIA E DO MODO DE USA-LAS**

A resistência e a violência, se bem que sejam armas pesadas e dificultosas, nos são necessárias e nos ajudarão a conquistar a vitória.

O modo de nos utilizarmos delas, é o seguinte:

Quando tua vontade corrompida e teus hábitos máus te tentarem de não atenderes às ordens divinas, resistirás dizendo:

“Não! Eu quero obedecer a Deus”.

Empregarás a mesma resistência, quando teus hábitos máus e tua vontade corrompida porfiarem por te aliciar. Dirás então:

“Não, não! Com a graça do Senhor, quero cumprir sempre a sua vontade. Ah, Deus meu! Vem depressa me socorrer para que meus velhos hábitos corrompidos não sufocem, quando chegar

a ocasião dos atos, este desejo que agora tenho, por tua graça, de fazer sempre a vontade divina”.

E se este esforço te custar, se sentires tua vontade fraca, debes fazer-te toda espécie de violência, recordando-te de que o reino dos céus padece violência, e de que sómente o conquistam, aqueles que são violentos consigo mesmo e com suas paixões.

E se a violência for tanta que se te angústia o coração, pensa em Cristo no Horto, compara tuas angústias com as suas, e pede-lhe que, em virtude das penas que seu coração padeceu, te dê a vitória sobre ti mesma, afim de que possas dizer, de coração, ao Pai celeste: “Non sicut ego volo, sed sicut tu, Fiat voluntas tua”:

Dobrarás muitas vezes a tua vontade à de Deus, querendo somente como ele queria que quisesses e esforçando-te por fazer todas as tuas ações com grande vontade e pureza, como se nisto consistisse toda a perfeição e somente isto agradasse e honrasse a Deus.

Após um primeiro, farás um segundo ato assim; depois, um terceiro, um quarto e muitos outros.

Alem disto, recordando-te de tuas faltas, arrepende-te e cria maior vigor

de alma para obedecer a Deus em todas as tuas ações.

Para que não percas ocasião nenhuma, por pequena que seja, de obedecer a Deus, lembra-te de que se fores, nas cousas pequenas, obediente ao Senhor, ele te dará novas graças para que, também nas grandes, possas obedecer.

E sempre que te vier à mente, a lembrança de algum preceito divino, primeiro adora a Deus e depois pede-lhe que te auxilie, quando for mister, para que lhe obedeças sempre.

## CAPÍTULO V.

### DO EXAME DAS PRÓPRIAS FORÇAS

É preciso que tenhas todo o cuidado em conhecer bem que paixão consegue enganar mais facilmente a tua vontade.

A vontade do homem nunca anda separada de alguma paixão. E porisso, a vontade ora ama, ora odeia, ou deseja, ou foge, ou se alegra, ou se entristece, ou espera, ou desespera, ou teme, ou se entusiasma, ou se enraivece.

Se vês que ela se move, não segundo Deus quer, mas segundo os impulsos de teu amor próprio, esforça-te por livrá-la do amor próprio e enchê-la do amor a Deus e à observancia de seus preceitos e de sua lei.

E isto, não somente com respeito às paixões que levam ao pecado mortal, mas também com relação àquelas que fazem cair em pecados veniais. Pois estas, se bem que apenas vagarosamente

levem ao pecado, fazem contudo, a alma adoecer; e, se são voluntárias, deixam a alma sem virtude; se são involuntárias, põe-na em perigo de cair em pecado mortal.

---

## CAPÍTULO VI.

### DO AMOR

Afim de que, com método, libertes tua vontade das paixões desordenadas, necessário se faz que te esforces por vencer a mais perigosa de todas: o amor.

Regrando o amor, porás ordem em todos os teus instintos, pois todos eles nascem do amor e nele teem a sua raiz e a sua vida.

Claramente veremos como isto é verdade, prestando atenção no que já direi.

Só se deseja aquilo que se ama, e só nisto o homem se deleita. Odiamos, repelimos e nos entristecemos com tudo o que ofende a causa amada. E em nada esperamos, senão naquilo que amamos.

E nos desesperamos, quando parecem ser insuperáveis as dificuldades para conseguir a cousa amada. E só se teme, só se arrosta ou se despreza aquilo que é contrário ou ofende a cousa amada.

O modo de vencer e pôr regras ao amor, é considerar, na cousa que se ama,

suas qualidades, e o fim que se tem em vista com este amor.

Se notares que estás apegada à cousa, em virtude de sua beleza, de sua bondade, de sua utilidade e que te move um desejo de te deleitares, dirás, muitas vezes, a ti mesma:

“Que maior beleza e bondade existe, que Deus — única fonte de todo o bem e de toda a perfeição? E que cousa me pode ser mais util, ou mais me poderá deleitar, que amar a Deus? Pois o homem, amando a Deus e somente nele se deleitando, transforma-se em Deus”.

O coração do homem é inteiramente de Deus, que o creou, que o remiu, e que, a cada dia, com novos benefícios, pede ao homem: “Fili, praebe mihi cor tuum”.

E assim, pertencendo somente a Deus o nosso coração e sendo muito pouco contentar-se somente com obedecer às ordens divinas, devemos ter muito cuidado em nada amar senão a Deus e as cousas que a Deus agradam, e sempre, com a moderação e modo que Deus quer.

Se regrarmos os nossos sentimentos de amor e de ódio, teremos construído já, a base do edifício espiritual. Porisso devemos cuidar também da paixão do ódio, para que nada odiemos, senão o pecado e quanto leva ao pecado.

---

---

## CAPÍTULO VII.

### DA VONTADE

Nossa vontade é muito fraca para resistir e vencer, sozinha, as paixões, e para as submeter a Deus e à sua obediência. Disto, a experiência nos dá prova palpável. Embora a vontade se proponha mortificar-se, quando porem, a ocasião chega, e se levantam as paixões, esvaece-se o propósito e a vontade cede.

Porisso, muito importa que a socorramos, nas ocasiões necessárias. E' preciso porem, que o façamos a tempo.

Assim, tomando força contra si mesma, a vontade se vencerá e libertar-se-á do jugo das paixões, dando-se, toda inteira, a Deus e entregando-se à vontade divina.

---

## CAPÍTULO VIII.

### DA FORÇA QUE A VONTADE AD- QUIRE, QUANDO DESPREZA O MUNDO

As nossas paixões são insufladas pelas cousas do mundo, pelas grandezas, riquezas e deleites terrenos.

Porisso, desprezando o mundo, a vontade do homem pode respirar e dedicar-se a outros objetivos, já que nunca poderá deixar de amar alguma coisa e deleitar-se em algo.

Para desprezarmos o mundo, havemos de considerar profundamente, que cousa são suas grandezas, suas belezas e suas promessas.

Para não errarmos neste exame e para que não nos deixemos cegar por alguma paixão, lembrar-nos-emos, nestas nossas considerações, daquela frase do sapientíssimo Salomão, que conhecia muito bem todas as grandezas e ale-

grias terrenas: “Vanitas vanitatum, et omnia vanitas, et afflictio `spiritus”.

Todos os dias estamos tendo provas desta verdade. Por mais que o coração humano consiga o que desejava, jamais se dá por satisfeito. Ao contrário, cresce, sempre mais, sua fome de prazer.

A razão disto é a seguinte: aquele coração quer alimentar-se com as cousas do mundo, isto é, com sombras, com sonhos, com vaidades, com mentiras: e nada disto nutre.

As promessas do mundo são todas falsas e cheias de enganos. O mundo promete uma cousa por outra. Promete felicidade e dá inquietação. Promete e falta à palavra, muitas vezes. Dá, depois toma. E como não toma logo, mais aflige a estes apaixonados, que collocaram na lama os desejos de seus corações.

A estes poder-se-ia dizer: “Fili hominum, usquequo gravi corde? Ut qui diligitis vanitatem et quaeritis mendacium?”

Concedamos porem, sob algum ponto de vista, que os bens aparentes deste mundo, sejam verdadeiros bens. Mas, que diremos da velocidade com que passa a vida do homem? Onde está a felicidade, onde as grandezas, as glórias

dos príncipes, dos reis e dos imperadores? Não existem mais.

Se o mundo te chama e tu o procuras ou, digamos assim, se estás crucificada a ele, e ele a ti, o modo de o repelires será a meditação sobre suas vaidades e mentiras. Depois, esforça-te por mover tua vontade contra o apego ao mundo.

Assim, livre da paixão, facilmente desprezarás o mundo.

E a qualquer creatura, à qual te sentires inclinada ou que se sentir inclinada para contigo, dirás.

“É's creatura? afasta-te, afasta-te de mim, não quero o teu afeto, porque, nas creaturas, não procuro o corporal, mas o espiritual, o Creador.

Quero e desejo amar, não a ti, mas Àquele que me faz agir retamente e me infunde as virtudes”.

---

## CAPÍTULO IX.

### **DO SEGUNDO MODO DE AUXILIAR A VONTADE**

O segundo modo de auxiliar a vontade humana, consiste em repelir o príncipe das trevas, por ser o culpado de todos os movimentos desordenados de nossas paixões.

Cada vez que vencermos nossas concupiscências, estaremos vencendo e expulsando de nossa alma este príncipe das trevas.

Porisso, se queres que o demônio fuja de ti, resiste às tuas paixões. Esta é a resistência a que S. Tiago nos incita.

Às vezes, o demônio nos assalta e de tal modo acende nossa concupiscência e nossas paixões, que nos parece que somos forçados a ceder.

Mas é um engano. Resiste e tem por certo que Deus está contigo e não permitirá que a luta seja desproporcionada às tuas forças.

Insisto: resiste e vencerás, se perseverares na luta.

Esta perseverança é necessária porque não basta resistir uma, duas ou três vezes. Importa que o faças toda vez que o inimigo der o assalto.

E' costume do demônio tentar amanhã aquele que, hoje, ele não pode vencer; e na semana seguinte, aquele que, na semana passada, ele não conseguiu aliciar

E ele vai, assim, investindo, de tempos a tempos, ora com fúria, ora com destreza, até que venha a vencer.

Porisso precisamos ser constantes e ter sempre as armas nas mãos. Jamais descansemos, por mais vitórias que tenhamos alcançado. A vida do homem é uma guerra contínua e a vitória que importa, não é a de hoje ou a de amanhã, mas a do fim.

Se sofres com o esforço que fazes, lembra-te de que muito mais sofre o demônio, com esta tua resistência.

Podes então, consolar-te, dizendo:

“Pois sofre, demônio infernal! Mas como a tua dor é iníqua, e a minha é devida ao meu desejo de não ofender ao Senhor, tua pena será eterna, enquanto que a minha, por graça de Deus, se transformará numa paz eterna”.

---

## CAPÍTULO X.

### DAS TENTAÇÕES DE SOBERBA ESPIRITUAL

No capítulo precedente te falei das tentações que o demônio costuma excitar em nós, lembrando-nos as grandezas, riquezas e deleites do mundo.

Agora falo-te da soberba espiritual, da complascência, da vanglória. E esta tentação é muito perigosa, porque costuma se mascarar, para, com este ardis, nos levar ao pecado.

Oh, quantos soldados generosos, quantos grandes servos de Deus, após muitos anos de vitórias, foram prostrados por esta soberba e se transformaram em servos de Satanaz!

Devemos ter sempre presente o perigo desta armadilha do demônio, e fazer obras boas sempre com medo de que de fato não sejam boas, devido a qualquer oculto verme de amor próprio

e de soberba — defeitos que Deus sempre odeia.

Humilha-te portanto, em tuas boas ações e cuida de as fazer sempre melhor, como se, até então, nada de bom tiveses realizado.

E se te parecesse (opinião porem, que não debes ter), que já fizeste' tudo, deverias, com todo o coração, dizer: "Servus inutilis sum".

Recorre muitas vezes a Cristo, para que Ele te livre de toda a soberba e te ensine e ajude a seres humilde de coração.

Recorre também, muitas vezes a, humilíssima Mãe de Deus, pedindo-lhe te conceda a verdadeira humildade, que é o fundamento das virtudes e que proteja sempre a tua humildade, para que não pereça, mas sempre cresça e mais se revigore.

Não é preciso insistir mais sobre este ponto, porque já falamos longamente sobre a humildade, no "O Combate Espiritual"

---

---

## CAPÍTULO XI.

### DO TERCEIRO AUXÍLIO A NOSSA VONTADE

O terceiro auxílio com que viremos muitas vezes, em socorro de nossa vontade, será a oração.

Sempre que te sentires tentada, recorre a Deus dizendo: "Deus in adiutorium meum intende; Domine ad adjuvandum me festina".

Tua luta deve ser acompanhada da oração e do constante sentimento da presença de Deus. E não te esquecerás nunca da desconfiança de ti própria e da confiança em Deus.

Se fizeres assim, tem por certo a vitória.

Que coisa haverá, que a oração não vença? Que coisa haverá que não seja derrotada pela resistência, se esta vier acompanhada de desconfiança de ti mesma e de confiança em Deus.

E como pode ser vencido quem vive na presença de Deus, e tem sempre o desejo de lhe agradar?

## CAPÍTULO XII.

### DO HÁBITO DA PRESENÇA DE DEUS

Para adquirir o hábito de sempre ter Deus presente em teus atos, deves imaginar, muitas vezes, que Deus está escondido junto de ti, contemplando todas as tuas obras e pensamentos.

Imagina que as creaturas são como que portões por onde Deus te contempla e te diz: "Petite et accipietis. Omnis enim qui petit, accipit et pulsanti aperietur".

As creaturas poderão lembrar-te ainda à presença de Deus, se, desprezando o corpo, pensares em Deus, que subministra às creaturas o ser, o movimento e a virtude de agir.

Quando, durante a luta ou durante algum trabalho, quiseses orar, apresenta-te a Deus de uma das maneiras acima expostas, e pede-lhe então, auxílio e socorro.

Se fizeres com que a presença de Deus te seja familiar, alcançarás vitórias e

tesouros infinitos. E conseguirás guardar-te de movimentos, de pensamentos, de palavras e de obras que não conveem à presença de Deus e à vida de seu Filho.

A própria presença de Deus te infundirá a virtude necessária para que possas viver na sua presença.

Se um corpo sofre a influência dos agentes naturais, de virtude limitada e finita, que se dirá da presença de Deus, que é de virtude infinita e extremamente comunicavel?

Alem da oração "Deus in adjutorium meum intende", que é útil para todas as necessidades, poderás ainda rezar assim: "Benedictus es, Dómine: doce me face justificationes tuas. Deduc me, Domine, in semitam mandatorum tuorum. Utinam dirigantur viae meae ad constituendas justificationes tuas".

E para pedir a Deus quanto se lhe pode pedir, e quanto lhe agrada que lho peças, usarás da oração dominical, que deves recitar com toda a atenção e afeto.

---

## CAPÍTULO XIII.

### ALGUNS AVISOS A RESPEITO DA ORAÇÃO

**Primeiro:** as orações (não falo das meditações, de que trataremos adiante) devem ser breves como já dissemos, mas frequentes. Devem estar cheias do desejo de que Deus te socorra e acompanhadas de uma grande esperança e confiança no auxílio do Senhor, o qual te há certamente de acudir, não a teu modo e quando o queres, mas de maneira melhor e em mais oportuna ocasião.

**Segundo:** é bom que tuas preces sejam sempre acompanhadas, ora atualmente, ora virtualmente, de algumas destas pequeninas cláusulas: "Por tua bondade". "Segundo tuas promessas". "Para honra tua". "Em nome de teu amado Filho". "Em virtude de tua Paixão". "Em nome de Maria Virgem, Filha, Esposa e Mãe tua".

**Terceiro:** acrescentar jaculatórias às

orações. Como, por exemplo, as seguintes: “Concede-me, Senhor, o teu amor, em nome de teu dileto Filho”. “Quando possuirei o teu amor, meu Deus? quando?”

Poderás fazê-lo, após cada uma das orações dominicais, ou então, quando as tiveres terminado todas. Poderás dizer: “Pater Noster qui 'és in Coelis, sanctificetur nomen tuum. Mas quando, ó Pai Celeste, teu nome será conhecido, honrado e glorificado em todo o mundo? quando, Deus meu? quando?”

**Quarto:** ao pedires virtudes e graças, bom será que consideres muitas vezes o valor das virtudes, a necessidade que delas tens, a grandeza de Deus e sua bondade. Pensa também nos méritos que não possues, para obter a graça que desejas. Assim, pedirás com mais afeto, com mais desejo e com mais reverência, confiança e humildade. Finalmente, debes considerar o fim que tens em mira com o teu pedido. Este fim deve ser unicamente o agrado e a honra de Deus.

---

## CAPÍTULO XIV.

### DE OUTRO MODO DE ORAR

Pode-se ainda rezar, e de um modo perfeitíssimo, ficando na presença de Deus, sem nada dizer, enviando-lhe, de tempos a tempos, os suspiros do nosso amor, e voltando-lhe os nossos olhos, e o nosso coração desejoso de agradá-lo, ou fazendo um breve e ardente desejo de que o Senhor nos auxilie a que O amemos, O honremos e O sirvamos.

Ou então, com um desejo de que o Senhor te conceda a graça pedida nas orações precedentes.

---

## CAPÍTULO XV.

### QUARTO MODO DE AUXILIAR A VONTADE

O quarto auxílio de nossa vontade é o amor divino. Este amor socorre e fortifica de tal modo a vontade, que ela tudo pode então, e vence qualquer tentação ou apetite pecaminoso.

Somente a oração nos faz progredir no amor divino. E' pedir-lo muitas vezes a Deus. E' meditar sobre os pontos que com a graça de Deus acendam o amor divino no coração dos homens.

Estes pontos são:

Quem é Deus. Qual e quão grande é o poder, a sabedoria, a bondade e a beleza de Deus. Quanto Deus fez pelo homem e quanto não o faria ainda, se preciso fosse. Que cousa Deus faz, cada dia, pelo homem. Que cousa dará ao homem, na outra vida, se enquanto está na terra, o homem obedecer aos seus preceitos, com pureza de intenção e com o fim de agradá-lo.

---

## CAPÍTULO XVI.

### DA MEDITAÇÃO SOBRE O SER DIVINO

Que cousa seja Deus. Ele, que se conhece perfeitamente a si mesmo, assim falou: "Ego sum qui sum".

Este predicado é tamanho, que a nenhuma outra creatura compete: não aos príncipes, nem aos reis ou imperadores, nem aos anjos, nem a todo o universo junto. Todas as cousas teem o ser dependente de Deus. De si mesmas, não passam de nada.

Vemos logo, como é vão o homem que põe nas creaturas tqdo o seu coração. em vez de as amar como Deus quer e em vez de contemplar, nelas, o Senhor.

E' vão porque ama as vaidades. E' vão, porque intenta saciar-se em coisas que, de si mesmas, não existem. E' vão,

porque afadiga-se por possuir cousas que matam a alma.

Se portanto, deves amar, se tens íntima necessidade de amar, ama a Deus que enche e sacia o coração.

---

## CAPÍTULO XVII.

### DA MEDITAÇÃO SOBRE O PODER DE DEUS

As forças deste mundo, quer isoladas, quer reunidas, se quiserem edificar, não um reino, não uma cidade, mas somente um palácio, precisam de materiais, de operários e de grande prazo de tempo.

E depois, apesar de tudo isto, o edifício não sai de acordo com os seus desejos.

Mas o poder de Deus creou do nada, num instante, todas as cousas do universo: e com a mesma facilidade, podia crear uma infinidade de outros universos, destruí-los, reduzi-los ao nada.

Quanto mais profundamente se meditar este ponto, tanto mais nos havemos de admirar e mais crescerá o nosso amor por um Deus tão poderoso.

---

## CAPÍTULO XVIII.

### DA MEDITAÇÃO SOBRE A SABEDORIA DE DEUS

Ninguém poderá compreender quão grande e inexcrutável é a sabedoria de Deus.

Para que tenhas alguma idéia desta sabedoria, volve teus olhos à amplidão do azul, à beleza da terra e de todo o universo: verás quanta é a incompreensível sabedoria do divino arquiteto.

Repara na vida dos homens e nas diversas e várias ocorrências: a sabedoria de Deus rege os acontecimentos, embora eles aparentem falta de ordem.

Medita nos mistérios da Redenção. Verás quanta sabedoria. “O altitudo divitiarum sapientiae et scientiae Dei! quam incomprehensibilia sunt iudicia eius!”

---

## CAPÍTULO XIX.

### DA MEDITAÇÃO SOBRE A BONDADÊ DE DEÛS

A bondade de Deus é como todas às suas outras perfeições, incompreensivel em si mesma. Mas, pelo que, de fora, podemos ver, ela se mostra tal e tanta, que não há cousa no mundo, que Lhe não documente a grandeza.

A criação mostra a bondade divina. A conservação e o governo do mundo mostram a bondade divina. A redenção, do mesmo modo, nos patenteia a inefavel e infinita bondade de Deus, que nos deu o seu próprio Filho e quotidianamente no-lo dá no Sacramento do Altar.

---

## CAPÍTULO XX.

### DA MEDITAÇÃO SOBRE A BELEZA DE DEUS

Sobre a beleza de Deus bastar-nos-á saber que é tal e tanta, que, o próprio Deus, contemplando-se a si mesmo desde toda a eternidade, sem olhar para nenhuma outra cousa, foi sempre, de acordo com sua capacidade infinita, incompreensivelmente feliz.

O' homem, atende para a dignidade, a que te chama a bondade de Deus, e não sejas tão duro de coração. Ama a Deus e não as vaidades do mundo.

Deus quer que ames o seu poder, a sua sabedoria, bondade, beleza e quer que almejes entrar no seu gáudio. E te fazes surdo?

Pensa, pensa sobre tua vida, para que não venhas a te arrepender no dia em que não há mais perdão,

---

## CAPÍTULO XXI.

### O QUE DEUS FEZ PELO HOMEM

Aquilo que Deus fez ao homem e pelo homem, pode-se ver, meditando sobre a criação e a redenção.

1.º E o animo com que tudo realizou, superou o infinito.

2.º O preço do resgate foi infinito. E maior ainda, foi o animo com que nos remiu. Mais sofreria e mais vezes morreria, se preciso fosse.

3.º Se portanto, Lhe devemos ser gratos, porquê nos remiu, que gratidão Lhe deveremos dedicar pelo amor que, então, manifestou por ti — amor que supera o próprio ato da Redenção?

---

## CAPÍTULO XXII.

### O QUE DEUS FAZ DIARIAMENTE PELO HOMEM

Não passa dia, não passa momento em que o homem não receba de Deus novos benefícios.

A cada dia e a cada momento, Deus está, como que criando o homem, isto é, conservando-lhe o ser. A cada momento o está servindo, por intermédio de suas criaturas, do céu, do ar, da terra, do mar.

Dá-lhe sempre a sua graça, afastando-o do mal, chamando-o ao bem, guardando-o do pecado. E chama o homem à penitência, espera e, se o homem atende, logo o perdôa, pois Deus tem um desejo de perdoar, maior do que o desejo do pecador, de ser perdoado.

E todo o dia, Deus envia aos homens o seu Filho, com todas as riquezas dos mistérios da Cruz e deixa-o sempre presente no Sacramento do Altar.

---

## CAPÍTULO XXIII.

### DA PACIÊNCIA DE DEUS PARA COM OS PECADORES

Para que consideres quanta é a bondade de Deus, em suportar o pecador, considera que Deus ama indizivelmente a virtude e portanto, odêia o vício infinitamente.

Que misericórdia então, Deus não nos patenteia, suportando o pecador que, perante os olhos pa pureza e majestade divina, comete seus crimes, não uma, duas, ou três vezes, mas muitas.

O pecador poderia dizer assim:

“Bem me lembro, Senhor meu, de quando eu pecava, Tu me dizias, em meu coração: veremos quem de nós dois vencerá; ou tu, em me ofender; ou Eu, em te perdoar”.

Este ponto, bem meditado, levará o pecador, com a graça de Deus, a se converter.

Se não o fizer, muito deverá temer os altos e inexcrutáveis juízos de Deus, que, às vezes, se vingam com golpes terríveis, que não demoram e que não teem mais remédio.

---

## CAPÍTULO XXIV.

### **SOBRE OS DONS QUE DEUS NOS DARÁ NO CÉU**

São tais e tantos os favores que se recebem de Deus na Pátria Celeste, que não se podem imaginar nem mesmo de-sejar convenientemente.

Quem jamais entenderá o que seja sentar-se à mesa de Deus? O ser servido por este mesmo Deus e alimentado com as suas beatitudes?

Quem imaginará que cousa seja o ingresso da alma no gáudio de seu Senhor?

E quem compreenderá o amor que Deus mostra, de que Deus dá prova, para com os que habitam o céu? Deste amor, S. Tomaz fala no opúsculo 63: "Deus omnipotens singulis Angelis sanctisque animabus in tantum se subjicit, quasi sit servus emptitius singulorum: quilibet veró ipsorum sit Deus suus?"

O' Senhor, ó Senhor, quem se põe a

considerar os teus benefícios, te vê tão inebriado de amor, que parece que tua felicidade consiste em amar as creaturas, em fazer-lhes bem e alimentá-las de Ti mesmo.

O' Senhor, ilumina nossas almas, para que percebamos bem o vosso amor, afim de que te amemos e, amando-Te, nos transformemos em Ti mesmo, por uma união amorosa.

O' coração humano, que cousa buscas? as sobras? o vento? o nada? desprezando Aquele que é tudo? que é a Onipotência? que é a suma Sabedoria? que é a inefavel Bondade a Beleza increada, o Sumo bem e o Pélago infinito de todas as perfeições?

E este Deus te procura, te chama com novos benefícios relembrando-te os antigos favores concedidos.

Sabes donde provem esta inaudita insensibilidade?

Da tua tibieza. Não rezas. Não meditas. E, sem luz e sem calor, não é maravilha que te atraiam as obra das trevas.

Entra, ó alma, ó religioso túbio, entra na escola da meditação e da oração. Ali aprenderás que o verdadeiro estudo do cristão e do religioso é acostumar-se a renegar a vontade própria, para cum-

prir somente a de Deus; e odiar a si mesmo, para amar somente a Deus.

Sem este, todos os outros estudos, todas as outras ciências, nada são a não ser lenha de presunção e soberba. E, quanto mais iluminam a inteligência, mais cegam a vontade, arruinando a alma que adquiriu a ciência.

---

## CAPÍTULO XXV.

### QUINTO AUXÍLIO A VONTADE HUMANA

O ódio a nós mesmos é também um modo de auxiliar a nossa vontade. E' necessário que tenhamos este ódio, pois, sem ele, não mais nos há de socorrer o Amor Divino, autor de todo o bem.

Para adquirir este ódio, primeiramente, peçamo-lo a Deus. Em seguida, meditemos sobre os danos que o amor próprio fez e ainda hoje faz aos homens.

Não houve pecado, nem no céu, nem na terra, que não proviesse do amor próprio.

Este amor tem tanta malícia que, se pudesse entrar no céu, logo a Jerusalem celeste se transformaria em uma Babilônia. Considera então, que mal este vício não faz num peito humano, durante sua vida terrena.

Se tirarmos do mundo o amor próprio, o inferno se fechará.

E quem haverá, tão inimigo de si mesmo, que, meditando sobre o ser, as qualidades e os efeitos do amor próprio, não se indigne contra este vício, e o odêie?

---

## CAPÍTULO XXVI.

### COMO SE CONHECE O AMOR PRÓPRIO

Para que saibas quão grande é o amor próprio que te tens, examina tua alma. Perceberás então, as paixões com que mais se ocupa a tua vontade. (Pois não encontrarás nunca a tua vontade sem paixões).

Se ela ama ou deseja, ou está alegre ou triste, considera então, se a coisa amada ou desejada é virtude, e se teu amor está conforme aos preceitos divinos; ou se te alegras ou te entristeces com cousas que a vontade divina quer que te entristeçam ou alegrem; ou então, se a causa de todos estes sentimentos é o mundo e o apego às creaturas, por lidarmos com as cousas do mundo desnecessariamente, e não quanto era suficiente, nem como Deus quer.

Se assim acontece, claro é que o a-

mor próprio reina na tua vontade e é o seu motor em tudo.

Mas se vemos que a vontade se occupa de cousas que dizem respeito às virtudes e que são da vontade divina, então devemos considerar ainda um ponto: se é a vontade de Deus que move nossa vontade ou se são nossas complacências e caprichos, que o fazem.

Porque acontece muitas vezes que alguém, movido por não sei que capricho ou complacência, se dê a obras boas, como, por exemplo, às orações, jejuns, comunhões e outras obras santas.

Podemos nos examinar neste ponto, de duas maneiras:

A primeira será reparar se nos damos, nas diversas ocasiões que se apresentam, a todas as boas obras, indifferentemente. A segunda maneira será considerar se nos alegramos se tudo corre como queremos, e nos inquietamos e lamentamos se sobrevem algum impedimento.

Se virmos que é Deus o motivo de nossos atos, ainda devemos examinar qual o fim com que os fazemos. Se este for somente o agrado divino, tudo está bem.

Mas nunca poderemos garantir que tudo fazemos para agradar a Deus. O

amor próprio é muito subtil e se insinuava até nos atos de virtude.

Quando se manifesta esta fera do amor próprio, devemos perseguí-la, com ódio, não somente nas cousas grandes, mas também nas pequeninas, até matá-la.

Sempre se deve suspeitar das cousas occultas. Porisso humilha-te, bate ao teu peito, após uma obra bôa, pedindo a Deus que te guarde do amor próprio e, caso o tenhas, te perdôe.

Será bom que te dirijas ao Senhor, de manhã, e faças mentalmente o propósito de não ofendê-lo mais, especialmente naquele dia, mas de fazer sempre a sua vontade, e com o fim de lhe agradecer.

Pedirás porisso, muitas vezes, a Deus, que te socorra sempre e te proteja, afim de que conheças e faças somente o que Lhe agrada e da maneira que Lhe agrada.

---

## CAPÍTULO XXVII.

### DO SEXTO AUXÍLIO A NOSSA VONTADE

Este sexto auxílio é o ouvir a Missa, comungar e confessar-se.

- Pois com isto recebemos graças e a graça de Deus é o principal sustentáculo de nossa vontade.

Para que, ouvindo a Missa, a graça cresça em ti, acompanharás o celebrante nas três partes da Missa:

Na primeira, do Introito ao Ofertório, excitarás em ti um grande desejo de que, assim como o Filho de Deus veio à terra para acendê-la no fogo de seu amor, assim também se digne de nascer com suas virtudes, no teu coração. *ut ardeat*, de modo a não pensares em nada, senão em agradar-lhe, na terra e sempre.

Enquanto o sacerdote reza, deves também, com ardente desejo, pedir as mes-

mas graças, as quais tanta falta te fazem.

Quando começarem a Epístola e o Evangelho, pede mentalmente a Deus que te dê inteligência e virtude, para que entendas o sentido daquelas palavras e lhas obedeças.

Na segunda parte da Missa, isto é, do Ofertório à Comunhão, esquece-te das creaturas, desapega-te delas completamente e oferece-te a Deus, pondo-te inteiramente ao dispôr de sua santíssima vontade.

Na Elevação adora o Corpo e Sangue de Cristo, verdadeiramente presente com toda a sua Divindade.

Contempla-o na sua humilhação que Ele quis sofrer, revestindo-se com accidentes de pão e de vinho e rende-lhe amorosas graças por este benefício. Agradece-Lhe sua bondade de vir a nós todos os dias trazendo-nos os frutos preciosos de sua Cruz. Oferece-os, então, ao Pai celeste, com a mesma oferta e com os mesmos fins com que o Crucificado ofereceu ao Pai os frutos de sua Paixão.

Depois, quando o sacerdote comungar sacramentalmente, debes comungar espiritualmente, abrindo-lhe o teu coração, fechando-o às creaturas, afim de

que o Senhor acenda aí o fogo do seu amor.

Na terceira e última parte da Missa, pede com o Sacerdote, (ele, com a língua; tu, com a mente) tudo quanto pedem as orações litúrgicas de depois da Comunhão.

---

## CAPÍTULO XXVIII.

### DA COMUNHÃO SACRAMENTAL

Para que a Comunhão nos faça crescer em graça, é preciso que tenhamos ótimas disposições.

De nós mesmos porem, nunca as poderemos ter. Porisso devemos dizer, com grande afeto de coração:

“Conscientias nostras quaesumus, Domine, visitando purifica, ut veniens Jesus Christus, Filius tuus, Dominus noster, cum omnibus Sanctis, paratam sibi in nobis inveniat mansionem. Qui tecum, etc...”

Mas para que façamos tambem alguma cousa de nossa parte, devemos nos esforçar por adquirir boas disposições, meditando sobre o fim pelo qual Jesus Cristo instituiu o Santíssimo Sacramento do Altar.

Lembremo-nos de que Jesus sofreu tantos horrores na cruz, unicamente para que nos recordássemos sempre do seu

amor. Pensemos então, no fim que Ele tinha em mente, ao instituir a Eucaristia: foi que o amássemos e obedecêssemos.

Porisso uma ótima preparação para a Comunhão, será excitarmos em nós um vivo desejo de amá-lo e obedecê-lo e nos arrependermos de, no passado, não o termos amado sempre, pois o ofendemos muitas vezes.

Quando se estiver aproximando a hora da Comunhão, aviva em ti a fé na verdadeira presença, sob os acidentes de pão, do Cordeiro que tira os pecados. Adora-o profundamente depois, e pede-lhe que perdôe teus pecados, mesmo os ocultos. Recebe-o então, com a esperança de que Ele fará com que cresça, em teu coração, o amor divino.

Quando já o tiveres recebido, pede-lhe muitas vezes o seu amor e, porque lhe agrada, solicita-lhe também tudo quanto te faz falta.

Oferece-O depois, ao Pai Celeste, pelas necessidades dos vivos e mortos e em louvor da imensa caridade, de que te há dado prova com este benefício e com os outros mais da Redenção, especialmente por te ter dado, o seu amor.

---

## CAPÍTULO XXIX.

### DA CONFISSÃO SACRAMENTAL

Várias cousas te são necessárias para que faças a Confissão como convem.

Primeiramente um bom exame de consciência, em que examinarás o teu estado e verás se cumpriste todos os preceitos de Deus.

À medida de que te fores relembrando de teus pecados, chora-os amargamente, considerando que ofendeste a Majestade de Deus e que não correspondeste à bondade e caridade que Ele teve para com o homem.

Diz então, contra ti mesma, estas palavras: *Haecce reddis Domino, stulte et insipiens? Nunquid non ipse est Pater tuus, qui possedit te, et fecit, et creavit te?"*

Esforça-te por excitar em ti a vontade de nunca teres ofendido a Deus e fala assim: "Oh, quem me dera nunca ter ofendido o meu Creador, o meu Pai Ce-

leste, o meu Redentor! Quem me dera ter sofrido todos os horrores para não o ter desgostado em nada!”

E, com viva fé no perdão, exclama com todo o arrependimento: “Pater, peccavi in coelum et coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus; fac me sicut unum ex mercenariis tuis”.

Renova muitas vezes o teu arrependimento e faz o vivo propósito de suportar as maiores dores, antes do que ofender voluntariamente a Deus. Confessa, arrependido, os teus pecados, accusando-os claramente, sem te excusares e sem acusares outras pessoas.

Depois da confissão, agradece a Deus, que te concedeu este benefício, apesar de o teres ofendido tantas vezes. Mais uma vez o Senhor te vem mostrar que sua vontade de perdoar é sempre maior que a do pecador, de ser perdoado.

Este pensamento te sirva para cresceres no amor divino e fazeres ardentes propósitos de não mais o ofenderes, com sua proteção, com a ajuda de Maria Virgem, do Anjo da Guarda e de algum outro Santo ou Protetor teu.

---

## CAPÍTULO XXX.

### **DE QUE MANEIRA SE DEVE VENCER AS PAIXÕES DESHONESTAS**

Excetuando apenas esta, todas as outras paixões se vencem combatendo de frente, recebendo feridas, buscando as batalhas, até que as vençamos de todo.

Mas com as paixões deshonestas devemos agir de outra maneira: não somente não as devemos nunca excitar, mas precisamos até nos afastar de tudo o que as pode excitar em nós.

Vence-se portanto, a tentação da carne e mortifica-se a paixão deshonestas, fugindo, e não afrontando a tentação ou a paixão.

Mais seguramente vence, pois, quem mais depressa e para mais longe foge.

Os bons hábitos, vontade sincera, as provas pelas quais já passaste, as vitórias que alcançaste, tudo isto e outras muitas cousas, não te induzem a que

fujas ao perigo? Foge, fuge, ó alma dilata, se não queres ser vencida.

Pessôas há que viveram a vida toda em companhia muito perigosa, e não caíram. Isto porem, não é de seu merecimento, mas de Deus.

Alem disso, muitas vezes não se vê uma pessoa cair, somente porque, de há muito, ela está caída por terra.

Foge portanto, e obedece aos avisos e exemplos que Deus te dá na Escritura, na vida de tantos grandes Santos, e muitas vezes, de várias maneiras, a cada dia.

Foge, fuge, nem te voltes para traz, a ver ou pensar no objeto de que estás fugindo. Correrás o perigo de, ao vê-lo, te sentires atraída para ele.

Se tens que tratar com pessoas perigosas, seja ligeira a tua conversa, e sê antes rústica que gentil. Pois as maneiras delicadas são, às vezes, o começo da perdição.

Cabe bem, a esta questão, o ditado: "Ante languorem adhibe medicinam".

Não esperes que a doença venha, mas fuge a tempo: esta é a medicina util.

E se, por desgraça, a enfermidade te ataca, para te curares é preciso que immediatamente "tu teneas et illidas par-

vulos tuos ad petram". Corre ao confessor e nada escondas, nem mesmo o menor pecado venial cometido por esta paixão, porque se o não confessares, este pequeno pecado será uma semente que germinará e crescerá.

---

## CAPÍTULO XXXI.

### **DAS PRECAUÇÕES, NECESSARIAS PARA SE FUGIR AO VÍCIO DA DESHONESTIDADE**

De muitas cousas teremos que fugir, para evitar que tome alento em nós, o vício da desonestidade.

**A primeira cousa**, e a principal entre todas, serão as pessoas que são ocasião evidente de pecado.

**A segunda**, as pessoas que não são ocasião tão evidente, mas que também podem levar ao pecado. Também dessas pessoas, quanto é possível, debes fugir.

**A terceira cousa**, serão as visitas, os presentes e as amizades, ainda que boas, porque mais facilmente as amizades boas se transformam em más, que as más em boas.

**A quarta cousa**, de que fugirás, será de tudo o que faz reacender em ti as

paixões, como músicas, canções, livros, pensamentos e cousas semelhantes.

A **quinta cousa**, de que poucos teem o cuidado de fugir, é o hábito de buscar alegria e prazer nas creaturas, como fazem, por exemplo, os que se vestem bem, os que guardam no quarto, unicamente para deleite próprio, cousas supérfluas, ou os que comem bem. Estes deleites são muitas vezes lícitos, mas acostumam o coração do homem a se deleitar e o fazem sedento de prazer. E assim, quando se lhe apresenta o inonesto (que, por sua natureza, entra até o interior dos ossos do homem), difficilmente o homem se mortificará, estando desacostumado a fazê-lo.

Muito ao envez, se o coração está acostumado a se privar de deleites lícitos, mal lhe surgir em frente o ilícito e o inonesto, fugirá, com grande facilidade, até mesmo do nome de pecado.

---

## CAPÍTULO XXXII.

### **QUE SE HÁ DE FAZER QUANDO SE CAIU NO VÍCIO DA IMPUREZA**

Se aconteceu que, por desgraça, ou por malícia, cedeste à tentação da carne, para que não acumules pecados sobre pecados, o remédio é ir ter com toda a pressa, mesmo sem outro exame de consciência, ao confessor. Aí, esquece de qualquer prudência humana, conta com toda a lealdade a tua doença, pedindo o remédio, e aceitando-o, por mais amargo e duro que seja.

Não adies o momento da confissão, haja embora cem mil razões para o adiamento. Porque, se adias, recais, e estas recaídas farão com que novamente adies. E, de adiamentos a recaídas, e de novas recaídas a novos adiamentos, um ano se passará antes que te confesses e te livres do pecado.

Mais uma vez te digo: se queres ficar

livre do vício da impureza, o único remédio é fugir com presteza.

Se te veem à mente pensamentos levianos, por menor que seja a impureza que eles contem, afasta-os com o mesmo cuidado com que repelirás os pensamentos claramente impuros.

E por mais certeza que tenhas de que são pecados leves, pois os repeliste a tempo, apesar disso confessa-os e denuncia o teu inimigo ao confessor.

E, se caíste, com maior razão corre a confessar-te, cuidando em não deixar que uma vergonha pecaminosa tome conta de teu coração e te impeça de contar tudo ao confessor.

---

## CAPÍTULO XXXIII.

### DOS MOTIVOS QUE DEVEM INDUZIR O PECADOR A VOLTAR PARA DEUS

4

O primeiro motivo será a consideração do próprio Deus, que é o Sumo Bem, o Onipotente, a infinita Sabedoria e Bondade, e da nenhuma razão que o pecador tem, de o ofender.

Não é a prudência que o induz ao pecado, pois não é prudência nenhuma transformar-se em réu nas mãos do Onipotente e Supremo Juiz.

Do mesmo modo, não é a conveniência ou a justiça, pois é cousa deveras intoleravel que a lama, o nada, a creatura, ofenda o seu Creador; que o servo ofenda o seu Senhor; o protegido, o seu protetor; o filho, seu pai.

O segundo motivo, será a obrigação que o pecador tem, de voltar para a casa de seu Pai. Esta volta do filho honra o pai, e põe em festa a casa toda, a vizinhança e os Anjos do Céu.

E assim como o filho ofendeu antes o Pai, desdenhando-o, assim também, o honra e o alegra, se chora amargamente o seu pecado e faz o firme propósito de lhe obedecer prontamente em tudo, para o futuro. O pai ficará de tal maneira comovido e tanta misericórdia sentirá no coração, que não julgará bastante contemplá-lo com afeto, mas correrá ao encontro do filho que volta, cairá em seus braços, beijá-lo-á e revesti-lo-á com sua graça e com seus outros dons.

O terceiro motivo será o interesse próprio. O pecador lembrar-se-á de que, se não se converte a tempo, virá de certo o inverno e o dia de sábado e ele cairá para sempre no inferno. Para que seu suplício fosse intolerável, já bastaria que a única pena do inferno fosse o recrudescimento interminável das paixões que prendiam aquela alma ao pecado, sem a mínima esperança de beber, algum dia, uma gota que fosse, daquela água que ele cobiçava. ;

E' péssimo propósito adiar para o fim da vida a conversão. Ou mesmo, adiar para alguns anos ou meses mais tarde. Grande é a malícia desde projeto.

Pois é sobeja prova de pouca inteligência, pretender superar uma dificul-

dade grande no tempo em que o homem se achará fraco.

Pela longa permanência no pecado, o homem cada vez mais vai tornando difícil sua conversão. Os hábitos máus vão crescendo, vão se transformando em natureza, e torna-se cada vez mais difícil dispor-se à graça da conversão. Além disso, desprezam a Deus, planejando esta maliciosa artimanha de desfrutar quanto o podem, das criaturas.

E Deus, vendo que o homem quer receber sua graça, somente no último instante da vida e por interesse próprio, pode, neste momento fatal, não ajudar eficazmente a alma do peçador.

E' digno de louco, este propósito de se converter na hora da morte: quem lhe garantirá que o possa fazer, e que não morrerá de repente, ou sem poder falar, como a tantos acontece.

Grita, grita, peçador que me lês, ao teu Deus? "Converte me et convertar: quia tu Dominus Deus Meus".

È não pares de assim falar, até que te tenhas convertido ao teu Senhor, Pai, e chores amargamente as ofensas que lhe fizeste e te disponhas a suportar tudo o que a Deus agradar enviar-te.

---

## CAPÍTULO XXXV.

### DO ARREPENDIMENTO E DA CONVERSAO

A melhor maneira de se arrepender de haver ofendido a Deus, é a meditação sobre a grandeza e bondade de Deus, e sobre sua caridade para com o homem.

Quem considerar que em pecando, offendeu o Sumo Bem e a Bondade Inefavel, que não nos fez e não nos faz senão o bem, enchendo-nos com a sua graça e fazendo o sol nascer para amigos e inimigos — que quem assim meditar, e vir que offendeu tão grande Senhor por uma nonada, por um capricho, pela cobiça, de um falso prazer, não poderá impedir-se que chore amargamente.

Imagina, portanto em frente a um Crucifixo, que o Senhor assim te fala:

**“Aspice in me** e considera as minhas chagas, uma a uma, e lembra-te de que foram teus pecados que neste estado me

deixaram. E no entanto, eu sou o teu Deus, o teu Creador, o teu benigno Senhor e piedoso Pai! Porisso **revertere ad me**, chorando as tuas culpas, com o ardente desejo de que nunca me tivesses ofendido, e com vontade decidida de suportar qualquer sofrimento, para não mais me ofender. **Revertere ad me, quóniam redimisti te**".

Pensa depois, em Cristo com uma corôa de espinhos na cabeça, com uma cana na mão, todo coberto de chagas. Imagina que Ele te esteja a dizer:

**"Ecce Homo**, eis o homem que te amou com um amor inefavel e que te remiu sofrendo estes escárneos e estas chagas, derramando este sangue. **Ecce Homo**, o homem que tu ofendeste, após te haver Ele demonstrado tantos benefícios. **Ecce Homo!** este homem é a misericórdia de Deus e a redenção da humanidade. Este homem, com todos os seus méritos, se oferece ao Pai, a toda a hora e a todo o momento. Este homem, sentado à direita do Pai, pede por ti e é teu advogado. Por que, então, me ofendes, ó peccador? por que não te convertes? **Reverte ad me; quia delevi ut nubem iniquitates tuas, et quasi nebulam peccata tua**".

---

---

## CAPÍTULO XXXV.

### EXPLICAÇÃO DOS MOTIVOS POR- QUE NÃO PROGREDIMOS NA VIRTUDE

São muitas as causas que levam o homem à tibieza e impedem que ele deixe os seus pecados, e se dê às virtudes.

Entre outras, notemos as seguintes:

O hábito que o homem tem, de não morar dentro de si mesmo e de não reparar no que se faz dentro de sua casa, e quem seja, agora, o seu proprietário. O que ele costuma fazer é, muito ao contrário, passar o dia entre passatempos e curiosidades.

E mesmo quando está ocupado com cousas boas e, em si, lícitas, esquece-se completamente da virtude e da perfeição cristã.

E, se lhe acodem à mente as suas necessidades e ouve a voz de Deus, que

o chama a que mude de vida, então responde:

“Cras, cras... depois, depois...”

Já se esqueceu do “Hoje” e do “Agora”. Tem o vício do “Cras” e do “Depois”. e sempre que ouvir um “Hoje” ou um “Agora”, responderá um “Cras” ou um “Depois”.

Outras pessoas há, que pensam que uma verdadeira mudança de vida, como também verdadeiros exercícios espirituais, consistam em certas devoções suas. Passam o dia inteiro recitando Padre Nossos e Ave Marias, e pouco se lhes dá mortificar suas paixões desordenadas, que as prendem às creaturas.

Outros se dão ao exercício das virtudes, mas não cuidam de dar-lhe alicerces seguros. Cada virtude deve fundamentar-se em si própria. Assim, a humildade tem por base o desejo da alma de ser tida em pouco, de ser rebaixada pelos outros e de sentir-se vil a seus próprios olhos.

Construidos estes alicerces, fácil será o resto: a alma receberá com alegria as pedras da humildade. Estas pedras serão a pouca estima que os outros farão de nós e as ocasiões de fazermos atos de humildade.

E assim, crescendo na alma o desejo

de ser pouco estimada, e, recebendo de boa vontade a pouca estima que os homens teem por ella, irá adquirindo a virtude da humildade, especialmente se a pedir muitas vezes a Deus, em nome de seu Filho humilhado.

Outros há, que fazem todas estas cousas, mas não as realizam por amor da virtude, ou para agradar a Deus.

O resultado é que não são virtuosos sempre, e em todos os atos: com estes, elle será humilde; e com aquelles, orgulhoso, conforme precisar, ou não, de sua estima.

Outros, desejam a perfeição cristã e a procuram conseguir, mas cogitam em empreendê-lo com suas forças, com indústrias e exercícios próprios. Não põem o fundamento de toda a perfeição em Deus e na desconfiança de si próprios. E porisso, em vez de marcharem para a frente, retrocedem.

Outros ainda, mal enveredam pelo caminho da virtude, já se creem em grande perfeição. E esta vanglória os afasta da virtude.

Para que adquiras a virtude e a perfeição cristã, mister se faz que, antes de mais nada, desprezes a ti mesma. Depois, confia em Deus, e esforça-te por

que cresça em ti, quanto sejá possível, o desejo da perfeição.

Alem disto, cuida não percas nenhuma ocasião de praticar um ato de virtude, por pequeno que seja. Se perdes-te alguma ocasião, castiga-te.

Por muito que avances na trilha da perfeição, imagina cada dia que estás a começar, e esforça-te por fazer todos os teus atos com tanta diligência, como se naquele ato consistisse toda a perfeição.

Guarda-te dos pequeninos defeitos, com a diligência com que foges dos grandes pecados.

Abraça a virtude pela virtude e para agradar a Deus. Porque assim, serás sempre virtuosa, estando sozinha ou estando acompanhada

E saberás, se for mister, deixar a virtude pela virtude, e Deus por Deus.

Não te voltes à direita e à esquerda. Não olhes para trás. Sê discreta, amiga da solidão, da vida meditativa e da oração. Pede a Deus, muitas vezes, que te dê as virtudes e perfeições que porfias por adquirir. Porque Deus é a fonte de todas as virtudes e perfeições, a que se deve recorrer a todo o momento.

---

## CAPÍTULO XXXVI.

### DO AMOR PARA COM OS INIMIGOS

Não obstante a perfeição ser a completa obediência aos preceitos divinos, apesar disto, é no preceito de amar os inimigos, que ela tem sua origem principal. A razão disto, é a grande semelhança que este preceito tem com o modo de agir, de Deus.

Porisso, se queres adquirir de fato a perfeição cristã, e com rapidez, cuida de observar tuõ quanto Cristo ordena no preceito do amor aos inimigos.

Ama-os, faz-lhes o bem que podes, ora por eles. Não porem, de má vontade, mas com tanto afeto que esqueças de ti mesma para que todo o teu coração vibre de amor por teus inimigos.

Faz-lhes o bem que te é possível. Quanto aos bens da alma, cuida, antes de tudo, nunca os ofendas. Teus gestos, tuas palavras, teus atos devem paten-

tear o amor e a estima que tens por elles e a diligência com que estás disposta a servi-los.

Quanto aos bens temporais, a prudência e o bom senso dir-te-ão o que deves fazer, levando em conta a qualidade dos inimigos, o teu estado e a diversidade das circumstancias.

Se atenderes a isto, verás que as virtudes e a paz entrarão e inebriarão a tua alma.

Mas é sempre difficil obedecer plenamente a este preceito. E' duro à natureza, não há dúvida, amar o inimigo. Mas tornar-se-á isto facil, se cuidares em reprimir os movimentos instinctivos de tua alma.

E se assim fizeres, adquirirás, com o tempo, muita facilidade em te dominares e terás sempre uma grande paz na alma.

Para ajudares tua fraqueza, quatro meios poderosos empregarás:

Um é a oração. Muitas vezes pedirás a Cristo que te conceda o amor aos inimigos, em virtude do exemplo magnifico que ele, na cruz, nos deu: lembrou-se primeiro de seus inimigos; em seguida, de sua mãe; e depois, de nós.

O segundo meio será repetir muitas vezes:

“E’ ordem do Senhor que eu ame os inimigos. Devo, portanto, fazê-lo”.

O terceiro meio será ver nos inimigos uma imagem do teu Deus e, por isso, amá-los.

O quarto é te lembrares do inefável resgate com que Cristo nos remiu: não foi com ouro, nem com prata, mas com seu preciosíssimo sangue. Lembrando-te disto, zela por que não se percam e se desprezem os frutos deste resgate.

---

## CAPÍTULO XXXVII.

### DO EXAME DE CONCIÊNCIA

Os diligentês costumam fazer o exame de consciência três vezes ao dia: antes do almoço, à tarde e à noite.

Se não podes fazer todas estas vezes, não deixes, ao menos, o exame da noite.

Por duas vezes Deus contemplou as obras que ele fizera para nós. Por que razão não examinaremos o que temos feito para com Deus, quando sabemos que mais de uma vez deveremos prestar a Deus, conta de nossos atos?

O exame se fará assim:

Primeiramente pedirás a Deus que te illumine para que conheças bem, todas as ocasiões que ele te ofereceu, de o servires. Não é preciso falar mais sobre este ponto, pois nele se condensam todas as obrigações de estado, de cada pessoa.

Agradece a Deus as obras boas que

fizeste e as vezes em que correspondeste à graça. Felto porem, o agradecimento, cuida de esquecer tudo e começar de novo o teu caminho, como se nada, até então, tivesses feito.

Arrepende-te de tuas faltas, de teus defeitos, de teus pecados. e diz ao Senhor:

“Meu Deus, eu sou uma pobre miseravel, de alma corrompida. Muitos pecados alem dos que cometi, eu houvera certamente de cometer, se tua proteçao não me socorrera. Agradeço-te, Senhor meu, por este beneficio. Peço a tua proteçao, em nome de teu dileto Filho. Perdôa os meus pecados e ajuda-me a que não mais te ofenda”.

Como penitência por tuas faltas e como estímulo para a emenda, mortifica a tua vontade em qualquer cousa lícita, pois isto muito agrada ao Senhor.

A mesma cousa digo quanto ao corpo. E nunca deixes estas pequenas mortificações, se não queres que tua vida espiritual se torne uma espécie de tibieza habitual, sem fruto nenhum.

---

## CAPÍTULO XXXVIII.

### DE DUAS REGRAS PARA VIVER EM PAZ

Quem puser em prática os conselhos que vamos dando neste livro, já terá sempre em paz a alma. Mas ainda quero, neste último capítulo, dar duas regras para que mais claro se torne a maneira como havemos de guardar sempre a paz da alma.

Uma das regras é afastares dos desejos o coração. O desejo é uma das traves duma cruz: e tanto mais pesada será esta trave, quanto maior for o desejo; e tanto mais numerosas serão as traves, quanto mais numerosos forem os desejos. Depois, quando veem as dificuldades, que impedem a realização de nossos desejos, estes contratempos formam a outra trave da cruz e a alma aflita, fica como que crucificada.

Quem portanto, não quer a cruz, nada deseje. E se crucificou-se em seus

desejos, despreze-os. Pois mal os tenha desprezado, descerá da cruz.

E' este o único remédio.

A segunda regra para conservar a paz interna é não pensar no acontecido, quando os outros te ofenderem. O que nos costuma vir à mente nestas ocasiões, é o seguinte: que eles não deviam fazer aquilo conosco; que eles pensam ser isto e aquilo, ou de fato são isso e aquilo outro.

Mas todos estes pensamentos para nada servem, senão para excitar em nós o ódio e o desassossego.

Pensa porem, quando estiveres nestas conjunturas, na virtude e no que Deus ordena, para que saibas o que deves fazer e não seja o teu erro pior que o deles. Acharás assim, o caminho da virtude e da paz.

Pois, se não fazes contigo o que deveras fazer, por que pretendes que outrem não proceda contigo assim?

E se te agrada a vingança, vinga-te de ti mesma, que és tua maior adversária e inimiga.

**DA PAZ INTERIOR**

**OU**

**O CAMINHO DO PARAIZO**

---

## CAPÍTULO I.

### DO GOVERNO DO CORAÇÃO

Teu coração foi creado por Deus com o fim único de amares a esse Deus e o possuies em teu coração.

Possuindo este amor, poderás fazer dele o que te aprouver. Qualquer coisa, então, por mais difficil que seja, te parecerá facilima.

Porisso, o que, antes de tudo, deves fazer, é cuidar de ter reta intenção, e de governar teu coração, para que teus atos externos nasçam verdadeiramente do interior.

As penitências corporais e todos os exercícos com que se castiga a carne, não há dúvida que são atos louvaveis, quando regrados por uma prudente discreção, que deve levar em conta as circumstancias pessoais de quem se penitencia.

Se, entretanto, tua vida interior não acompanhar estes atos, eles de nada te

servirão: nenhuma virtude adquirirás com eles. ã não ser vaidade é ventó báloufo de vanglória. Em uma palavra, será tempo perdido e fadigas desperdiçadas.

A vida do homem é uma guerra e uma tentação contínua. Cuida em estar sempre vigilante e zelar por uma imperturbavel paz de teu coração.

Se algo de inquietação sensual desponta em tua alma, procura logo sopitá-la, pacificando o teu coração e opondo-te a que ele se deixe atrair pelo mal.

Tantas vezes farás este esforço, quantas nascerem em tua alma aqueles movimentos, seja na oração ou seja em qualquer outro tempo.

Somente saberás orar bem, quando souberes agir bem.

Lembra-te, entretanto, de que tudo se há de fazer com suavidade e sem violência.

Em resumo, o principal e o contínuo exercício de tua vida, deve ser pacificar o teu coração e cuidar, não se deixe arrastar para o mal.

## CAPÍTULO II.

### DA PAZ INTERIOR

Antes de qualquer outra coisa, cumpre que guardes uma perpétua paz em tua alma. Mister se faz portanto, que ponhas uma sentinela sobre teus sentimentos.

Se o fizeres, chegarás a grandes cousas, sem grande esforço e com muita tranquilidade e segurança.

Com esta sentinela, que Deus te envia, cuidarás em orar com devoção, em obedecer com diligência, em humilhar-te e em suportar, sem te abateres, as injúrias.

’ Certamente que antes de adquirires esta paz, muito terás que sofrer. Mas depois, tua alma gozará grandes consolações, após qualquer contrariedade que te sobrevenha: E assim, dia a dia melhor te irás resultando no teu exercício pela pacificação de teu espírito.

Se, às vezes, te sentires atribulada, de

maneira a te parecer não poderes guardar paz na alma, recorre à oração e não a deixes logo, imitando Cristo, Senhor nosso, que três vezes orou no Horto. Ele queria, com isto, te mostrar que teu único recurso deve ser sempre a oração e que, por mais que te sintas abatida e desanimada, não deves deixar a oração. Orarás até que, por fim, vejas que tua vontade se dobrou à vontade divina, que a devoção e a paz voltaram à tua alma e já te animaste novamente a receber, abraçar e dizer a quem, antes, aborreciás: “Surgite, eamus; ecce appropinquat qui me tradet”.

---

## CAPÍTULO III.

### DA PERSISTÊNCIA EM ZELAR PELA PAZ DA ALMA

Como já dissemos, deves cuidar sempre não haja desassossegos em teu coração. Esforça-te por tê-lo sempre em paz, porque, assim, o Senhor edificará em tua alma uma cidade de paz e teu coração será mansão de prazer e de delícias.

Ele quer porem, de ti, que, após cada vez que perderes esta calma, te tornes a aquietar, em todos os teus atos e pensamentos.

E, assim como em um dia não se edifica uma cidade, assim também não penses que em um dia adquirirás esta almejada paz interior. Pois isto nada é senão a construção de uma casa, de um tabernáculo e templo para o Altíssimo. Será o próprio Senhor que o há de edificar, porque, a não ser assim, vão ser todo o esforço.

E lembra-te de que o fundamento deste exercício há de ser a humildade.

---

## CAPÍTULO IV.

### **DE COMO É NECESSÁRIO DESAPEGAR-SE DO AMOR AO PRAZER**

Deves entrar no caminho da paz interior, por sua única porta: a da humildade.

Para aí entrares, deves te esforçar muito especialmente no começo, para abraçar as tribulações e cousas adversas, e ter amor pelas cousas de que não gostas, como por alguma de tuas irmãs, por quem não sentes simpatia. Desejarás ser desprezada por todos e que ninguém te seja favoravel, ninguém te conforte em tuas máguas, a não ser o teu Deus. Grava no teu coração esta verdade: Deus, tão somente, é o teu bem e o teu refúgio; todas as outras cousas não passam de espinhos, e muito errada estarás, se as cingires ao coração.

Se te humilharam, tudo suportarás com alegria, tendo por certo que isto prova que Deus está contigo.

Outra honra não procures, senão padecer por seu amor, tudo o que for para sua maior glória.

Esforça-te por te alegrares, quando alguém te verbere com injúrias ou te despreze. Este desprezo é como o pó que cobre um grande tesouro. Se dele te aproveitares, cedo estarás rica, e nem mais te darás conta do que te está fazendo sofrer, no momento.

Não cobices o afeto de ninguém nem almejes que em boa conta te tenham, para que possas, sem que ninguém ponha embargo, sofrer com Cristo Crucificado.

Guarda-te de ti mesma, como de teu maior inimigo.

Não sigas a tua vontade, a tua inteligência, a tua opinião, se não te queres perder.

Quanto a este ponto, debes possuir armas com que te defendas: sempre que tua vontade se estiver inclinando para alguma cousa embora santa, considera-a, primeiro, com profunda humildade. Põe-na sozinha, isolada das outras, para melhor a poderes ver, e supplica ao Senhor que não se cumpra, a respeito daquela cousa, a tua vontade, mas a dele. Cuidá porem, não se imiscua na oração o teu amor próprio. Para evitar

o perigo, repete a ti mesma que nada és e nada podes.

Guarda-te dos teus pareceres, que simulam estar revestidos de santidade e de zelo. Desses diz o Senhor: "Guarda-te dos falsos profetas, que veem com pele de cordeiro e são lobos rapaces; pelos seus frutos conhecereis quem são".

Os seus frutos são deixar a alma na ansiedade e inquietação. Todas as cousas que te afastam da humildade e da paz interior, por mais que se embucem, são os falsos profetas, fantasiados em cordeiros.

Sob a capa de zelo pelo bem do próximo, esconde-se um lobo rapace que devorará tua humildade, tua paz, imprescindíveis a quem quer progredir.

Tanto mais deve ser a cousa examinada, quanto maior aparência de santidade ela tiver. Naturalmente, tudo isto deve ser feito com grande calma.

Se não atenderes a algo destes conselhos, não te perturbes: humilha-te perante o Senhor, reconhece a tua fraqueza, e esforça-te por ser mais fiel, para o futuro. Deus permitiu que caisses, talvez para humilhar tua soberba, tão escondida em ti, que nem mesmo a conheces.

Se alguma vez sentires que um espi-

nho venenoso te punge acerbamente, não te incomodes com isto, mas tem grande cuidado em não deixar que o espinho entre em tua alma. Leva para longe o teu coração e dirige a tua vontade para um lugar de paz e calma. Conserva tua alma sempre pura aos olhos de Deus. Encontrá-lo-ás sempre no amago de tua alma e no cerne de teu coração, se tiveres sempre reta intenção. Lembra-te de que tudo acontecere com sua permissão, para que seja provada tua virtude, a fim de que te torne melhor e sejas digna da corôa de justiça, que a divina misericórdia te preparou.

---

## CAPÍTULO V.

### DA NECESSIDADE DO ISOLAMENTO MENTAL

É preciso que tenhas grande respeito à tua alma, pois o Pai dos Pais e o Senhor dos Senhores, a creou para seu santuário e sua habitação.

Deves considerar de tanta monta esta verdade, que jamais deixes qualquer outra coisa entrar em tua alma.

Teus desejos e tuas esperanças apenas desejem e apenas esperem a vida do Senhor. Pois este, se não encontrar tua alma deshabitada nem mesmo a visitará. Em presença de outrem, suas únicas palavras serão de ameaça e repulsa. Ele quer morar sozinho na alma. Quer que ela esteja livre de pensamentos, livre de desejos e, muito especialmente, livre de vontade própria.

Não debes porem, decidir a teu bel-talante, as penitências que debes fazer. Nem, ao talante de tuas opiniões pró-

prias, buscar ocasião de sofrer por amor de Deus. Segue os conselhos de teu padre espiritual e de teus superiores. Elles te governam em lugar de Deus e por isso, em suas ordens, fala a vontade divina.

O que importa é que não sejas tu que faças o que queres, mas faça Deus o que ele quer em ti.

Cuida em desligar-te de tua vontade, isto é, em nada querer. E se, alguma vez, qualquer coisa quizeres, seja assim tua vontade que, não sendo possível fazer o que queres, mas justamente o contrário, esta contrariedade não te faça sofrer, antes, ao contrário, te sintas calma, como se nada de adverso se te houvera sucedido.

Esta é a verdadeira liberdade; não estar ligado a nada.

Se ofereceres a Deus a tua alma, assim livre, verás as maravilhas que o Senhor há de operar em ti.

O' solidão admiravel, camara secreta do Altíssimo — único lugar onde ele dá suas audiências e fala ao coração! O' deserto que te transformas em paraíso, pois somente aí Deus concede que se o veja e se lhe fale! Vadam et videbo visionem hanc magnam

Mas se queres chegar a esta solidão

de alma. tira tuas sandálias e anda a pés descalços, porque é santa a terra que pisas. Despe teus pés, isto é, despoja tua alma de seus afetos, não leves saco nem bolsa, pois nada deste mundo deves ambicionar. A ninguém deves saudar, mesmo que te vejas cercada de pessoas. Pois deves ocupar em Deus todo o teu pensamento e todo o teu afeto. Deixa que os mortos sepultem os mortos e marcha sozinha, tu, rumo à terra dos vivos, e não tenhas parte no reino da morte.

---

## CAPÍTULO VI.

### **DA PRUDÊNCIA QUE SE DEVE TER NO AMOR AO PRÓXIMO, PARA NÃO PERDER A PAZ DA ALMA.**

Se algum dia o experimentares, verás que o caminho da caridade para com Deus e para com o próximo, é a verdadeira estrada que nos leva ao céu.

Disse o Senhor que o fim de sua vinda à terra, era o de aí acender o fogo que a deve abraçar.

Mas, se nosso amor para com Deus não deve ter limite, não se dirá o mesmo, a respeito do amor para com o próximo: se não tivermos a devida moderação, grande dano nos poderá daí resultar. Para ganhar os outros, viremos a perder a nós mesmos.

Deves amar o próximo de um modo que não acarrete males para a tua alma. Estás obrigado a dar bom exemplo, mas nada deves fazer unicamente com este intuito, para que não te venhas a

danificâr com o bem que a outrôs fizeste. Faz tudo lhana e santamente, sem ter em mente o próximo, mas somente a Deus. Sê humilde em todas as tuas obras e verás quão pouco te é dado auxiliar a outrem, quando fazes algo orgulhosamente, sob pretexto de dar bom exemplo.

Não debes ter tal zelo pelas almas, que venhas a perder a paz e o sossego. Deves ter ardente sêde de que todos conheçam a verdade que tu conheces e se inebriem deste vinho que Deus promete e dá, de graça, a todos.

Esta sêde pela salvação do próximo, debes tê-la sempre. Mas isto te deve advir, não de teu zelo indiscreto, mas do amor que tens a Deus.

Deus é que haverá de trazer esta planta à solidão de tua alma e somente ele há de colher, quando tal lhe aprouver, os frutos. De ti mesma nada debes semear, mas somente oferecer a Deus a terra de tua alma, livre de tudo, para que ele aí semeie, quando o quiser. E assim tua alma se encherá de frutos.

Nunca te esqueças de que Deus quer a tua alma isolada, livre de tudo. Somente quando assim a vê se dedigna de nela habitar.

Deixa que ele livremente te escolha.

Não lhe estejas a por empeços com o teu livre arbítrio.

Não penses em ti mesma, para não desagradares a Deus. E espera assim, que as inspirações do Senhor te levem a a-  
gir.

Esquece de tudo, despe-te de toda a solicitude a respeito de ti mesma e de todo o afeto às cousas terrenas, afim de que Deus te vista de si mesmo, e te inspire pensamentos que, de ti mesma, nunca terias. Esquece-te, quanto o podes, de ti mesma, e vive unicamente do amor de Deus.

De tudo o que dissemos, guarda o seguinte pensamento: é preciso que, com toda a diligência, ou melhor, sem nenhuma diligência que te tire o sossego, te dês a pacificar o teu zelo e fervor, regrado-os com a moderação, afim de que Deus conserve em ti uma paz e uma tranquilidade perfeita, e tua alma não perca aquilo de que ela tem necessidade, distribuindo-o indiscretamente ao próximo.

Silenciar assim, é gritar com voz forte aos ouvidos de Deus. Ficar neste ócio é o máximo dos negócios — o único negócio de te enriquecer, que possas fazer com Deus. Esta inação necessária, vem a ser, afinal de contas, a perfeita união

da alma, desapegada de tudo, com Deus.

Deves porem, conquistar esta paz, sem te attribuires algum merecimento e sem que penses ter feito alguma coisa de grande. E' Deus que faz tudo e, de teu canto, nada deves desejar senão que ele te humilhe. Cuida somente em lhe apresentar uma alma livre de todos os apegos terrenos e adornada com o desejo de que se cumpra em ti, perfeitissimamente, em tudo e por tudo, a divina vontade.

•

---

## CAPÍTULO VII.

### DO DESAPEGO A VONTADE PRÓPRIA

Deves tudo fazer com serenidade, marchando passo a passo, começando pelo pouco e confiando sempre naquele Senhor que te chamou: "Vinde a mim, ó vós quanto trabalhais e vos esfalfais, porque eu vos aliviarei. Todos vós que tendes sede, vinde a esta fonte viva".

Deves seguir este chamado divino, esperando o impulso do Espírito Santo. Então, lançar-te-ás resolutamente e de olhos fechados, no mar da Divina Providência e da Vontade Divina.

Rogarás que se cumpram em ti todos os desígnios divinos, sem que oponhas a mínima resistência, de modo a que os planos divinos te transportem ao porto da virtude e da salvação.

Deves reiterar este ato, mil vezes a cada dia: Após, diligência, com quanta segurança te é possível, exterior e inte-

rior, aproxima-te, com todas as potências de tua alma, a quantas cousas excitam em ti o amor divino e te levam a louvar, amar e desejar o Senhor. Estes atos porem, é preciso que os faças sem violência de teu coração, não aconteça que estes esforços indiscretos e inoportunos, te cansem, te endureçam e venham a te tornar impossíveis os atos virtuosos.

Toma sempre conselho dos experimentados e esforça-te por desejar muitas vezes meditar sobre as cousas santas e, se possível, dedicar-te à consideração da bondade divina e dos amorosos beneficios que te tem ela dispensado. Recebe então, gratamente, as doçuras que sua inextimavel bondade derrama sobre tua alma.

Abstem-te de procurar, à força, verter lágrimas ou ter outras devoções sensíveis. Fica sossegada em tua solidão interior, esperando que se eumpra em ti a vontade de Deus.

Se ele te der o dom das lágrimas, então elas te serão doces, sem que se faça mister teu esforço. Receberás porem, este dom divino com calma, paz e humildade.

A chave com que se abrem os segredos dos tesouros espirituais é o despre-

zo de si mesmo, em tudo e a todo o tempo.

Com esta chave fecha-se também a porta do coração, à aridez da mente, quando a temos por nossa culpa. Pois quando vem de Deus, esta aridez é um dos tesouros da alma.

Teu deleite deve ser estar com Maria aos pés de Cristo e escutar o que te diz o Senhor.

Cuida não te distraiam teus inimigos, dos quais és tu o maior. Lembra-te de que, quando pensas em Deus e nele repousas, o gozo de tua alma é muito maior do que se seguisses tua imaginação, pois Deus é infinito e se encontra todo em todas as cousas, e todas as cousas se encontram nele.

Por experiência saberás desta verdade, se buscares a Deus: mas que o faças para o encontrar e não para te encontrares a ti mesma. As delícias do Senhor é estar com os filhos dos homens, para nos fazer dignos dele. embora nenhuma necessidade Ele tenha de nós. *x...dit*

Nas tentações, não te apegues de tal modo aos pontos, que não queiras meditar senão neles. Mas detem-te no pensamento em que encontras paz, e saboreia as delícias do Senhor, seja qual for

o momento em que Ele ta quizer comunicar. Se, porisso, largas os planos feitos, não te dêscrúpulos, porque o fim único destes exercícius é saborear o Senhor. Importa porem, que não se alce este prazer a único fim da oração, mas sim, que se amem as obras do Senhor e o imitemos, no que o podemos. Pois nunca nos devemos ater aos meios, mais que aos fins.

Uma das cousas que muitas vezes impede o caminho da paz, é a ansiedade: o espírito se atem a minúcias e não deixa que Deus o conduza pela estrada dos desígnios divinos, pois a alma persiste em querer enveredar por onde ela planejou ir, levando em conta apenas a sua vontade, sem que pesquise qual seja a do Senhor.

Isto porem, é procurar a Deus, fugindo de Deus. E' querer contentar a Deus, desprezando a vontade divina.

Se verdadeiramente almejas chegar ao desejado fim, não tenhas nenhum outro intento e nenhum outro desejo, senão o de encontrar a Deus. E faz somente aquilo que Ele mostrou ser de sua vontade que o faças. Esquece todas as outras cousas e repousa em teu Senhor.

Quando agradecer ao Senhor retirar-se de tua alma, deixando de se manifestar,

então por-te-ás novamente a procurá-lo, continuando os teus exercícios. Mas sempre com a mesma intenção de encontrar, na paz da alma, um meio para amar a Deus. Readquirindo a paz e a alegria no Senhor, faz de novo aquilo que dissemos: despreza tudo e podes estar certa de estar cumprindo a vontade divina. 9

E' preciso considerar com todo o cuidado este ponto, porque muitas pessoas espirituais perdem grande fruto de seus esforços e jamais conseguem ter perfeita paz na alma, por persistirem demais em seus exercícios, parecendo-lhes que nada fazem se não chegam até o fim. Pensam que a isto se cifra a perfeição, fazem-se proprietários de sua vontade e vivem preocupados com ela, como quem trabalha por empreitada. E assim, não conseguem ter a verdadeira paz interior, onde está e repousa o Senhor nosso.

---

---

## CAPÍTULO VIII.

### DA DEVOÇÃO AO SS. SACRAMENTO

Esforça-te por ter uma fé sempre mais viva no Santíssimo Sacramento. Nunca admirarás suficientemente este incompreensível mistério. Considera muitas vezes a razão por que Deus se mostra sob espécies tão humildes: para te fazer mais digna, pois bem-aventurados são os que não viram e creram.

Não tenhas o desejo de ver a teu Deus, nesta vida, sob forma diferente daquela de que ele se reveste no santo altar.

Procura inflamar-te de amor por ele, para que tua vontade esteja pronta, sempre e cada vez mais, a obedecer à sua divina vontade.

Quando orares ao Deus Sacramentado e te ofereceres a ele, deves ter em tua alma a firme resolução de suportar, por seu amor, todas as dores e pesares que sofreres, todas as injúrias com que te cobrirem, todas as enfermidades que te

sobrevierem, e a aridez na oração e fora da oração. Deves lembrar-te do seguinte pensamento: muitas vezes hás de sentir esta aridez e apenas deves cuidar de que não sejas, tu mesma, a sua causa.

Toda a tua felicidade será sofrer com o teu amado Jesús, e unicamente por seu amor.

·Não sejas inconstante naquilo que encetas, querendo hoje uma coisa e amanhã, outra. Mas persevera no que começaste e não duvides de que, lançando mão, com paz e serenidade, dos meios que te tenho apresentado, perseverarás até o fim, pois de tal modo te acostumarás a esta serenidade, que te seria intoleravel tormento viver, uma hora que fosse, sem esta paz.

---

---

## CAPÍTULO IX.

### DE COMO SOMENTE A DEUS DEVEMOS PROCURAR

Ama os sofrimentos e alegra-te de que não encontres consolo nas amizades e de que não gozes dos favores mesquinhos, que nenhum bem trazem à alma. Alegra-te também de que dependas sempre da vontade dos outros.

Tudo te deve levar a Deus e nada te deve motivar empeços à marcha.

Tua consolação será que tudo te é amargura e somente Deus é teu descanso.

Oferece ao Senhor todos os teus sofrimentos. Ama-o e abre-lhe teu coração, sem temor algum. Ele te conduzirá pela estrada verdadeira e te levantará, quando caíres.

Em uma palavra: se o amares, tudo terás.

Oferece-te a Deus, com paz e serenidade, em holocausto. E para melhor marchares por esta estrada, sem desanimar

é sem ansias, é bom que, a cada passo, disponhas a tua alma a conformar tua vontade à de Deus.

E tanto mais graças hás de receber, quanto maior for tua conformidade.

A disposição de tua vontade deve ser a seguinte: Tudo querer e nada querer, segundo Deus quer ou não quer.

A cada passo, acende em ti um sentimento de gratidão para com Deus, e não penses no que hás de fazer, depois do momento em que agora estás.

Nada se opõe entretanto, a que todos providenciem, com prudente solícitude e diligência, pelas cousas necessárias ao seu estado. Ocupar-se nisto não desagrade a Deus, nem causa estorvos à paz interior, nem impede o proveito espiritual.

Em todas as cousas, toma a firme resolução de apenas fazeres aquilo que podes e deves.

Olha com indiferença para tudo o que acontece fora de ti.

Aquilo que sempre podes fazer, é oferecer a Deus a tua vontade e procurar que nada desejes. Porque, sempre que possuíres esta liberdade e te tornares livre de tudo — cousa que podes fazer em qualquer tempo e lugar, possuindo algum officio, ou sem officio nenhum gozarás então, de paz e tranquillidade,

Nesta liberdade de espírito consiste a felicidade que almejas. Esta liberdade obtem-se, permanecendo o homem em seu interior, sem se por a cubiçar ou procurar cousa alguma fora de si.

Todo o tempo em que fores assim livre, gozarás desta tua santa servidão. E' nesta servidão que consiste o grande reino que temos dentro de nós.

---

---

●

## CAPÍTULO X.

### DAS DIFICULDADES ÍNTIMAS QUE SE APRESENTAM AOS QUE PROCU- RAM ESTA PAZ

Muitas vezes a perturbação entrará em tua alma e te sentirás sem esta consoladora paz. E dos movimentos de teu coração levantar-se-ão nuvens de poeira que te tornarão fastidioso o caminho que deves trilhar.

Deus o permitirá, para teu maior bem. Foi nesta guerra que os santos conquistaram suas corôas de méritos.

Sempre que te sentires assim perturbada, exclama:

“Senhor, olha para o teu servo. Faça-se em mim a tua santa vontade.

Sei, e o confesso, que tuas palavras não erram e tuas promessas não falham, e confio nelas. Olha para a tua creatura e faz comigo quanto te aprouver. Deus meu, nada quero fazer que ponha obstá-

culos à realização de teus desígnios. Pertence-te inteiramente”.

Feliz a alma que assim se oferece ao seu Senhor, cada vez que se sentir perturbada!

Se esta batalha durar e, não poderes conformar, tão prestes quanto almejarias, a tua vontade com a de Deus, não desanimes com isto, mas prossegue no teu oferecimento e na tua oração. E, por fim, vencerás.

Considera a Cristo que se esforça, no Horto, por aceitar o cálice que a parte humana de sua natureza recusava: “Pater, si possibile est, transeat a me calix iste”.

Mas sua alma logo readquiria forças e, com vontade enérgica, livre, e com humildade profunda, dizia: “Verumtamen non mea, sed tua, fiat voluntas. Inspice. et fac secundum exemplar”.

Quando te achas em dificuldades não dêes um passo sem levantar os olhos a Cristo, pendente da cruz. Verás, em letras bem grandes, como te debes portar.

Imita fielmente este exemplo.

Mas desanimes, se, por vezes, o teu amor próprio te perturba. Nem porisso deixarás a tua cruz, mas continúa a orar e persevera na humildade, até que percas tua vontade própria e te inflames no

desejo de que a vontade divina se cumpra em ti. Se este for todo o fruto de tua oração, contenta-te com isto.

Mas, se não chegas a ter este desejo, tua alma se sentirá fraca, pois estará sem o seu alimento.

Esforça-te por que cousa alguma, a não ser Deus, habite tua alma, um instante sequer.

Esforça-te por não ter aversão a nada.

Nem consideres a malícia e os pecados dos outros, mas faz como as crianças que com nada disso se preocupam e porisso nada sofrem com estas cousas.

---

## CAPÍTULO XI.

### **DAS ARTIMANHAS COM QUE O DEMÔNIO COMBATE A PAZ DE NOSSA ALMA**

O nosso adversário está sempre a procurar meios de devorar a nossa alma. Porisso esforça-te porque percamos a humildade e a simplicidade, e atribua-mos o nosso progresso não à graça, mas aos nossos esforços e à nossa inteligência.

Tudo, no entanto, foi feito pela graça, sem a qual, nem mesmo poderemos pronunciar o nome de Jesú.

E embora possamos de nós mesmos, com o livre arbítrio, resistir à graça, não nos poderemos porem, sem a graça, tornar dóceis a ela. De sorte que, se alguém não segue os impulsos da graça, é por culpa sua; mas se segue estas inspirações de Deus, não faz, nem o pode fazer sem a graça, que a todos é dada em medida suficiente.

Nosso adversário tem em mente que nos julguemos mais diligentes que os outros e esperemos receber sempre mais numerosos dons de Deus. Mas o demônio quer que façamos tudo isto com soberba, que prescindamos da consideração de nossa insuficiência, quando a verdade é que sem o auxílio divino, nada podemos fazer. E assim, cheguemos a desprezar os outros, porque, segundo pensamos, os outros não fazem o que nós fazemos.

Porisso, se não cuidas muito e não fazes muitas vezes, atos de humildade, cairás em soberba, como aquele fariseu do Evangelho, que se gloriava de suas virtudes e julgava que todos os outros eram pecadores.

Esta soberba abriria o caminho de tua alma ao demônio, que se tornaria senhor de tua vontade e introduziria aí toda a sorte de vícios. Grande seria então, o dano e o perigo.

Para nos livrarmos disto, ordenou-nos o Senhor, que vigiassemos e orassemos.

E' necessário, portanto, que estejas advertido do perigo, afim de que não te prive, o inimigo, de tão grande tesouro, qual é a paz e a serenidade de alma.

Com toda a pertinácia, o demônio não cessa de intentar privar-te deste repouso e perturbar a alma com ansiedades e

desassossegos. Este é o grande dano que ele quer causar à nossa alma.

De fato, é um grande dano, porque, se nossa alma goza de serenidade, trabalha com facilidade, faz muito e faz tudo bem. Porisso deves perseverar no caminho tomado e resistir galhardamente aos encontros.

Se porem, a alma sente-se perturbada e inquieta, pouco faz. tudo sai imperfeito, cedo cansa e vive num martírio, completamente infrutuoso.

Se queres triunfar, se queres te furtar às artimanhas do inimigo, de nada deves cuidar tanto, como de não deixar o desassossego entrar em tua alma. nem consentir em que fiques, um momento sequer, inquieta.

E para que melhor te saibas guardar de enganos, toma por regra o seguinte: Todo e qualquer pensamento que te afasta de um maior amor e confiança em Deus, é um máu pensamento e, como tal, deve ser combatido e rejeitado. Pois as inspirações do Espírito Santo nos levam sempre a uma maior união da alma com Deus, e nos inflamam neste doce amor e nos enchem de santa confiança. As inspirações do demônio, induzem justamente ao contrário; para isto, vale-se ele de todos os meios, por exemplo, in-

fundindo-nos grande temor, aumentando nossa fraqueza ordinária, dando-nos a entender que nossa alma não está disposta como devia, tanto para a Confissão, como para a Comunhão e a oração. E a alma, com todas estas insinuações, torna-se tímida, desconfiada e inquieta. Além disto, o demônio faz com que sofram sem resignação a falta de devoção sensível, e faz com que pensemos que estamos perdendo nosso tempo e que melhor seria deixar tantos exercí-cios. E, nesta inquietação e desconfiança, julgamos que tudo o que fazemos é inútil e sem fruto algum, crescendo então nossa angústia e temor. Chegaremos até mesmo a pensar que fomos abandonados por Deus.

A verdade, porem, é toda outra, pois são inumeráveis os bens que nos adveem da aridez e da falta de devoção sensível. O que é preciso, é que a alma entenda aquilo que Deus pretende com esta prova que lhe envia. Enquanto perdura este estado a alma apenas deverá exercitar a virtude da paciência, perseverando em obrar bem, quanto lhe é possível.

Para que melhor percebas o quanto de util e de bem te provem desta provação, e para que a prova não te venha a resultar em mal, por não a teres enten-

dido, brevemente exporei os bens que te advirão de uma humilde perseverança nos exercícios, durante o estado de aridez.

Assim, não perdêrás o sossego, quando te acontecer que te encontres em estado de aridez de mente e de angústia do coração, ou em alguma tentação, por mais horrível que seja.

---

## CAPÍTULO XII.

### **A ALMA NÃO SE DEVE INQUIETAR COM AS TENTAÇÕES EXTERIORES**

Muitos são os bens que a aridez e as dificuldades espirituais causam à alma, se esta as recebe com humildade e paciência.

Se a alma entendesse esta verdade, certamente não se deixaria inquietar e afligir, quando sobreviesse a prova. Pois nunca a tomaria como um sinal de ódio de Deus contra a sua alma, mas como o testemunho de um grande e particular amor. Sabedora disto, a alma acataria a aridez espiritual, como uma grande graça do *c. s.*

Muito bem se poderá notar a verdade deste pensamento, considerando como a aridez não ocorre senão àqueles que, mais do que os outros, porfiam por se entregarem inteiramente ao serviço de Deus e fugirem de quanto seja ocasião

de pecado. Além disto, raramente lhes sobreveem a aridez no começo de sua conversão. Comumente ocorre-lhes quando já teem servido, algum tempo ao Senhor, e quando já tomaram a firme resolução de servi-lo sempre com maior perfeição e já meteram mãos à obra.

Os pecadores e os que apenas se preocupam das cousas do mundo, não se queixam destas tentações.

Disto deduz-se claramente que a aridez espiritual é um manjar precioso que Deus oferece somente àqueles que ele ama. E, conquanto, ao nosso gosto seja alimento insípido, muito lucrámos com ele, embora disto não nos apercebamos naquele momento.

Muito lucrámos porque, a alma se sente árida, sofre tentações terríveis cuja só lembrança a enche de horror, e com isto vem a adquirir temor e ódio de si mesma e a humildade que Deus quer que a alma tenha.

Quem, entretanto, não sabe deste segredo, aborrece este estado, quer sempre sentir gosto e deleite na oração e julga tempo perdido e fadiga sem proveito, qualquer exercício que não estiver acompanhado deste gosto e deste deleite!

---

## CAPÍTULO XIII.

### AS TENTAÇÕES NOS SÃO ENVIADAS POR DEUS PARA NOSSO BEM

Para entendermos que é Deus quem nos envia, para nosso bem, as tentações, devemo-nos lembrar que o homem, devido à má inclinação de sua natureza corrompida, é soberbo, ambicioso e sempre se presume valer mais do que realmente vale.

Esta estima é a tal ponto perigosa para o proveito espiritual, que bastam leves resquícios desta presunção para que fiquemos impossibilitados de atingir a perfeição.

Porisso, Deus, com sua amorosa vigilância por cada um dos homens, e, muito especialmente, por aqueles que estão ao seu serviço, cuida de por a alma em estado que a salve do perigo e, quase que forçados, façamos justo conceito de nós mesmos.

Assim Deus fez ao apóstolo São Pe-

dro, permitindo que ele o negasse, a fim de que se conhecesse a si próprio e não confiasse em si. E ao apóstolo São Paulo, após o levar ao terceiro céu e patentear-lhe os segredos divinos, enviou-lhe duras tentações, a fim de que ele conhecesse sua fraqueza natural e se humilhasse, glorizando-se unicamente de suas enfermidades, e para que a grandeza das revelações que Deus lhe fizera não lhe abrisse caminho à presunção. De tudo isto, o próprio São Paulo dá testemunho.

Deus se apieda de nossas misérlas e más inclinações e permite que sejamos tentados de muitas maneiras e, às vezes de um modo terrível, para que nos humilhemos e saibamos verdadeiramente quem somos.

A nós, porem, muitas vezes parece que sejam inúteis e prejudiciais aquelas tentações.

Mas Deus, assim procedendo, mostra a sua bondade e sabedoria, pois, com aquillo que a nós nos parece mais nocivo, mais ele se alegra, para que mais nos venhamos a humilhar. E é de humildade que mais carece nossa alma.

Ocorrerá todavia, amiude, que o servo de Deus, preocupado com sua aridez de espírito, com sua tamanha frieza na

oração e com os máus pensamentos que lhe acodem à mente, pense que isto lhe advenha devido às suas imperfeições. e que ninguém haja que sirva a Deus com maior tibieza, e tantos defeitos tenha, como ele. Pensará também, talvez, que tais tentações só ocorram às almas que Deus abandonou. E que, portanto, também ele, merece ser abandonado por Deus.

E assim, quem se pensava, antes, valer alguma cousa, agora, curado de sua doença por este amargo remédio que o céu lhe enviou, vê que ele é o pior dos homens, indigno até do nome de cristão. Jamais, porem, havia de fazer de si este conceito, se não tivesse sofrido aquelas grandes tribulações e aquelas tentações extraordinárias.

Grande graça faz Deus às almas que se entregaram às suas mãos, em as tratando como lhe apraz e dando-lhes aqueles remédios que ele, e somente ele, sabe serem úteis e necessários para o bem daquelas almas.

Alem deste bom efeito, ainda há outros, que as tentações e provações produzem na alma.

Pois, a braços com a tribulação, o homem se vê obrigado a recorrer a Deus

e procura viver bem, para se livrar daqueles sofrimentos.

Com o mesmo intuito, ele examina seu coração, foge do pecado e de tudo o que é imperfeição ou o afasta de Deus.

E assim, o homem vê a provação que lhe é de grande utilidade. Julgava-se nociva e vê agora que lhe serve para aproximar-se de Deus com maior fervor e afastar-se de tudo quanto não parece conforme à vontade divina.

Todas estas tribulações, todas estas fadigas e esforços, não passam de um amoroso purgatório, se suportarmos tudo com paciência e humildade. E ainda estes sofrimentos nos darão no céu, aquela gloriosa corôa que só com o sofrimento se adquire. Tanto mais gloriosa ela há de ser, quanto maiores tiverem sido as tribulações.

Como erramos, então, em nos afligirmos com estas provações. As pessoas inexperientes logo atribuem aos seus pecados e imperfeições, ou ao demônio, aquilo que é o próprio Deus quem lhe envia. Tomam como sinal de ódio o que é sinal de amor. Tomam como frutos de um coração irado, as carícias e os favores divinos.

Imaginam então, que é baldado e sem

mérito, tudo quanto fazem e que o seu estado não tem mais remédio.

E' preciso que as almas façam um justo conceito da realidade e tenham a certeza de que, se bem se aproveitam das ocasiões, estão em excelente estado. Todos estes sofrimentos são mais uma prova da amorosa providência que Deus tem por nós.

Se as almas soubessem bem de tudo isso, não se inquietariam nem perderiam a paz, por se verem cercadas de tentações e imagens perversas, ou por se sentirem áridas e frias na oração e nos outros exercícios. Prosseguiriam serenas e perseverantes, humilhar-se-iam perante o Senhor e fariam novo propósito de cumprir, em tudo e por tudo, a vontade que o Senhor quisesse. Além disso, esforçar-se-iam por conservar sempre a paz e a tranquilidade, tudo aceitando do Pai celeste, pois de Deus provem o cálice de amargura que, às vezes, nos é oferecido a beber.

Mas, sejam moléstias, tentações dos homens ou do demônio, ou sejam teus pecados, qualquer coisa que seja o que te aflige, é sempre Deus que te envia. embora o faça de várias maneiras, consoante mais lhe apraza.

E' Deus que te envia esta provação

emborá só repares na sua parte má, por exemplo, quando teu próximo te causa algum desgosto ou te ofende.

Deus, porem, se serve disto para teu beneficio.

Em vez de te afligires com isto. e te contrariares, debes, ao contrário, agradecer ao Senhor, com grande alegria, fazendo o que podes, com perseverança e resolução, sem perder tempo em lamúrias.

Com isto, obterás os grandes méritos que Deus quer que adquiras, com a ocasião que elle te oferece.

---

## CAPÍTULO XIV

### **DO QUE CONVÉM FAZER PARA QUE NOSSAS FALTAS NÃO NOS FAÇAM PERDER A PAZ**

Em tuas obras ou palavras, poderás cair, alguma vez, em falta ou negligência, como, por exemplo, inquietando-te por algo que te ocorra, ou murmurando e revoltando-te internamente contra qualquer cousa, ou não refreando algum acesso de impaciência ou de curiosidade, enfim caindo em qualquer espécie de falta, uma vez, ou muitas vezes.

Acontecendo-te isto, não fiques inquieta, nem te aflijas a pensar no que aconteceu, angustiando-te e perdendo a tranquilidade, dizendo a ti mesma que é impossível reagir contra tua fraqueza, ou, que a causa de tudo são as tuas imperfeições e pouca firmeza de propósitos, ou ainda, dizendo que não caminhas no espírito e na estrada do Senhor.

Todas estas idéias te poderão vir à

mente. Mas o único fruto será que estes temores te encherão de descontentamento e desanimo. Sentirás acanhamento de te apresentares novamente a es' Senhor, em quem não confiaste e a cuja fé não foste fiél.

Perderás o tempo em improficuos exames sobre teus atos, examinando-te se foi pensadamente que cometeste a falta, e se consentiste ou não. Entremettes, sentindo-te fora da estrada da perfeição, te sentirás pecadora e temerás a confissão. Longo tempo permanecerás, em escrúpulos, no confessionário e nem assim a calma retornará ao teu coração, pois parecete-à que não confessaste tudo. Tua vida se tornará dura, pois referta de inquietação. E pouco será o fruto e grande a perda de méritos.

A causa de tudo isto é não conhecermos nossa fragilidade natural e não entendermos a maneira como deve a alma praticar com Deus.

Se, porem, tivermos estas verdades em mente, mais facilmente cuidaremos de uma humilde e amorosa conversão, quando tivermos caído.

Muito mais vale esta humildade e reto discernimento das cousas, do que o desanimo, a aflicção e escrúpulosos exames das faltas veniais em que caímos.

Provavelmente, estas aflições versarão sobre faltas ordinárias e veniais, pois trato, agora, das almas que procuram viver no caminho da perfeição. Os que vivem em pecado mortal e ofendem a Deus por qualquer nonada, estes precisam de um remédio diferente do que vimos, agora, apresentando: a estes não falta razão de viverem perturbados e de tomarem nímio cuidado em se examinarem e se confessarem, pois o que urge quanto a estes, é que, por culpa e negligência própria, não se venham a perder eternamente.

Voltando ao nosso assunto, acrescento que devemos ter paz e sossego, não somente após cometer faltas ligeiras, como também se tivermos caído em pecados mais graves.

Somente assim, nossa conversão terá como base, a confiança no Senhor.

Pode Deus permitir que caiamos às vezes em faltas mais graves que as costumeiras. Talvez sejam elas numerosas e as façamos, não por fraqueza, mas por malícia.

Mas o arrependimento não a levará a um estado perfeito, se não for acompanhado de amorosa confiança na bondade e misericórdia de Deus.

Disto devem principalmente cuidar,

as pessoas que desejam, não somente deixar as suas misérias, mas, ainda, adquirir as virtudes, crescer no amor de Deus, é a ele, mais e mais, se unirem.

Muitas almas espirituais não se decidem a aceitar esta verdade. Por isso estão sempre abatidas e desconfiadas. Não andam para a frente, no caminho da virtude e não se predispõem a graças maiores, que Deus tem em mente lhes conceder. E, pautando-se por este teor, a vida se lhes torna pesada.

Mas é inútil ter compaixão deles, porque não querem seguir senão suas idéias e não abraçam a verdadeira e salutar doutrina que leva os homens às mais altas virtudes da vida cristã e àquela paz que Cristo trouxe à terra.

Sempre que dúvidas de consciência deixarem inquietas estas almas, devem recorrer ao Padre espiritual ou a outra pessoa que lhes pareça conspícua para este mister.

Acatem com docilidade o que for respondido e retornem à paz do coração.

O capítulo seguinte dirá o que ainda me resta expôr sobre a inquietação proveniente das faltas cometidas.

---

## CAPÍTULO XV.

### DA PAZ IMPERTURBAVEL EM QUE DEVE VIVER A ALMA

Nunca te esqueças da seguinte regra: por mais que tenhas caído em faltas, conquanto grandes, embora nela recaisses quatro mil vezes não obstante faltasses voluntariamente — apesar de tudo, não te inquietes, abandonando-te a uma dor exaustiva, não percas a paz, não te ponhas a perscrutar muito a tua consciência.

Mas, reconhecendo tua falta, considera tua fragilidade e, com humildade, volta-te amorosamente para teu Deus e diz-lhe vocalmente ou em tua alma: "Senhor, pequei porque sou lama da terra, e outra cousa, que não estes e outros defeitos, não se poderia de mim esperar. E, se não fossem os auxílios de tua vontade, em muitos outros pecados eu haveria de cair. Agradeço-te por tudo aquilo de que me livrastes e arrepen-

do-me de ter pecado, não correspondendo às tuas graças. Perdoa-me e concede-me que não mais te ofenda é que nada me separe de ti, pois a ti unicamente quero servir e obedecer sempre”.

Fala assim e não percas tempo com inquietações, calculando se o Senhor te terá perdoado ou não.

Prosegue com fé e tranquilidade, em teus exercícios, como se em nenhum pecado tivesses caído.

Agirás assim, não uma vez somente, mas cem vezes, se for preciso, e a todo o momento, e sempre com a mesma confiança.

Grandemente honras a bondade de Deus, procedendo desta maneira. Nunca te esqueças de que a bondade divina é infinita, e sempre maior do que o podes imaginar.

E assim, não continuarás a obstar aos progressos de tua alma. Marcharás sempre para a frente e não perderás mais tempo, vãmente e sem fruto algum.

Alem disso, avaliando com justeza a tua miséria, curvando-te perante Deus, e reconhecendo, amando e exaltando a sua misericórdia, ficarás perdoada de teus pecados e de tuas faltas.

Verás então, que, com o auxilio divi-

no, voltarás, após a queda, a um lugar mais alto do que aquele em que estavas, antes de ter caído.

Muito deviam pensar nisto, as almas inquietas e ansiosas. Veriam quanta é a sua cegueira, pois perdem, com grande dano, muito tempo, que deveriam dedicar à vida espiritual.

Deve-se levar em muita conta esta verdade, pois ela é uma das chaves que a alma possui para abrir o cofre dos tesouros espirituais e, para, muito breve, enriquecer-se.

# ÍNDICE

	pág.
Ao leitor .....	5
Oferecimento .....	7
<b>Cap. I</b> — Em que consiste a perfeição cristã. Para conquistá-la é preciso combater. Quatro cousas necessárias para este combate. ....	9
<b>Cap. II</b> — Da desconfiança de nós mesmos .....	16
<b>Cap. III</b> — Da confiança em Deus	17
<b>Cap. IV</b> — Como saber se o homem age com desconfiança de si e ↳ confiança em Deus .....	21
<b>Cap. V</b> — Do erro em que muitos caem, de tomarem a pusilanimidade como virtude .....	23
<b>Cap. VI</b> — Outros conselhos para que nos habituemos à desconfiança de nós mesmos, e à confiança em Deus .....	25
<b>Cap. VII</b> — Como devemos fugir da ignorancia e tambem da curiosidade .....	28

- Cap. VIII** — Do motivo porque não discernimos bem, nos assuntos referentes a nós mesmos, e do modo como discernir bem neste assunto ..... 31
- Cap. IX** — De outra precaução que a inteligência deve tomar, para ter discernimento claro ..... 34
- Cap. X** — Do exercício da vontade, e do fim com que devemos fazer todas as nossas ações interiores e exteriores ..... 37
- Cap. XI** — De algumas considerações que induzem a vontade a procurar em todas as cousas o agrado de Deus ..... 44
- Cap. XII** — De muitas vontades que existem no homem e da guerra que fazem entre si ..... 46
- Cap. XIII** — Do modo de combater contra os apetites dos sentidos e dos atos que a vontade deve fazer, para adquirir os hábitos da vontade ..... 50
- Cap. XIV** — O que devemos fazer, quando a vontade superior parece vencida e completamente sufocada pelos inimigos ..... 57

- Cap. XV** — De alguns conselhos a respeito do modo de combater, e especialmente contra que cousa e com quaiis virtudes, se o deve fazer ..... 61
- Cap. XVI** — O soldado de Cristo se deve apresentar ao campo de luta, logo nas primeiras horas do dia ..... 64
- Cap. XVII** — Da ordem que se deve guardar no combate às nossas paixões viciosas ..... 67
- Cap. XVIII** Do modo de resistir aos movimentos das paixões .. 68
- Cap. XIX** — Do modo de combater contra o vício da carne ..... 71
- Cap. XX** — Do modo de combater a negligência ..... 78
- Cap. XXI** — Sobre o cuidado que se deve ter a respeito dos sentidos externos, para que estes sentidos nos levem à contemplação da divindade ..... 84
- Cap. XXII** — Como as cousas nos servem para regrarmos os nossos sentidos, se delás nos utilizarmos para meditar sobre o Verbo Incarnado ..... 89

- Cap. XXIII** — De outro modo de regrar os sentidos, segundo as diversas circunstancias que se apresentam ..... 92
- Cap. XXIV** — Do modo de por freio à língua ..... 100
- Cap. XXV** — O soldado de Cristo deve fugir das inquietações do coração ..... 104
- Cap. XXVI** — Do que devemos fazer quando somos feridos .... 109
- Cap. XXVII** — Das manhas do demônio, contra os virtuosos e contra os pecadores ..... 113
- Cap. XXVIII** — Das manhas do demônio contra os pecadores .... 114
- Cap. XXIX** — Das manhas do demônio contra os que se querem livrar do pecado, e porque não surtem efeito, tantas vezes, os nossos propósitos ..... 116
- Cap. XXX** — Como muitos se creem, arradamente, no caminho da perfeição ..... 120
- Cap. XXXI** — Dos enganos do demônio, quando tem em mira deixemos o caminho das virtudes ..... 123

- Cap. XXXII** — Do último estratagemma do demônio para que a virtude adquirida, nos seja ocasião de ruina ..... 129
- Cap. XXXIII** — Como vencer as paixões viciosas e adquirir novas virtudes ..... 138
- Cap. XXXIV** — Como se deve usar de critério, ordem e paciência, na conquista das virtudes .... 143
- Cap. XXXV** — Dos meios de progredir na virtude, e de como, durante algum tempo, devemos ter cuidados especiais em adquirir uma virtude determinada .. 145
- Cap. XXXVI** — Da contínua solicitude que devemos ter ..... 149
- Cap. XXXVII** — Não se deve fugir das ocasiões de adquirir as virtudes ..... 151
- Cap. XXXVIII** — Do amor às ocasiões de exercitar as virtudes 154
- Cap. XXXIX** — Como ocasiões diversas nos servirão para exercitarmos uma mesma virtude .. 158
- Cap. XL** — Como cada virtude tem seu tempo e dos sinais pelos quais conheceremos nossa virtude ..... 161
- Cap. XLI** — Não nos devemos deixar levar por nossos desejos .. 164

<b>Cap. XLII</b> — Da tentação de indiscreção .....	167
<b>Cap. XLIII</b> — Do juízo temerário .....	171
<b>Cap. XLIV</b> — Da oração .....	175
<b>Cap. XLV</b> — Da oração mental ..	181
<b>Cap. XLVI</b> — Do modo de orar por meio da meditação .....	184
<b>Cap. XLVII</b> — De outra maneira de orar meditando .....	187
<b>Cap. XLVIII</b> — Da oração, por meio da meditação sobre a Virgem Maria .....	188
<b>Cap. XLIX</b> — Como devemos recorrer com fé e confiança, a Maria Virgem .....	191
<b>Cap. L</b> — Do modo de meditar e orar, pensando nos anjos e santos .....	194
<b>Cap. LI</b> — Sobre o modo de excitar nossos afetos, meditando sobre a Paixão de Cristo .....	197
<b>Cap. LII</b> — Dos proveitos que tiraremos da meditação e imitação de Jesús Crucificado .....	204
<b>Cap. LIII</b> — Do Santíssimo Sacramento da Eucaristia .....	210
<b>Cap. LIV</b> — Da Comunhão Sacramental .....	212
<b>Cap. LV</b> — Do amor que devemos excitar em nós, antes de recebermos a Sagrada Comunhão	217

<b>Cap. LVI</b> — Da Comunhão Espiritual	226
<b>Cap. LVII</b> — Da ação de graças ....	229
<b>Cap. LVIII</b> — Do oferecimento ....	231
<b>Cap. LIX</b> — Da devoção Sensível e da aridez .....	235
<b>Cap. LX</b> — Do Exame de Consciência .....	242
<b>Cap. LXI</b> — Sobre a necessidade que temos, de combater até à morte .....	244
<b>Cap. LXII</b> — Da preparação para uma boa morte .....	246
<b>Cap. LXIII</b> — Da tentação contra a fé, uma das quatro armas com que na hora da morte o inimigo nos assalta .....	248
<b>Cap. LXIV</b> — Do Desespero .....	250
<b>Cap. LXV</b> — Da Vanglória .....	252
<b>Cap. LXVI</b> — Das Ilusões e falsas Aparições .....	254

## **ANEXO AO COMBATE ESPIRITUAL**

	pág.
<b>Cap. I</b> — A perfeição Cristã .....	259
<b>Cap. II</b> — Da Necessidade de lutar, para se conseguir a perfeição ..	260
<b>Cap. III</b> — De três cousas necessárias ao novo soldado de Cristo	261

<b>Cap. IV</b> — Da resistência, da violên- cia, e do modo de usá-las .....	262
<b>Cap. V</b> — Do exame das próprias forças .....	265
<b>Cap. VI</b> — Do Amor .....	267
<b>Cap. VII</b> — Da Vontade .....	269
<b>Cap. VIII</b> — Da força que a von- tade adquire, quando despreza o mundo .....	270
<b>Cap. IX</b> Do segundo modo de au- xiliar a vontade .....	273
<b>Cap. X</b> — Das tentações de sober- ba espiritual .....	275
<b>Cap. XI</b> — Do terceiro auxílio à nos- sa vontade .....	277
<b>Cap. XII</b> — Do hábito da presença de Deus .....	278
<b>Cap. XIII</b> — De alguns avisos a respeito da oração .....	280
<b>Cap. XIV</b> — De outro modo de orar .....	282
<b>Cap. XV</b> — Quarto modo de auxi- liar a vontade .....	283
<b>Cap. XVI</b> — Da meditação sobre o Ser Divino .....	284
<b>Cap. XVII</b> — Da meditação sobre o poder de Deus .....	286
<b>Cap. XVIII</b> — Da meditação sobre a sabedoria de Deus .....	287

<b>Cap. XIX</b> — Da meditação sobre a bondade de Deus .....	288
<b>Cap. XX</b> — Da meditação sobre a beleza de Deus .....	289
<b>Cap. XXI</b> — O que Deus faz pelo homem .....	290
<b>Cap. XXII</b> — O que Deus faz dia- riamente pelo homem .....	291
<b>Cap. XXIII</b> — Da paciência de Deus para com os pecadores ..	292
<b>Cap. XXIV</b> — Sobre os dons que Deus nos dará no Céu .....	294
<b>Cap. XXV</b> — Quinto auxílio à von- tade humana .....	297
<b>Cap. XXVII</b> — Do sexto auxílio à nossa vontade .....	302
<b>Cap. XXVIII</b> — Da Comunhão Sa- cramental .....	305
<b>Cap. XXIX</b> — Da Confissão Sacra- mental .....	307
<b>Cap. XXX</b> — De que maneira se devem vencer as paixões des- honestas .....	309
<b>Cap. XXXI</b> — Das precauções ne- cessárias para se fugir ao ví- cio da deshonestidade	312

- Cap. XXXII** — Que se há de fazer, quando se caiu no vício da impureza ..... 314
- Cap. XXXIII** — Dos motivos que devem induzir o pecador a voltar para Deus ..... 316
- Cap. XXXIV** — Do Arrependimento e da Confissão ..... 319
- Cap. XXXV** — Explicação dos motivos porque não progredimos na virtude ..... 321
- Cap. XXXVI** — Do amor para com os inimigos ..... 325
- Cap. XXXVII** — Do exame de consciência ..... 328
- Cap. XXXVIII** — De duas regras para viver em paz ..... 330

**DA PAZ INTERIOR ou CAMINHO DO PARAISO**

- Cap. I** — Do governo do coração .. 335
- Cap. II** — Da paz interior ..... 337
- Cap. III** — Da persistência em zelar pela paz da alma ..... 339
- Cap. IV** — Como é necessário desapegar-se do amor ao prazer 340
- Cap. V** — Da necessidade do isolamento mental ..... 344

- Cap. VI** — Da prudência que se deve ter no amor ao próximo, para não perder a paz da alma 347
- Cap. VII** — Do desapego à vontade própria ..... 351
- Cap. VIII** — Da devoção ao SSmo. sacramento ..... 356
- Cap. IX** — De como somente a Deus devemos procurar ..... 358
- Cap. X** — Das dificuldades íntimas que se apresentam aos que procuram esta paz ..... 361
- Cap. XI** — Das artimanhas com que o demônio combate a paz de nossa alma ..... 364
- Cap. XII** — A alma não se deve inquietar com as tentações exteriores ..... 369
- Cap. XIII** — As tentações nos são enviadas por Deus, para nosso bem ..... 371
- Cap. XIV** — Do que convem fazer para que nossas faltas não nos façam perder a paz ..... 377
- Cap. XV** — Da paz imperturbável em que deve viver a alma 381

